

Grave revés para Felipe Gonzalez

Direita ganha na Catalunha

Págs. centrais



Quinze dias com os "Nicas"

Em 1964, a Universidade de Brasília lançou uma série de esforços para fortalecer a imprensa redatora. Alceu Barcelos, que trabalhava como chefe de pessoal no Departamento de Cultura, ficou do primeiro dia 2 publicando artigos em jornais e revistas locais. Sérgio Ramalho, um dos mais importantes jornalistas da época, também participou da primeira edição de 2 de novembro de 1964.

Esta manhã

Banco assaltado na Avenida do Brasil

Três indivíduos (dois dos quais falando com «sotaque espanhol») assaltaram esta manhã, cerca das 11 e 50, a agência da União de Bancos Portugueses (UBP), na Avenida do Brasil, em Lisboa. Embora a quantia roubada ainda não tenha sido referida, uma fonte policial contabilizou-a a «alguns milhares de contos». Os dois assaltantes que entraram na dependência estavam armados com uma pistola e uma caçadeira de canos serrados. A fuga foi levada a cabo num «Fiat» que, para além de ter chocado de raspão num poste de iluminação, foi ainda alvejado à pedrada por um popular. No local compareceram dois carros-patrulha da esquadra da PSP do Campo Grande e elementos da Polícia Judiciária.



Cimeira dos Cinco em Maputo reafirma apoio a Angola, Moçambique, SWAPO e ANC

Pág. 20

Agostinho cai na Quarteira

Na etapa desta manhã, um desfecho imprevisto: vítima de queda, quando já avistava a meta na Quarteira, Joaquim Agostinho foi tratado no hospital de Faro e encontra-se neste momento em repouso absoluto, sendo de prever a sua desistência na «Volta ao Algarve».

Pág. 14

Amanhã não há “DL”

Amanhã, dia 1 de Maio, Dia do Trabalhador, é feriado nacional, não se publicando por isso, o «Diário de Lisboa», encontrando-se encerrados todos os nossos serviços. Voltaremos ao contacto com o público leitor, na próxima quarta-feira, dia 2.



No solar verde-branco: Wando e Jorge Gomes destruíram as últimas ilusões que Alvalade alimentava

Arraial minhoto pôs lisboetas KO

Págs. 13 a 15

FP-25 contra agrário
em S. Manços

Bebé e senhora mortos por bomba

Uma bomba destruiu esta madrugada em S. Manços, a 20 quilómetros de Évora, a casa do agrário Dionísio Ciroula, causando a morte do seu neto, um bebé de dois meses, Nuno Manuel. O atentado, assumido pelas autodenominadas «FP-25», esteve ainda na origem da morte de uma septuagenária, vizinha do agrário. Rosário Caeiro Pereira, que sofria do coração, não resistiu ao susto do impacto, tendo sucumbido no Hospital de Évora. As «FP-25» acusam Luís Ciroula de «dever milhares de contos à Cooperativa «Unidade de S. Manços» e de lhe ter roubado terras com a cobertura do Centro Regional do MAFA». A acção foi considerada como «uma provocação», em vésperas do 1.º de Maio, pelo Secretariado das UCP's e das Cooperativas Agrícolas do distrito.

Pág. 8

Pág. 8

Primeiro de Maio sob o signo da crise

CGTP: Lutar por Maio, cumprir Abril'

UGT: 'Emprego para todos'

Pág. 7

Pág. 7

q opinião dos outros

o diário



Baltazar
30.4.84

O DIA

«Os que, de memória ou de estudo, tenham conhecimento dos últimos tempos da I República, não podem esquecer muito do que então se passou e que tem singular reflexo no que se vai passando agora nesta III República, a II partidista, que os desavindos adeptos insistem em apelar de Jovem Democracia. Certo é que, inegavelmente jovem, ela se tem mostrado heredo-decência e não menos heredo-corrupta.

Greves, tumultos, bombas, crises ministeriais sucessivas, assaltos, roubos e confusões, ausência de autoridade e da própria noção de Autoridade, hostilidade à Igreja e aos seus princípios morais, saneamentos selvagens, domínio da Maçonaria, empobrecimento geral, etc., etc. E tudo isto, acompanhado de vez em quando, de impropérios dos idealistas frustrados, condenando os atropelos dos oportunistas, de que foi, então, exemplo frisante a violenta e cáustica campanha de Homem Cristo no 'Povo de Aveiro' (...)

de Jacinto Ferreira
30.4.84

CORREIO da manhã

«Um consórcio de bancos estrangeiros concedeu à Petrogal um empréstimo de 20 milhões de contos. Esta elevada quantia destina-se à compra de petróleo bruto, por parte daquela empresa. Conclusão: o que temos, já não chega 'pró-pitrol'»

de V. D.
30.4.84

O GLOBO

«Têm vindo a público, ultimamente, várias notícias sobre a vida deste jornal. Todas elas, de uma maneira geral se referem a problemas relacionados com salários em atraso, o que presente-mente, não constitui qualquer novidade num país onde a cerca de duzentos mil trabalhadores sucede o mesmo.

Entretanto a situação que enfrentamos é, profundamente preocupante e avulsa das dificuldades que a Imprensa, em geral, enfrenta, dificuldades que, naturalmente, atingem também este jornal que luta para encontrar um espaço no mercado português que lhe permita viver.

É evidente que «O Globo» ainda não atingiu esse objectivo e daí as preocupações de todos nós e particularmente dos responsáveis por uma empresa, a braços com elevadíssimos encargos para os quais não encontra uma compensação que permita satisfazer todas as responsabilidades contraídas.

Mas no meio de tudo isto o que é, porém, lamentável é que sejam, precisamente oficiais do mesmo ofício a propagar notícias que em alguns casos não correspondem totalmente à verdade e no fundo só servem para desprestígio da profissão e ao mesmo tempo de um órgão da Imprensa onde trabalham jornalistas e a quem o fracasso do jornal afecta, directamente, lançando-os no desemprego o seu encerramento (...)

30.4.84

Diário de Notícias

«Mário Soares admitiu que se o seu partido o quiser lançar na corrida para Belém, em princípio nada tem a opor. Os dirigentes do PS, por seu turno, têm repetidamente falado em termos que denunciam a sua convicção de que o secretário-geral do partido deverá candidatar-se à Presidência da República. Logo, não parece exagero afirmar-se que, em princípio, estão reunidas as condições mínimas para a referida candidatura. Talvez Mário Soares não tenha acrescentado grande coisa àquilo que sempre disse a este respeito, conforme veio depois lembrar o seu gabinete, na sequência da entrevista ao «Jornal de Notícias». Tal esclarecimento, porém, é redundante, pois ninguém pretenderá, com certeza, que o primeiro-ministro tenha feito uma declaração formal no sentido de se candidatar. Consta-se apenas que ele não enjeita a ideia que outros vão alimentando. E isto, em assunto de tamanha importância, não é irrelevante. (...)

do editorial
30.4.84

Nicarágua, Nicaraguinha

Alice Nicolau

Nicarágua, Nicaraguinha — cantam os jovens na igreja de Santa Maria de Los Angeles, durante as missas do padre Uriel Molina. Nessa igreja, cujos adornos mais vistosos são quadros alusivos à soberania, à independência, à dignidade nacionais. Nicarágua, Nicaraguinha, cercada por terra e mar, Nicarágua, Nicaraguinha, militarmente presa numa tenaz que se aperta cada dia mais.

NICARÁGUA, que nem sequer tem capital. Porque Manágua é a capital inexistente. Os 600 milhões de dólares dados pela ajuda internacional para a reconstrução de Manágua foram sumir-se nos bolsos sem fundo de Somoza e seus acólitos. E hoje, doze anos passados sobre o terramoto (50 mil mortos), cinco anos passados sobre a insurreição triunfal (outros 50 mil mortos), há nas ruas, à beira das ruas, esqueletos de automóveis dentro dos quais floresce o matagal; há prédios todos abertos ao ar, e outros, cheios de fendas, parcialmente sumidos na voragem, onde assomam, nas zonas que ficaram de pé, os trapos humildes das mães de família (nascidas há poucos anos e já tão velhas) que aí encontraram habitação para o seu rancho de filhos. O centro da capital é uma memória fotográfica denominada-se «ruínas de Manágua». De pé, ficou apenas o Banco Americano, que hoje ostenta, iluminado, de noite, o perfil de Sandino, com o seu chapéu de abas largas.

Perto desse edifício, o esqueleto calcinado da Catedral e a casa arrumada, branca, bonita, luminosa que é a sede do Governo. Um pouco afastado, o edifício, que ali parece uma nave marcial, do Hotel Intercontinental, centro de uma certa Manágua, de todos os jornais e de todos os negócios. Para quem percorre Manágua, a cidade é um lento descobrir. Há árvores, arbustos, poeira, lixo, papéis esvoaçantes, fumo de lenha que arde nas casas, no restolho e nos fogões da rua, o calor inclemente (rodando os 40 graus), tudo quanto, enfim, nos rouba a vista de uma cidade, especialmente se ela é feita de casas muito baixas e de tugúrios mais baixos ainda. As ruas movimentadas, as lojas, o bulício da multidão — nada disso existe em Manágua. Ainda por cima, a circulação é uma aventura: os autocarros, velhos, poucos, enchem-se como cachos de bananas. Os táxis esses circulam em direcção desconhecida — que raramente é a nossa — carregando quatro, cinco ou mais passageiros, que se renovam pelo caminho. No chão, há os regueiros acastanhados e putridos da pobreza, e de quando em quando, passeia-se, tranquilo, um rato, bicho preso à terra, acompanhante fortuito dos pássaros negros, gordos, de cauda longa, sempre palrando e voando de árvore em árvore e de árvore para o chão, fazendo das patas róseas os seus trens de aterragem.

Atrás de tudo isto, esconde-se algo que pode definir-se como uma cidade. Um restaurante que nos surpreende pelo bom gosto, pelo requinte, um centro comercial, cujas boutiques nada ficam a invejar a algumas de Lisboa, casas de habitação por vezes muito luxuosas.

E por todo o lado os «compas»: os militares que são jovens, mas que nos parecem ainda mais jovens do que são. Nos seus uniformes verde-oliva, eles são, nessa capital, onde poderíamos esquecer a guerra, a lembrança constante de que a defesa é a prioridade máxima desse país ameaçado de morte pelo ferro, sufocado pelo bloqueio.

Temos o direito de perguntar porquê. Temos o direito de saber por que razão esses jovens, que podiam ser nossos filhos, são retirados das escolas onde se preparavam para o tanto que há a fazer nesse país em reconstrução e se arriscam a morrer nas



Oito navios podem ter sofrido danos devido à minagem dos portos da Nicarágua (Foto SIPA Press/DL)

fronteiras com as Honduras e a Costa Rica. Temos o direito de saber por que razão um povo ao qual tudo foi negado continua a ver adiadas muitas das promessas pelas quais os seus filhos morreram e morrem ainda.

Lendo o jornal «La Prensa», ouvindo os políticos da oposição, analisando as declarações dos bispos, chegaríamos a uma conclusão: existe uma guerra civil no país, devido ao facto de os sandinistas se recusarem a partilhar o poder com outras correntes ideológicas da população.

A primeira falácia está nesse termo «guerra civil». Não existe guerra civil no país. Percorremos uma certa extensão do território da Nicarágua, estivemos a quilómetro e meio da fronteira com a Costa Rica, e a cerca de 50 quilómetros da fronteira com as Honduras: por todo o lado, vimos os «compas», as colunas de camiões, mas pudemos constatar (e qualquer um que vá à Nicarágua pode constatar) que não existe uma parte da população erguida em armas contra outra parte da população. Existem, de facto, bolsas de ocupação militar, muito restritas e temporárias, de grupos armados que penetram no país, idos do exterior. Grupos armados que circulam em água onde não têm peixe e que dependem inteiramente do apoio fornecido pelo exterior para sobreviverem como tais.

E quem são esses grupos? O mais forte, que se avalia em oito mil homens, são os somozistas, parte do exército de trinta mil homens que constituía a Guardia Nacional. Os seus ataques concentram-se junto da fronteira com as Honduras, em zonas particularmente desérticas, onde é quase impossível desalojá-los. Atacam também na costa atlântica, região praticamente desconhecida até ao triunfo sandinista, que só agora começa a ter ligações com o resto do país. Na costa atlântica, os somozistas contam com o apoio de outro grupo, os homens de Fagoth, confessadamente da CIA, antigo informador dos somozistas, que explora a sua qualidade étnica e a ignorância do seu próprio povo (os índios miskitos) para levar a efeito a sua acção contra-revolucionária.

Junto à fronteira com a Costa Rica operam os homens (menos de mil) de Eden Pastora, financiado e apoiado pela CIA, que encontra cumplicidade em certos funcionários do governo da Costa Rica para desenvolver as suas acções de terror e infiltração.

Se o grupo de Eden Pastora

contasse com o apoio da população, é evidente que não se contentaria com acções como a mais recente e mais propagandeada em San Juan del Norte, à qual voltaremos noutro artigo. Sem apoio externo, o grupo de Eden Pastora já teria morrido de morte natural. Aliás, a certa altura, Pastora anunciou que abandonava a luta porque lhe estavam a escassear os financiamentos. Declaração esta que teve pelo menos o mérito de pôr em evidência as bases reais em que se apoia.

No caso dos somozistas, eles têm as suas razões para lutar. São o sector derrotado, o sector interdito da nova sociedade nicaraguana.

Foi contra eles que a Frente Sandinista lutou durante vinte anos e foi a derrota deles que custou 50 mil vidas aos nicaraguianos.

Eles foram, durante os 45 anos da sua existência, os agentes de uma guerra tenaz contra os «inimigos internos»: a esmagadora maioria da população. Foi muito dura, violenta, sangrenta a luta. Seria bizarro que, depois de uma vitória destas do povo contra os seus inimigos de quatro décadas, as portas da Nicarágua lhes fossem abertas de novo. É algo que escapa a toda a lógica da história. Imagine-se — descontando a desproporção do exemplo — que, depois dos milhões de mortos da Segunda Guerra, os Aliados, esmagando como esmagaram as tropas do Eixo, iriam convidá-las ao diálogo, à pacificação; e iam combinar uma convivência pacífica (mantendo talvez Hitler ou os seus acólitos no poder) com os derrotados. Que sentido tomaria então a mortandade da guerra? Que sentido teria a luta do povo da Nicarágua contra os somozistas, se agora se fosse dialogar com eles, compartilhar com eles o poder?

A segunda falácia está em aludir a sandinistas, como se eles detivessem sozinhos o poder e constituíssem uma única corrente de pensamento, de ideologia de obediência política. Na Frente, na própria Junta, no próprio governo coexistem várias ideologias, várias correntes partidárias.

Na Espécie de Estado — que é uma conspécie de Parlamento — estão representados todos os sectores ideológicos, partidários e sociais da população. Aliás, toda a luta anti-somozista se caracterizou desde o início por essa convergência de cidadãos, provindos dos mais diversos quadrantes ideológicos e so-

ciais, unidos num anseio simbolizado por Sandino: a recuperação da independência, da dignidade, da soberania nacionais. Deste modo, o «sandinismo» não configura uma ideologia exclusivista: é antes uma bandeira, à sombra da qual se abrigaram todos os que nestes últimos vinte e cinco anos lutaram contra Somoza e o seu sustentáculo externo.

Oposição e descontentamento

Mas existe ou não existe oposição na Nicarágua de hoje? Existe ou não existe descontentamento? Claro que existe oposição interna. Claro que existem descontentes. A oposição significativa, de peso social, ao regime sandinista é aquela que deseja para a Nicarágua o mesmo que desejam os bandos contra-revolucionários armados e os meios estrangeiros que os sustentam. É uma oposição de classe (mas, como veremos nos restantes artigos, sendo de classe, não abrange todos os indivíduos dessa classe, pois muitos deles colaboram activamente com a revolução). Esta aliança não surpreende. Como diz Júlio Cortázar no seu livro «Nicarágua tão violentamente doce», a burguesia é muito internacionalista, talvez mais do que o próprio proletariado. A oposição interna é constituída fundamentalmente pelos burgueses apeados do poder político, e cercados na sua liberdade empresarial, oposição essa que tem a sua voz própria, os seus partidos políticos e que pode, nas eleições de Novembro próximo, sujeitar-se ao teste democrático das urnas. A existência desta oposição é um fenómeno histórico e socialmente compreensível e ao qual os sandinistas coexistem e estão dispostos a coexistir daqui para o futuro. Tivemos oportunidade de conversar com um dos representantes dessa oposição, e chegou quase a comover-nos a ingenuidade com que esse homem desejava colher os frutos da luta dos outros contra o somozismo. Estes burgueses da oposição são aqueles que acabaram por se zangar com Somoza, quando o ditador deitou as unhas demasiado ávidas a todos os bolsos.

A vida seria uma coisa paradisíaca para estes burgueses se tivessem agora a oportunidade de mandar no país, fazer todos os seus negócios, andar de braço dado com os meios imperialistas, depois de 50 mil pes-

Continua na pag. 17

política de A a Z

Os dez anos que se vão seguir

COMEMORADO o décimo aniversário da Revolução de Abril, recordados romanticamente ou com realismo avaliados os dez anos vividos, é agora ocasião de pensarmos na década futura, e não apenas na perspectiva das próximas eleições presidenciais. São dez anos difíceis que poderão ser os anos decisivos para a construção, ou destruição, do «País de Abril».

Dizêmo-lo, com a serenidade que nos é consentida, sem desespero, mas com uma grande preocupação. É preciso passar da meditação e da reflexão crítica aos trabalhos positivos, duros, quotidianos. É preciso passar do discurso crítico à intervenção. Das palavras aos actos. Não basta proclamar que Abril não é só passado, que, também, é futuro. É preciso fazer esse futuro.

E nesse fazer a história imediata, há que queimar os dedos. É trabalho.

Muitos são os que pensam na década agora iniciada. Nesta segunda década de Abril. E sabemos que pensam tendo em conta que as eleições presidenciais como objectivo político concreto e como motivo de mobilização popular poderão oferecer uma ocasião de viragem política e social.

Entrevistado pelo «Jornal de Notícias», do Porto, o Primeiro-Ministro falou das eleições presidenciais, e admitiu ser candidato. Mas admitiu, também, o desgaste do Poder e manifestou a opinião de que «a questão presidencial é uma questão ainda futura».

Ninguém o contesta. As eleições terão lugar em 1985, depois do Verão. E adivinha-se que será um Verão de altas temperaturas. O CDS, reunido em Coimbra o seu Conselho Nacional, acenou ao Professor Freitas do Amaral e declarou-se contrário a uma candidatura de Mário Soares, a uma candidatura do «bloco central». Para o CDS a eleição presidencial representa a oportunidade de «abrir o caminho de uma nova década», de uma década na qual o socialismo não esteja só «fechado numa gaveta», mas tenha sido confundido e derrotado, do texto da Constituição completamente banido.

De Abril se demarcando o CDS, e não só pela atitude desflorida dos deputados na sessão comemorativa do 25 de Abril na «Assembleia da República», perante o que considera ser a «repetida incapacidade do Governo» e a «crise política institucional mais vasta e aprofundada», lança uma campanha para uma nova revisão da Constituição e ergue nos seus escudos uma campanha clamorosa a propósito da legislação que, em casos restritos, despenalizou o «aborto». Fã-lo para conquistar graças e apoios. A próxima década é decisiva para o CDS.

Por isso, e é o seu direito pensá-lo e dizê-lo, o CDS atribui todas as desgraças nacionais aos dez anos «de um regime de socialismo democrático ou de democracia-socialista»; regime de que resultou — segundo o CDS — a «esclerose do sistema económico da Constituição e política económica sem perspectiva».

Para o CDS — esquecido da sua participação no «Governo AD» e das suas responsabilidades nesse período de afundamento económico nacional — é este Governo, o actual, a «coligação PS-PSD» que assume a responsabilidade política exclusiva de um desgoverno que se arrasta.

A ofensiva do CDS, que parece, finalmente ter reunido meios para se desenvolver na perspectiva das eleições presi-

denciais, tem como objectivo, nesse plano, evitar uma candidatura de «bloco central».

Com efeito, apesar da posição clara e combativa do Grupo Rebelo de Sousa-Santana Lopes, os «bem pensantes» do PSD mostram-se cada vez mais dispostos a aceitar uma candidatura de Mário Soares à Presidência da República. Paris valia uma missa. São Bento vale, para Mota Pinto, uma defesa, no seio do PSD, das vantagens de apoiar Mário Soares a troco da sua promoção a Primeiro-Ministro. A Constituição não prevê a hipótese, mas não poderá impedir uma tal combinação. O «bloco central» é repousante para a «classe política». O Partido Socialista — muitos socialistas com a morte na alma — inclinar-se-ia, em última instância, à vontade do secretário-geral. Evitar a desestabilização e o avanço do PC é sempre argumento de grande efeito. Os amigos estrangeiros ficariam agradecidos. Várias ambições, seriam contempladas.

Correm estes projectos um risco: o de uma «candidatura de esquerda» às eleições presidenciais. A crítica ao Presidente Ramalho Eanes, de súbito reacesa, traduz, além do mais, o receio de que o seu apoio moral a um candidato democrático alternativo do «bloco central» venha a pesar na escolha popular. As celebrações do 25 de Abril — e não se esqueçam as aplausos e a vaia da Avenida da Liberdade, nessa manhã, nem a confiança manifestada no Rossio, à tarde — vieram demonstrar que o prestígio popular de Eanes permanece muito alto. E, também, que o povo cerra fileiras para defender Abril.

Uma «alternativa democrática», a opinião vêmo-la difundida em vários sectores democráticos orientados para continuar Abril, é sempre possível em democracia. Uma democracia aberta e plural não se esgota nas limitações dos entendimentos e das coligações parlamentares. A actividade dos partidos não esgota a democracia, não preenche todo o espaço aberto à participação dos cidadãos na vida pública.

Não é inviável um candidato partidário à Presidência da República. Mas é desejável que uma candidatura à Presidência da República se não contente por ser, e se não limite a ser, uma fórmula de partilha e de manutenção do poder de Estado. A candidatura presidencial deverá ser uma garantia e uma promessa. Defender a Democracia, mudar o estilo e o modo de governar.

Não se censuram e lamentam apenas desvios e erros. Censura-se, e lamenta-se, um estilo de governar que imita servilmente, sem imaginação e sem gosto, o «antigamente» com Acácios ainda mais Acácios, Dâmasos mais Dâmasos, Pachecos mais Pachecos.

É preciso mudar, continuando Abril. É preciso trabalhar. Com inteligência, claro. Com capacidade de previsão, necessariamente. Mas, acima de tudo, com músculos e nervos, fisicamente, suando. A Revolução fez-se sem sangue; a construção far-se-á com suor. Se não ganharmos, nesta década, a batalha da construção do Portugal de Abril — consolidação das instituições, desenvolvimento económico, reforma da mentalidade — então serão tardias as lágrimas do nosso desencanto.

As eleições presidenciais de 1985 estão aí. À vista. Dominam já as reacções dos homens políticos, dos grupos de pressão, dos partidos.

É a hora dos cidadãos lhes dedicarem um pouco de atenção.

ponto a ponto

O Presidente da República visita esta tarde a Agro-84, 17.ª Exposição Agrícola do Norte, a decorrer desde sábado em Bragança. Ramalho Eanes, que se encontra no Norte a título particular, apresentou no Aeroporto das Pedras Rubras cumprimentos de despedida ao presidente do Zaire e almoçou em Ponte de Mouro, onde passou o fim-de-semana.



JAIME Gama, que se encontra em Maputo para uma visita oficial a convite do seu homólogo Joaquim Chissano, abordará nas entrevistas programadas com as autoridades moçambicanas, questões de cooperação bilateral e a situação internacional, particularmente a situação na África Austral. Depois de amanhã, a delegação portuguesa irá à África do Sul para a assinatura do acordo tripartido sobre a utilização da energia da barragem moçambicana de Cahora Bassa.



Um projecto de alteração à «Carta dos Direitos da Mulher» está a ser elaborada pelo Conselho Nacional do MDM. O documento está a ser preparado simultaneamente, com um outro de alterações aos estatutos do MDM e ambos serão apresentados ao segundo congresso do movimento, que se realizará a 19 e 20 de Maio, em Lisboa. Neste encontro, o conselho nacional, que reuniu no fim-de-semana para ultimar estes trabalhos, apresentará um documento que analisa a participação da mulher nos vários sectores da vida portuguesa nos últimos quatro anos, altura em que se realizou o primeiro congresso.

O sargento-chefe Artur Mariano reclamou sábado, em Coimbra, a rápida e correcta definição do estatuto e carreira de sargentos e a concessão de maiores regalias económicas. O militar falava, como membro da comissão organizadora, num encontro de 115 sargentos da Região Militar Centro e respectivos familiares, para comemorar o 25 de Abril. «Particularmente para nós, sargentos, o período até 1974 foi um período de marginalização de uma classe desprovida de quaisquer direitos ou regalias, somente se lhe exigindo deveres» — afirmou Artur Mariano.



O arcebispo-bispo do Porto, D. Júlio Tavares Rebimbas, presidiu em Paredes à Jornada de Reflexão no Mundo da Violência — Educação para a Paz. Esta jornada, organizada pelo Conselho de Leigos da Diocese do Porto, constou de dois debates: um sobre «A paz: uma questão central do Mundo de hoje» e «Para uma cultura da paz» e de uma celebração presidida pelo bispo português. Matinho Antunes, sociólogo, primeiro orador, abordou a realidade humana, entendida como sistema de inter-relações, fez uma referência prévia à actual situação da paz no plano mundial e caracterização geral da situação, bem como a gravidade dos riscos existentes nos países pequenos.

Breve nota sobre “Peregrinação”

Luis de Miranda Rocha

NA diáspora somos quatro milhões, e estamos em quase uma centena de países — dizia há dias um membro do Governo responsável no sector da Emigração. Tal conta inclui certamente aqueles (centenas de milhares, milhões) que já adquiriram outra nacionalidade. Nem por isso o número deixa de ser impressionante, embora se saiba também que grande parte dos emigrados está há muito na aculturação, ou já aculturada, e é cada vez mais ténue a ligação que mantém com a chamada pátria. O caso português não é único na Europa. Mas é dos mais significativos, e tem as suas especificidades (como se sabe, e de que não cabe falar aqui).

Quatro milhões (ou seis milhões, como também já lemos ou ouvimos algures) na diáspora. Entre tantos há certamente alguns escritores e artistas —, para falarmos somente de escritores e artistas. O 25 de Abril trouxe uns tantos, e não poucos, de volta, mas, certamente, muitos deles nunca chegaram a vir, pelo menos de vez. Os casos mais conhecidos serão Jorge de Sena e José Rodrigues Miguéis.

Este breve registo, a propósito de quê? Do projecto **Peregrinação**. Diz-se «projecto», mas o termo é um tanto vago, quando **Peregrinação** é já uma realidade em movimento. Trata-se, antes

de mais, duma cooperativa editorial de emigrantes. Depois, é uma «revista de artes e letras de expressão emigrante». Enfim, é uma chance editorial, este projecto avançou há um ano em Baden, na Suíça, sob o impulso inicial de José David Rosa, e em Lisboa, com uma delegação. Rapidamente, ganhou apoios pode-se dizer que um pouco em toda a parte. A expressão é hiperbólica. A verdade porém é que «Peregrinação» tem hoje o que se designa por delegados ou correspondentes em cerca de dezena e meia, duas dezenas de países onde há portugueses na emigração. Até aqui há poucos dias tinham saído três números da revista, e um quarto está para sair. No activo editorial, dois títulos: **Retrato do Artista quando jovem** e **emigrante** narrativas, de José David Rosa, e **A Cidade ocupada pela poesia**, poemas, de Fernando Morais. Há mais títulos anunciados.

Fariamos apenas esta simples menção dos livros —, que justificaríamos um comentário apropriado, noutra altura —, para nos determos minimamente na revista, que parece ser, desde já a mais significativa realização deste projecto.

A ideia central será — conforme a designação subtilar indica — reunir numa publicação periódica (trimestral) escritores e artistas portugueses que se encontram no estrangeiro. Há a seguir

um alargamento: a emigração é um vastíssimo (e riquíssimo) tema, e na revista cabe o tratamento de temas que aí se enquadram. No primeiro número, por exemplo, apareceu um escrito de José David Rosa sobre James Joyce em Zurique. O que avança desde logo uma ideia: onde se lê **emigração** pode ou deve ler-se **exílio**. Esta noção é muito vasta de implicações. Os próprios responsáveis por **Peregrinação** desde o princípio que o terão inventado.

No falar mais corrente —, ninguém o ignora, e, por isso, não ferirá sensibilidades dizê-lo aqui — quando a palavra **emigração** ocorre para, proventura, designar **exílio**, fica-se sempre muito aquém da força sugestiva que a palavra **exílio** tem. **Exílio** é uma palavra sublimadora. As denotações são óbvias, as conotações não menos. E tanto no caso de **exílio** como no caso de **emigração**. Em tratando-se de criação cultural — as letras e as artes, ou a poesia, a narrativa, a reflexão, e a pintura, por exemplo —, poderá propor-se uma concepção radical e ampla destas noções. Mas, na prática, não ganha grande consistência. Só a propensão sublimadora do **exílio** aparece como que envolta daquela aura de grande tradição — a qual, aliás, a actualidade somente reforça.

Há na história da cultura em Portugal (na história da cultura portuguesa, se preferirmos) uma

constante e forte presença do **exílio**, não propriamente da **emigração**.

Exilados foram uma infinidade de portugueses que hoje são nomes de referência capital. **Emigrados**, — experimenta-se (incompreensiva e injustamente que seja) alguma relutância perante tal designação. As dificuldades — a vencer — residem no pouco entendimento de que o **exílio** (de escritores, artistas, intelectuais) é — obviamente, dir-se-ia — emigração cultural (mas também, e mais caracterizadamente, social, política); por um lado; por outro — ou pelo mesmo, aliás, — a emigração (de camponeses, operários, principalmente) é exílio económico, social (e também cultural, e político, obviamente). Praticar este entendimento é certamente um grande avanço qualitativo para qualquer análise, já não diremos dos processos socioeconómicos (e, sempre, culturais, políticos), mas até mesmo da produção literária e artística. **peregrinação** parece ser já muito neste avanço que se situa.

Não serão poucas as dificuldades que aqui se levantam. Aquele citado texto sobre Joyce em Zurique é bem ilustrativo do espírito, digamos assim, da revista. Porém, lermos os restantes textos que aí têm sido publicados, é inevitável que nos ocorra fazer algumas reservas ao seu significado em função do referencial da emigração (do exílio).

Também no primeiro número, e num texto de Manuel da Conceição, fala-se deste problema com alguma clareza, a propósito duma observação que alguém terá feito à **estética** da produção (literária, por exemplo) da emigração: **uma estética atrasada, desactualizada, ou anacrónica?**, — se confrontada com a estética de hoje em Portugal (da produção literária mais avançada, hoje, em Portugal). O articulista recusa-se a aceitar tal observação, baseando-se no argumento das especificidades da emigração, por um lado; por outro, não aceita como **padrão** o que se faz hoje em dia em Lisboa (metonímia de Portugal).

Portugal, aliás, a vida portuguesa, hoje, em Portugal, não oferece globalmente garantias de **ideneidade** (política, social, cultural, moral) bastantes para **avaliar** a produção literária ou artística. As palavras são nossas. A ideia (de Manuel da Conceição) é que, se no todo há contrafacções (se não que o todo é toda uma contrafacção), as realidades literária e artística não podem deixar de estar dependentes de (ou de serem) tal contrafacção, tais contrafacções.

Não recusamos de todo esta ideia, mas não é aqui lugar para falar disto, até porque o pretexto (um escrito) é demasiado pontual, e talvez não muito representativo. E **Peregrinação** vai somente ainda no seu terceiro número.

Se há uma ideia com que se fica da generalidade dos textos —

lidos um tanto à pressa, — é uma ideia contraditória, ou, pelo menos, duvidosa, no que se prende com a reflexão que neles se faz. Nalguns casos, é evidente que tal reflexão se faz enquadrada e orientada por preocupações de flagrante modernidade (denotando uma sintonização com as formas de pensamento mais avançadas, hoje), com um grau de elaboração já muito elevado, e com uma desenvoltura reveladora de hábitos reflexivos a nível de escrita. (Note-se, aliás, que muitos colaboradores são nomes conhecidos de outras revistas culturais).

Noutros casos, porém, parece haver uma excessiva subordinação a certos esquemas anárquicos e interpretativos, que, à falta de melhor ocorrência, poderíamos qualificar de neo-realistas, ou populistas, etc.

Mas dizer isto assim não terá qualquer pertinência. **Peregrinação** é uma «revista de artes e letras de expressão emigrante», e a teorização ou parateorização nem ocupa aqui espaço mais significativo do que o ocupado pela literatura. A ideia poética impõe-se à exigência estética, — e falta uma noção mais ou menos fundamentada do que será isso de «expressão emigrante». A revista propõe-se apurar esta noção, e a iniciativa que a tal propósito se segue é desde logo para saudar. Mais do que uma iniciativa, aliás, **Peregrinação** é já um empreendimento. Não nos apereçamos ainda da extensão deste empreendimento. Mas é evidente, já, a força da iniciativa que o lançou.

Tribunal Constitucional profere acórdão

Universidade Livre: um caso de inconstitucionalidades

O Tribunal Constitucional acaba de declarar a inconstitucionalidade, com força obrigatória geral, de algumas disposições dos diplomas que determinam a natureza da escola, composição e funcionamento dos órgãos internos da Universidade Livre.

A declaração de inconstitucionalidade recai sobre vários preceitos do Decreto-Lei (426/80) que reconhece a «Universidade Livre como pessoa colectiva de utilidade pública»; sobre alguns artigos da lei, que havia alterado, por ratificação, o anterior diploma (o 426/80) e sobre uma Portaria de 21 de Janeiro de 1981, por violação do princípio da liberdade de associação. O acórdão proferido reconhece que foi também violado o n.º 1 do artigo 62.º da Constituição da República.

A sociedade cooperativa anónima de responsabilidade limitada, denominada Cooperativa de Ensino Universidade Livre havia sido constituída por escritura pública lavrada em 28 de Abril de 1977. Devidamente matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Lisboa, este estabelecimento de ensino passou mais tarde a denominar-se Universidade Livre, Cooperativa de Responsabilidade Limitada. Em 1 de Março de 1979, foi-lhe concedida, por despacho do secretário de Estado do Ensino Superior e Investigação Científica, autorização provisória para «funcionar como estabelecimento superior particular», sob reserva de aprovação dos planos de estudo por parte daquela Secretaria de Estado. Em 30 de Setembro de 1980, o Decreto-Lei 426/80 reconhece a Universidade Livre «como pes-

soa colectiva de utilidade pública, tendo por fim ministrar o ensino de nível pós-secundário».

Mais tarde, em 21 de Janeiro de 1981, uma portaria vem estabelecer a composição e funcionamento dos órgãos internos da escola, dando assim execução aos preceitos estabelecidos no Decreto-Lei 426/80. Finalmente, em 31 de Julho do mesmo ano, uma lei viria alterar, por ratificação, o decreto que reconhecia a Universidade Livre como pessoa colectiva de utilidade pública.

A pedido da Universidade Livre, o Procurador Geral da República e o Provedor de Justiça requereram a apreciação da constitucionalidade de algumas disposições deste diploma. Antes, porém, já a auditoria jurídica da presidência do Conselho de Ministros havia remetido, ao Tribunal Constitucional, um parecer, através do qual sustentava a inconstitucionalidade das normas que maior controvérsia suscitavam.

O acórdão do Tribunal Constitucional vem agora dar razão, em parte, à apreciação que a Auditoria, o Procurador Geral da República e o Provedor de Justiça fizeram sobre alguns preceitos desses diplomas.

Na sentença do TC reconhece-se, por exemplo, que o art.º 1.º do Decreto-Lei 426/80, ao separar da Cooperativa de Ensino da Universidade Livre, autonomizando como pessoa jurídica diferente a Universidade Livre, ofendeu o «direito à propriedade privada» a que se refere o art.º 62 da Constituição, no seu n.º 1, «e de que era titular a cooperativa».

O acórdão do Tribunal Constitucional vai agora ser enviado para a Imprensa Nacional.

Conselho Nacional do CDS sentença...

Década de Abril não serve: «abramos uma nova»

Dez anos depois do 25 de Abril, o CDS olha para traz e conclui: «há que abrir caminho a uma nova década». Para o partido actualmente liderado por Lucas Pires, «é preciso um programa de nova democracia para a nova década (...) baseado na liberdade e não no socialismo (...) onde se limitará mais a iniciativa pública do que a privada». Esta é, em resumo, a cartilha de intenções saída do Conselho Nacional do CDS, reunido sábado em Coimbra.

DEPOIS de uma «década de democracia socialista», Lucas Pires exige uma década liderada «por uma força maioritariamente liberal, democrata-cristã e conservadora».

Pouco importa ao CDS e a Lucas Pires que Basílio Horta, Bayão Horta, Freitas do Amaral e Teresa Costa Macedo tenham gerido essa «democracia socialista» durante respectivamente 1423, 1396, 1001 e 877 dias. Pouco importa também que o CDS tenha assegurado a gestão dessa «democracia socialista» durante dois Governos — o II Governo Constitucional (PS/CDS) e os Governos AD (PS/CDS/PPM). O que interessa é fazer acreditar ao eleitorado que o CDS nada tem a ver com o estado actual em que encontra o País e, sobretudo, colocar-se numa posição de «alternativa».

Bloco fortalece a esquerda

Alternativa a um bloco central que Lucas Pires não poupou em Coimbra: «A coligação PS/PSD é uma espécie de resumo, epi-

logo e última subida ao palco destes últimos dez anos».

Bloco centra cuja política, na opinião de Lucas Pires, «está a fortalecer a sua ala esquerda e o PCP, o qual já conseguiu no último 25 de Abril reconstituir as suas forças unitárias apesar de ser um partido velho, um peso morto, sem nada de novo para dizer à sociedade portuguesa».

Não sintoma desse fortalecimento da ala esquerda da maioria, Lucas Pires aponta o «facto» da esquerda do PS se ter transformado numa espécie de «Conselho da Revolução civil, como se verificou nas últimas jornadas parlamentares do PS».

Se Freitas quiser...

No tocante às próximas eleições presidenciais, o Conselho Nacional do CDS não se dispôs a anunciar ao País o seu candidato. Não impede que tenha traçado o perfil do candidato que terá o apoio dos militantes centristas: «Um homem que esteja disposto a desafiar Mário Soares». Para Lucas Pires, «a tentativa de eleição de Mário Soares é

a tentativa de coroação do sistema actual e da última década e a eleição presidencial será ganha por quem estiver pronto a desafiar o líder socialista e a abrir caminho a uma nova década».

O CDS não o diz mas dá-o a entender: se Freitas do Amaral quiser ser esse homem, contará com o apoio do CDS. «Só que, alerta Lucas Pires, isso não depende do CDS mas do próprio Freitas do Amaral».

Freitas do Amaral foi, aliás, uma das referências mais presentes no Conselho Nacional do CDS, em Coimbra.

O dirigente José Gama chegou a apelar para a «militância clara, inequívoca e definitiva» de Freitas do Amaral, dentro do CDS. Para aquele dirigente centrista, «a militância de Freitas do Amaral no partido seria um estímulo aos filiados com vista aos próximos actos eleitorais».

Embora desejando esse regresso, José Gama não deixa de lhe estabelecer os limites: «Não se trata de um apelo ao regresso de Freitas do Amaral à liderança do partido, pois esta está profundamente solidificada na pessoa de Lucas Pires, um homem que se apresenta como a simbios e mais perfeita entre os fenómenos Gary Hart e Felipe Gonzalez», afirmou.

A intervenção de José Gama foi entendida como uma crítica ao «imobilismo» de Freitas do Amaral.

CDS prepara meios para calar oposição

O Conselho Nacional do CDS decidiu constituir uma comissão encarregada de elaborar o projecto definitivo de alteração dos estatutos. A comissão, que deverá apresentar o projecto no próximo conselho nacional (30 de Junho), é constituída por nove elementos (três representantes da distrital do Porto, dois da secretaria-geral e um de cada uma das distritais de Lisboa, Castelo Branco, Beja e Aveiro).

A constituição desta comissão constituiu uma derrota para as posições de Vieira de Carvalho, secretário-geral do CDS e personalidade próxima da sensibilidade Adriano Moreira. A derrota foi-lhe imposta pela distrital do Porto, que apontava para uma comissão «menos burocratizada, mais representativa e com maior autonomia política dos órgãos locais».

O conselho nacional aprovou ainda na generalidade (52 votos a favor, 7 abstenções e 4 contra) o regulamento de disciplina do partido, regulamento que prevê sanções como o aviso, repreensão, suspensão e expulsão. Com este regulamento, o CDS prepara-se para responder às «repetidas quebras de disciplina» de várias personalidades actualmente na oposição: Luís Barbosa e, sobretudo, Rui Pena, o «indesejável» presidente do Instituto Fontes Pereira de Melo.



TRANSTEJO Transportes Tejo E.P.

Horários carreira Terreiro do Paço/Cacilhas a vigorar de 1 de Maio a 31 de Outubro de 1984

SEMANA						SÁBADOS						DOM./FERIADOS					
T. PAÇO			CACILHAS			T. PAÇO			CACILHAS			T. PAÇO			CACILHAS		
001-06.10	071-10.30	141-18.06	002-05.50	072-10.15	142-18.03	301-06.06	367-14.00	302-05.50	368-14.00	501-06.30	567-14.30	502-06.10	568-14.30				
003-06.20	073-10.45	143-18.12	004-06.10	074-10.30	144-18.09	303-06.20	369-14.15	304-06.10	370-14.15	503-06.50	569-14.45	504-06.30	570-14.45				
005-06.30	075-11.00	145-18.18	006-06.20	076-10.45	146-18.15	305-06.35	371-14.30	306-06.30	372-14.30	505-07.10	571-15.00	506-06.50	572-15.00				
007-06.36	077-11.15	147-18.24	008-06.30	078-11.00	148-18.21	307-06.45	373-14.45	308-06.45	374-14.45	507-07.30	573-15.15	508-07.10	574-15.15				
009-06.42	079-11.30	149-18.30	010-06.40	080-11.15	150-18.27	309-07.05	375-15.00	310-07.00	376-15.00	509-07.45	575-15.30	510-07.30	576-15.30				
011-06.48	081-11.45	151-18.36	012-06.46	082-11.30	152-18.33	311-07.20	377-15.15	312-07.15	378-15.15	511-08.00	577-15.45	512-07.45	578-15.45				
013-06.55	083-12.00	153-18.42	014-06.52	084-11.45	154-18.39	313-07.35	379-15.30	314-07.30	380-15.30	513-08.13	579-16.00	514-08.00	580-16.00				
015-07.01	085-12.15	155-18.48	016-06.58	086-12.00	156-18.45	315-07.50	381-15.45	316-07.45	382-15.45	515-08.26	581-16.15	516-08.15	582-16.15				
017-07.07	087-12.30	157-18.54	018-07.04	088-12.15	158-18.51	317-08.05	383-16.00	318-08.00	384-16.00	517-08.39	583-16.30	518-08.30	584-16.30				
019-07.13	089-12.45	159-19.00	020-07.10	090-12.30	160-18.57	319-08.17	385-16.15	320-08.12	386-16.15	519-08.52	585-16.45	520-08.45	586-16.45				
021-07.19	091-13.00	161-19.06	022-07.16	092-12.45	162-19.03	321-08.29	387-16.30	322-08.24	388-16.30	521-09.05	587-17.00	522-09.00	588-17.00				
023-07.25	093-13.15	163-19.12	024-07.22	094-13.00	164-19.09	323-08.41	389-16.45	324-08.36	390-16.45	523-08.18	589-17.15	524-09.13	590-17.15				
025-07.31	095-13.30	165-19.18	026-07.28	096-13.15	166-19.15	325-08.53	391-17.00	326-08.48	392-17.00	525-08.31	591-17.30	526-09.26	592-17.30				
027-07.37	097-13.45	167-19.24	028-07.34	098-13.30	168-19.21	327-09.05	393-17.15	328-09.00	394-17.15	527-09.44	593-17.45	528-09.39	594-17.45				
029-07.43	099-14.00	169-19.30	030-07.40	100-13.45	170-19.27	329-09.15	395-17.30	330-09.15	396-17.30	529-09.57	595-18.00	530-09.52	596-18.00				
031-07.49	101-14.15	171-19.36	032-07.46	102-14.00	172-19.33	331-09.30	397-17.45	332-09.30	398-17.45	531-10.10	597-18.15	532-10.05	598-18.13				
033-07.55	103-14.30	173-19.42	034-07.52	104-14.15	174-19.39	333-09.45	399-18.00	334-09.45	400-18.00	533-10.23	598-18.31	534-10.18	600-18.26				
035-08.01	105-14.45		036-07.58	106-14.30	176-19.45	335-10.00	401-18.15	336-10.00	402-18.15	535-10.36	601-18.44	536-10.31	602-18.39				
037-08.07	107-15.00	175-19.48	038-08.04	108-14.45	178-19.51	337-10.15	403-18.30	338-10.15	404-18.30	537-10.49	603-18.57	538-10.44	604-18.52				
039-08.13	109-15.15	177-19.56	040-08.10	110-15.00	180-19.57	339-10.30	405-18.45	340-10.30	406-18.45	539-11.02	605-19.10	540-10.57	606-19.05				
041-08.19	111-15.30	179-20.06	042-08.16	112-15.15	182-20.05	341-10.45	407-19.00	342-10.45	408-19.00	541-11.15	607-19.23	542-11.15	608-19.18				
043-08.25	113-15.45	181-20.15	044-08.22	114-15.30	184-20.15	343-11.00	409-19.15	344-11.00	410-19.15	543-11.30	608-19.36	544-11.30	610-19.31				
045-08.31	115-16.00	183-20.30	046-08.28	116-15.45	186-20.30	345-11.15	411-19.30	346-11.15	412-19.30	545-11.45	611-19.40	546-11.45	612-19.44				
047-08.37	117-16.15		048-08.34	118-16.00	188-20.50	347-11.30	413-19.50	348-11.30	414-19.45	547-12.00	613-20.02	548-12.00	614-19.57				
049-08.43	119-16.30	185-20.50	050-08.40	120-16.15		349-11.45	415-20.10	350-11.45	416-20.00	549-12.15	615-20.15	550-12.15	616-20.10				
051-08.49	121-16.45	187-21.10	052-08.46	122-16.30	190-21.10	351-12.00	417-20.30	352-12.00	418-20.15	551-12.30	617-20.30	552-12.30	618-20.20				
053-08.55	123-17.00	189-21.30	054-08.52	124-16.45		353-12.15	419-20.50	354-12.15	420-20.30	553-12.45	619-20.50	554-12.45	620-20.30				
055-09.01	125-17.10		056-08.58	126-17.00		355-12.30	421-21.10	356-12.30	422-20.50	555-13.00	621-21.10	556-13.00	622-20.50				
057-09.07	127-17.20		058-09.04	128-17.15		357-12.45	423-21.30	358-12.45	424-21.10	557-13.15	623-21.30	558-13.15	624-21.10				
059-09.13	129-17.30		060-09.10	130-17.27		359-13.00		360-13.00		559-13.30		560-13.30					
061-09.19	131-17.36		062-09.16	132-17.33		361-13.15		362-13.15		561-13.45		562-13.45					
063-09.31	133-17.42		064-09.22	134-17.39		363-13.30		364-13.30		563-14.00		564-14.00					
065-09.45	135-17.48		066-09.35	136-17.45		365-13.45		366-13.45		565-14.15		566-14.15					
067-10.00	137-17.54		068-09.50	138-17.51													
069-10.15	139-18.00		070-10.00	140-17.57													



APROVEITE AS NOSSAS CONDIÇÕES TEMOS PARA LHE OFERECER!

- AUTOCARROS CONFORTÁVEIS
- MOTORISTAS EXPERIENTES

PARA FINS-DE-SEMANA, VISITAS DE ESTUDO OU ITINERÁRIOS À SUA ESCOLHA

- BADAJOZ
- SERRA DA ESTRELA
- ALGARVE — Amendoieiras em Flor
- FÁTIMA E GRUTAS
- E OUTROS...

PENSAMOS EM SI!... VISITE-NOS



Av. Casal Ribeiro, 18-B, 5.º Piso — Lisboa
Telef. 570656/570550

PSD mantém Câmara de Lamego

— PS é o grande derrotado e a APU sobe

PORTO, 30 — O PSD ganhou as eleições intercalares para a câmara municipal de Lamego, conquistando a maioria absoluta naquele órgão autárquico. O PS foi o partido derrotado nestas eleições pois perdeu um vereador. Por outro lado, o CDS e a APU viram aumentar as votações em relação às anteriores autárquicas. Uma grande abs-

tenção caracterizou as eleições de ontem, situando-se na ordem dos 40 por cento.

O PSD conseguiu 5479 votos, perdendo em relação às eleições de 1982 (5542) 63 votos. O PS perdeu agora 1568 votos (em 82, 3759 e agora 2191) e um lugar no executivo. O CDS, que em 1982 obteve 3732 votos, alcançou nas eleições de ontem, mais 272

(4004). A APU também viu subir a sua votação de 794 para 981 votos, o que é bastante significativo, embora não conseguisse o seu objectivo principal — eleger um vereador.

Registe-se que o PDC perdeu 468 votos em relação às eleições de 82, já que desceu de 846 para 378. Outro partido concorrente

às intercalares de ontem, a OCMLP, apenas logrou 22 votos.

Recorde-se que a queda do anterior executivo (presidido por António Ferreira e que lidera o actual), foi originada pela demissão dos vereadores do PS e do CDS, depois do MAI ter ordenado um inquérito à câmara de Lamego, inquérito que concluiu pela existência de graves irregularidades na gestão da autarquia.

A câmara passará agora a ter a seguinte constituição: António Ferreira, (presidente), Fernando Amaral, Amândio Fonseca e César Chiquelho (todos do PSD); José Alberto Montenegro e António Santos Monteiro (CDS) e José António Rebelo Fernandes (PS).

PCP: «PS paga aliança de direita»

Para o PCP os resultados de Lamego confirmam que «a política de direita do PS e as suas alianças com as forças reaccionistas são fortemente penalizadas pelo eleitorado».

Segundo um comunicado da secção de Informação e propaganda do PCP a APU «é a única força que aumenta a sua votação



António Ferreira:reeleito

tanto em números absolutos como relativos».

«Os partidos da coagulação — refere o comunicado — tomados no seu conjunto sofrem uma grande queda eleitoral, cuja quota maior atinge o PS.

CDS: «somos alternativa»

«Os partidos do bloco central ou socialista perderam no seu conjunto cerca de dois mil votos, com significativa deslocação dos mesmos em favor do CDS. O próprio PSD viu a sua votação de novo descer, e registou significativa perda de votos em 15 das 24 freguesias do concelho» considerou o departamento eleitoral do CDS.

«Os eleitores de Lamego — conclui o comunicado — confirmaram a posição do CDS como alternativa e, mudando significativamente o sentido de voto, ence-



Rebelo Fernandes (PS): uma séria derrota

taram a mudança política que pronuncia a nova correlação de forças dos partidos democráticos portugueses».

PSD: «devaneios de Lucas Pires»

O Secretariado Nacional para as Autarquias do PSD considerou que o resultado das eleições de Lamego demonstra «que as populações têm plena capacidade para distinguir aqueles que as servem com honestidade».

Os resultados do acto eleitoral demonstram ainda, segundo o PSD, «não terem qualquer fundamento os exercícios retóricos e os devaneios triunfalistas do presidente do CDS, dr. Lucas Pires, que viram anteriores resultados de eleições intercalares prenúncios de uma subida do CDS à custa da presença do PSD no Governo».



A Campanha foi intensa

Soares no Rio Ave

“Estou a torcer para que o Porto vença a Taça das Taças”

«Portugal está a viver um ano de muita alegrias desportivas» afirmou ontem durante uma visita ao Rio Ave, o primeiro ministro Mário Soares. O líder socialista acrescentou que este «tem igualmente sido um bom ano nos campos agrícolas e do turismo».

Em resposta, o presidente do Rio Ave ofereceu-lhe e aos membros do Governo que o acompanhavam, medalhas comemorativas da presença do clube na final de Portugal, en-

quanto Valentim Loureiro afirmava que sem o apoio do Governo não se recandidaria à presidência do Boavista. «Se tivesse uma câmara PS, tinha tudo o que queria», afirmou.

Antes, Mário Soares garantiu que «o Governo está a trabalhar bem, em termos desportivos, sem se intrometer na vida interna dos clubes».

O primeiro-ministro, seguido pelos secretários de Estado dos Desportos, da Habitação e das Obras Públicas, visitou o com-

plexo desportivo do Rio Ave e descerrou uma placa comemorativa do acto. Almoçou em Vila do Conde com os presidentes do Rio Ave, do Vitória de Guimarães, do Boavista, do Penafiel, do Espinho e do Varzim.

«Espero que este seja o melhor ano do desporto português, em termos de grandes êxitos», disse também Soares. Para concluir, afirmando: «Estou a torcer para que o F.C. Porto vença a Taça das Taças».

Embora não tivesse estado presente

Eanes solidarizou-se com o almoço de confraternização da Associação 25 de Abril

Ramalho Eanes enviou no sábado uma mensagem aos seus «caros amigos, homens de Abril» que se encontravam num almoço de confraternização frente à Torre de Belém e no qual o Presidente da República não pôde estar presente. O almoço foi promovido pela Associação 25 de Abril e integrou-se nas comemorações do 10.º aniversário da Revolução. O convívio era aberto a todos os sócios e apoiantes da Associação, bem como a militares do quadro permanente e a ex-militares de Abril que nele participaram, segundo os organizadores cerca de quatro mil pessoas.

Na sua mensagem, Ramalho Eanes afirmou que «mais do que em outros anos, este seria aquele em que maior agrado teria neste convívio fraterno de amizade e solidariedade». «Não esqueço o valor dos símbolos e, por isso mesmo, quero sublinhar a importância que tem para todos os que confraternizam neste almoço a possibilidade de afirmarem, sem qualquer sombra para dúvidas ou para interpretações múltiplas, que cumpriram o que prometiram», salientou Eanes.

Segundo o Presidente da República, «se hoje vivemos em liberdade com tolerância de ideias e de posições, com a garantia de que será da vontade colectiva

que emerge o poder político, não devemos esquecer que tudo isso é possível porque os militares, cidadãos fardados, souberam ter a coragem de manter os seus ideais e os seus compromissos». «A esses mesmos militares — considerou Eanes — é devido o reconhecimento nacional por terem tido também a humildade de se afastarem, permitindo assim a perfeita normalização da nossa vida democrática».

Durante o almoço usaram da palavra entre outros, Vasco Lourenço e Salgueiro Maia. Na altura, a Associação 25 de Abril divulgou que conta com dois mil sócios entre os militares no activo e que decidiu lançar uma subscrição pública a favor de Zeca Afonso, o autor de «Grândola, Vila Morena» que serviu de senha aos capitães de Abril.

Almoço da Polícia

Cerca de uma centena de pessoas participou no sábado num almoço comemorativo do 25 de Abril, promovido por agentes da PSP, Polícia Marítima e guardas prisionais. Numa saudação dirigida à Associação 25 de Abril, os presentes consideraram como sua missão defender o regime democrático português «aproveitan-

dando em toda a sua plenitude a realização histórica dos objectivos de Abril».

Um agente da PSP, da comissão promotora do almoço, assinalou que a função dos agentes da PSP «não deve estar ao serviço de quem passa e os utiliza a seu bel-prazer», afirmando que «hoje, cada vez mais portugueses nos começam a olhar como noutro tempo». O mesmo agente denunciou as «prepotências, processos e perseguições de que alguns colegas têm sido alvo» e considerou que o «funcionamento democrático da PSP passa pela modificação do regulamento disciplinar e pelo reconhecimento legal do Sindicato».

Entretanto, o Secretariado Nacional do MDP/CDE considerou que as recentes comemorações populares do 25 de Abril demonstraram que «uma política que responda às esperanças erguidas naquela data terá esmagador apoio social».

Segundo aquele órgão do MDP, estas comemorações «evidenciaram de forma indiscutível, a adesão maciça do povo português e de todos os sectores sociais e políticos democráticos aos valores essenciais da revolução de Abril, isolando de um modo espectacular as lamentáveis iniciativas governamentais».



ESTEJA PRESENTE



NA FESTA DO FUTEBOL



FINAL DA TAÇA DE PORTUGAL

ESTÁDIO NACIONAL

TERÇA-FEIRA 1 DE MAIO DE 1984

16.00 HORAS

Preços dos Bilhetes:

TRIBUNA	ESC. 1 000\$00
BANCADA CENTRAL	ESC. 750\$00
BANCADA LATERAL	ESC. 500\$00
CABECEIRAS	ESC. 300\$00

LOCAIS DE VENDA:

- FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE FUTEBOL das 9.30 às 12.30 e das 14.00 às 18.00 horas
- ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE LISBOA das 9.30 às 12.30 e das 14.00 às 18.00 horas
- Sede do FUTEBOL CLUBE DO PORTO.
- Sede do RIO AVE FUTEBOL CLUBE.

NO DIA DO JOGO:

- Bilheteiras do Cais do Sodré das 9.30 às 12.00 horas.
- ESTÁDIO NACIONAL A partir das 10.00 horas.

comunicação social

Comunicação Social do Porto analisa situação no sector

A criação de uma comissão permanente composta por representantes dos Sindicatos dos Jornalistas, Gráficos e das Telecomunicações para «defesa dos direitos dos trabalhadores da Comunicação Social» foi sábado decidida no Porto. A decisão foi tomada num encontro de representantes das três empresas jornalísticas do Porto, da Rádio e da Televisão e durante o qual se debateu a situação no sector em cada uma das empresas.

Num dos três documentos aprovados pelo encontro considera-se preocupante a situação criada na Comunicação Social pela política do actual Governo que «põe em causa a liberdade de informação e de expressão, cria dificuldades às empresas e põe em causa os

direitos e interesses da classe». O encontro solidarizou-se com os trabalhadores do «Primeiro de Janeiro» e repudiou a atitude da administração de pôr em causa o pagamento de salários. Os participantes apelaram ainda à participação dos trabalhadores da Comunicação Social na jornada do Primeiro de Maio.

Imprensa Regional

O secretário de Estado da Comunicação Social, Anselmo Rodrigues, defendeu no sábado, em Portimão, a criação de «grandes diários» regionais capazes de competir com outros jornais de grande tiragem. O secretário de Estado falava aos jornalistas que participaram no

encontro de Imprensa Regional organizado pelo jornal «Barlavento» e aí considerou que «dificilmente os pequenos jornais regionais têm estruturas para serem competitivos».

Anselmo Rodrigues afirmou que o Governo poderia criar incentivos para a formação de grandes diários regionais, mas referiu que estes poderiam ser condicionados a determinados requisitos como a periodicidade.

Os representantes dos jornais algarvios presentes no encontro pediram que fosse feito um estudo da viabilidade de um parque gráfico no Algarve e solicitaram a criação de uma linha de crédito para esse parque. No encontro foi ainda reivindicada a revisão do critério de atribuição do subsídio de papel.

“Jornal de Alenquer” festejou 7.º aniversário

Nascido da Revolução de Abril, precisamente no momento em que ela sofria os mais duros ataques das forças de direita que através do 25 de Novembro julgavam ter chegado a hora de regresso ao passado, o «Jornal de Alenquer» festejou no sábado o seu 7.º aniversário, com um convívio que reuniu cerca de duas centenas de convidados, entre eles o general Vasco Gonçalves, o dr. Duarte Vidal, Vasco Grana, Albertina Mântua, Zilah Branco e outros. Ao longo dos seus sete anos de existência o «Jornal de Alenquer» mostrou-se um exemplo vivo do papel importante e insubstituível que a Imprensa regional pode representar na formação da consciência das populações.

José Salcedo Rogeiro, director do jornal, abriu uma série de intervenções, referindo-se ao nascimento e evolução do «Jornal de Alenquer», à sua íntima ligação ao 25 de Abril e ao seu papel na defesa da liberdade como porta-voz dos anseios das populações.

Intervieram depois os repre-

sentantes de três jornais convidados — Augusto Vilela («Diário de Lisboa»), Baptista Bastos («Diário Popular») e Miguel Urbano Rodrigues («O Diário»). O momento alto do convívio foi todavia a intervenção do general Vasco Gonçalves, toda ela marcada por um constante apelo à unidade dos democratas em torno dos problemas essenciais que se colocam ao povo português.

Vasco Gonçalves tomou as referências pessoais que lhe foram feitas como endereçadas «àqueles militares que num período crítico da nossa História fizeram a revolução de Abril».

O antigo Primeiro-Ministro encarou estas comemorações do 25 de Abril como um indicativo de que há condições para o avanço do processo democrático.

«Nós compreendemos os processos históricos. Não há lugar para lamentações. Há que compreender aquilo que neles se produz. A vida dos povos não segue um caminho ascendente, linear, em todas as circunstân-

cias».

Sublinhou depois que a tarefa que antes de mais se coloca ao povo português é «lutar para a queda do Governo PS/PSD e pela sua substituição por um Governo de patriotas que reconduza Portugal aos caminhos de Abril» e acrescentou que «somos nós que cremos as condições para que isso seja possível» e «não podemos estar à espera que venham outras entidades fazer aquilo que somos nós próprios que temos de fazer».

Referindo-se às comemorações do 25 de Abril, traçou o contraste entre as comemorações do Governo e as comemorações populares.

«O Governo procurou isolar a Associação 25 de Abril e foi o Governo que ficou isolado».

As populações não caíram no logro das acrobacias aéreas, dos saltos de pára-quedas. E não é porque todos nós não gostemos de ver saltos de pára-quedas e acrobacias aérea. As populações é que tiveram a consciência de não cair nesse logro».

Soares voltou a prometer descida das taxas de juro

A descida das taxas de juro a partir do segundo semestre deste ano foi ontem, de novo, admitido pelo primeiro-ministro. Mário Soares falava em Braga, por ocasião da inauguração da Agro/84 e, em resposta a um jornalista, afirmou que «a política de crédito sofrerá um relançamento» na segunda metade do ano.

Durante a visita ao certame, patente no parque municipal de exposições daquela cidade, Mário Soares ouviu as queixas de numerosos expositores que apontaram as elevadas taxas de juros, como um dos factores impeditivos do desenvolvimento e bloqueadores do crescimento das exportações.

Embora sublinhando que a política do Governo em matéria económica é restritiva, Soares disse que a melhoria das taxas de juro poderá ajudar a ultrapassar alguns problemas que os expositores apontaram.

Notou que a política de exportação tem vindo a sofrer uma fase de desenvolvimento

registando-se um balanço favorável nas trocas comerciais com a França e a Inglaterra.

Mário Soares elogiou o certame bracarense, considerando-o uma iniciativa corajosa do município através da acção do seu presidente Mesquita Machado.

Adianou que o Governo está interessado em que a grande nave actualmente em construção no parque municipal de exposições seja concluída até finais de 1985 e referiu-se a contactos que o Governo tem estabelecido com a autarquia local para ultrapassar alguns problemas financeiros, os quais na totalidade rondam os 500 mil contos.

Estrangulamento da agricultura

Medita no «estrangulamento da política agrícola que está a ser seguida pelo Governo», foi o convite ontem dirigido pela Associação de Defesa dos agricultores do distrito de Braga ao primeiro-ministro. A sugestão consta de

um documento entregue a Mário Soares durante a visita que efectuou à Agro/84.

Na exposição, os agricultores consideram que, após dois anos agrícolas maus, com despesas forçadas, que não tiveram compensação, os agricultores «estão mais pobres».

A Associação de Defesa dos Agricultores do Distrito de Braga considera «premente a atribuição de indemnização pelo gado obrigatoriamente abatido em consequência da peripneumonia».

O documento adianta ainda, entre outros aspectos, que se impõe um forte apoio oficial, a dignificação da profissão, a garantia de escoamento, a montagem da rede nacional do frio e a aplicação de outras medidas, se o ministério da Agricultura estiver interessado no desenvolvimento da produção nacional.

O primeiro-ministro, que almoçou em Vila do Conde com autarcas e dirigentes desportivos do Norte, visitou demoradamente a Agro/84.

Encontro Cooperativo em Junho

O Encontro Nacional do Sector Cooperativo vai realizar-se nos dias 9 e 19 de Junho, em local ainda a designar. Os trabalhos preparatórios daquela que será a primeira reunião magna dos cooperativistas portugueses continuam a desenrolar-se a bom ritmo, tendo-se efectuado este fim-de-semana os debates temáticos previstos no calendário de preparação do encontro.

A reunião teve lugar na Faculdade de Economia de Coimbra e nela foram amplamente debatidos os dois grandes temas em redor dos quais decorrerá o encontro nacional: «O movimento cooperativo e a intercooperação» e a «Relação Estado/cooperativas».

Na mesma ocasião foi igualmente discutido o projecto do regulamento do encontro nacional.

Mitterrand em Atenas prepara cimeira de Paris

O presidente François Mitterrand, presidente em exercício da CEE, chegou hoje a Atenas para uma visita-relâmpago durante a qual discutirá com os dirigentes gregos diversos «dossiers» comunitários.

O chefe de Estado francês após a chegada deverá ir cumprimentar o presidente grego, Constantin Caramanlis.

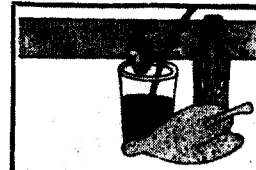
Mitterrand terá em seguida discussões em Vouliagmeni, estação balnear próxima de Atenas, com Papandreu. Após um primeiro encontro, os dois homens participarão num almoço

de trabalho, indicou fonte oficial grega.

Os encontros respeitarão essencialmente a «dossiers» comunitários com vista à preparação da cimeira europeia de Fontainebleau (perto de Paris) nos dias 25 e 26 de Junho próximo, acrescentou a mesma fonte.

O presidente francês deixará Atenas ao fim da tarde.

Segundo uma boa fonte grega, Mitterrand deverá deslocar-se à ilha Rhodes para uma visita privada de 24 horas, antes de regressar a Paris.



NÃO tome banho sem ter feito a digestão

MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

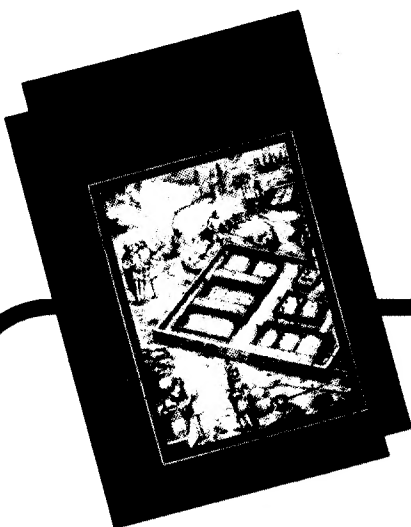
DIRECÇÃO-GERAL DAS RELAÇÕES CULTURAIS EXTERNAS
DIVISÃO DE INTERCÂMBIO E BOLSAS

NOTA INFORMATIVA

A Direcção-Geral das Relações Culturais Externas, Divisão de Intercâmbio e Bolsas, faz saber que está aberto concurso para atribuição de bolsas de estudo concedidas pelo Governo luxemburguês, para o Verão de 1984, no âmbito do Acordo Cultural entre Portugal e o Luxemburgo, a cidadãos portugueses que completaram a licenciatura numa Universidade Portuguesa e pretendam, naquele país, frequentar os cursos de Verão do Instituto Universitário Internacional, nas áreas de Direito e Economia.

O prazo de entrega da documentação termina a 7 de Maio de 1984, imprerivelmente.

Todos os esclarecimentos serão prestados na Divisão de Intercâmbio e Bolsas da Direcção-Geral das Relações Culturais Externas do Ministério dos Negócios Estrangeiros.



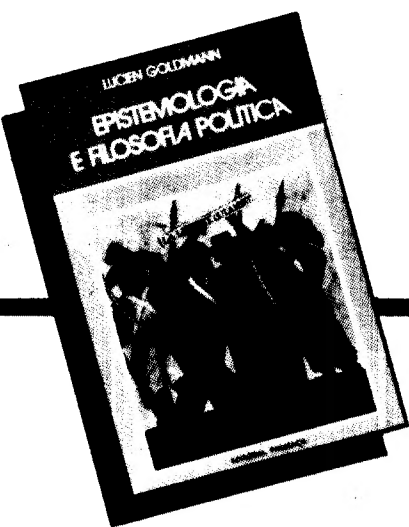
ESTUDOS SOBRE A HISTÓRIA DO SAL PORTUGUÊS
Virginia Rau

Uma obra que reúne todos os estudos que Virginia Rau dedicou a este importante produto, da economia portuguesa e à influência por ele exercida em largos períodos da nossa história.



CAPITALISMO E MODERNA TEORIA SOCIAL
Anthony Giddens

Um livro fundamental sobre a obra de três grandes pensadores — Marx, Durkheim e Max Weber — analisando exaustivamente as teses sociais de cada um deles.



EPISTEMOLOGIA E FILOSOFIA POLÍTICA
Lucien Goldmann

O autor empreende a sistematização de regras e conceitos que definem um campo teórico novo no domínio do simbólico, de importância decisiva tanto em epistemologia como em sociologia do conhecimento.



EDITORIAL PRESENÇA
RUA AUGUSTO GIL, 35-A
TELEF. 76 69 12 - 76 30 60 — 1000 LISBOA

Em número de iniciativas

1.º de Maio é o maior de sempre

— garantem dirigentes da CGTP

Cerca de duas centenas de iniciativas, das quais se destacam 67 concentrações/manifestações a realizar no continente e nas ilhas vão assinalar as comemorações do 1.º de Maio deste ano promovidas pela CGTP.

Num encontro com os jornalistas Álvaro Rana e Manuel Carvalho da Silva, da Comissão Executiva da central sindical, fizeram questão de acentuar a grandiosidade das acções a realizar este ano e que, pelo menos em número, «são as maiores de sempre».

Destaque para o programa de Lisboa que terá início, pelas 8 e 30 horas com um desfile de zés-pereiras em diversos pontos da cidade. Pelas nove horas começará a final da Taça de Futebol da União de Sindicatos de Lisboa, no Estádio 1.º de Maio; às 9 e 30, abertura da exposição «10 primeiros anos de Maio em Liberdade», na Alameda D. Afonso Henriques; pelas 10 e 30, início da Prova Internacional de Atletismo com partida e chegada ao Estádio 1.º de Maio; à mesma hora, também na Alameda D. Afonso Henriques, espaço para os mais pequenos com desporto, pintura, canções, palhaços e filmes; ao meio dia começa, no mesmo local, um espectáculo de Canto Livre a que se segue um piquenique. Finalmente, pelas 14 e 30 arranca o desfile do Maritim Moriz também em direcção à Alameda

onde se vai realizar um comício com a presença de alguns dirigentes da central sindical.

Comemorações no Porto

No Porto, as comemorações do 1.º de Maio iniciaram-se esta manhã com uma romagem e deposição de flores nas campas no cemitério do Prado do Repouso, onde jazem os dois jovens trabalhadores baleados pela Polícia de Intervenção no 1.º de Maio de 1982. Ao fim da tarde, decorrerá uma homenagem nos locais onde aqueles trabalhadores tombaram. À noite, pelas 21 e 30, realizar-se-á na Praça General Humberto Delgado um espectáculo com a actuação de Carlos do Carmo.

Estas comemorações promovidas pela CGTP-IN e sindicatos do distrito prosseguirão amanhã com uma grande concentração na Praça da Liberdade, Avenida dos Aliados e Praça General Humberto Delgado, às 15 horas. Haverá pré-concentrações, que convergirão para aqueles locais às 14 e 30, na Praceta 25 de Abril, em Gaia, Campo 24 de Agosto, Palácio de Cristal e Rua de Gonçalo Critovão, junto ao Automóvel Clube de Portugal. Também pelas 10 horas de amanhã, decorrerá na Praça General Humberto

Delgado, espectáculos para crianças. De tarde, e depois da concentração, terá lugar um comício com a intervenção de um elemento da comissão executiva da CGTP-IN, após o que se realizará um desfile pelas ruas da cidade.

Mas também em Angra do Heroísmo, Aveiro, Ovar, S. João da Madeira, Águeda, Espinho, Beja, Braga, Guimarães, Famalicão, Barcelos, Fafe, Esposende, Bragança, Mirandela, Covilhã, Tortosendo, Unhais da Serra, Minas da Panasqueira, Malpica do Tejo, Cebolais de Cima, Coimbra, Figueira da Foz, Lousã, Oliveira do Hospital, Évora, Faro, Silves, Portimão, Lagos, Vila Real de Santo António, Funchal, Guarda, Gouveia, Manteigas, Leiria, Castanheira de Pera, Torres Vedras, Ponta Delgada, Portalegre, Alter do Chão, Ponte de Sor, Campo Maior, Felgueiras, Amarante, Paços de Ferreira, Santarém, Setúbal, Torrão, Grândola, Valverde, S. Francisco da Serra, S. André, Sines, Viana do Castelo, Vila Real, Chaves, Régua, Minas da Borralha, Viseu, Mangualde, Canas de Senhorim, Lamego e S. João da Pesqueira se assinalará este décimo 1.º de Maio em liberdade com iniciativas que vão dos desfiles, às concentrações, às provas desportivas, aos colo-

quios, à projecção de filmes ou às sessões de canto livre.

«Continuar Abril no 1.º de Maio»

«É preciso continuar Abril no 1.º de Maio» pode ler-se na proclamação da CGTP, a propósito das comemorações deste ano do Dia do Trabalhador.

O documento, depois de assinalar a «grandiosidade» e o «espírito de unidade reflectido na convergência de posições dos mais amplos sectores e individualidades da vida democrática» nos festejos populares do 25 de Abril aponta a necessidade, neste 1.º de Maio, de «lutar por uma nova política e um novo Governo que ponha termo ao descalabro económico e à degradação social, que promova o desenvolvimento, o progresso e o bem-estar».

Outros objectivos proclamados são a defesa e consolidação do sector empresarial do Estado e a Reforma Agrária, a luta pelos direitos e garantias dos trabalhadores, contra o desemprego e os despedimentos, pelo pagamento dos salários em atraso, pelo congelamento dos preços dos bens essenciais e pela criação de um novo «cabaz de compras».

Tesiresd contra alteração das leis laborais

O Conselho Nacional da Tendencia Sindical Reformista Social-Democrata (TESIRESD) rejeitou quaisquer alterações das leis dos despedimentos e da greve, considerando que defendem os interesses dos trabalhadores.

A resolução do conselho nacional, aprovada sem votos contra, reafirma «a completa indisponibilidade para qualquer revisão, total ou parcial, das leis dos despedimentos individuais e colectivos e da greve, conscientes de que estas leis são hoje dos únicos meios que os trabalhadores possuem para a defesa dos seus legítimos interesses e direitos».

Afirma-se que estas leis funcionam como contraponto «ao agravar do desemprego, da brutal baixa do nível de vida, da quase inexistência do direito a habitação e a segurança social, ao ensino e a outros direitos fundamentais numa sociedade que se exige com justiça social».

Os dirigentes da TESIRESD manifestaram, na resolução aprovada, a sua preocupação pela forma como decorreu o Congresso da UGT e pelos seus resultados e pela «inequívoca demonstração pública de que a UGT ainda não é uma central independente dos partidos», uma vez que os acordos negociados significam «a sobreposição dos interesses partidários aos do movimento sindical».

Por seu turno o Conselho Nacional dos Trabalhadores Sociais-Democratas (TSD) considerou que a anunciada alteração da legislação laboral «deve ser previamente consentaneizada com os parceiros sociais».

No comunicado emitido após uma reunião que decorreu em Lisboa, os trabalhadores sociais-democratas afirmam que as alterações «só poderão ter qualquer cabimento após a sua devida apreciação no Conselho Nacional de Concertação Social».

‘Emprego para todos’ é o lema das comemorações da UGT

A União Geral de Trabalhadores (UGT) vai comemorar o 1.º de Maio sob o lema «Emprego e política social para todos», em Lisboa, Porto, Coimbra, Covilhã e Aveiro, com um programa muito semelhante, do qual se destacam variedades e intervenções de dirigentes nacionais da organização sindical.

Segundo anunciou em conferência de Imprensa José Valente, do secretariado nacional da UGT, estas comemorações constituem «um desafio ao Governo para que a legislação laboral não seja alterada, nomeadamente a lei da greve e a lei do contrato individual do trabalho».

Do programa para Lisboa, que terá início às 15 horas, no Parque Eduardo VII, consta a Corrida da Amizade entre os Restauradores e o Parque, seguindo-se um piquenique, variedades e uma intervenção de Torres Couto. No Porto as comemorações da UGT decorrerão na Rotunda da Boavista.

Segundo Torres Couto, que há dias exigiu em Viana do Castelo que o Governo resolva os problemas do desemprego, salários e investimentos, o 1.º de Maio deverá ser «o princípio de uma nova política económica».

Entretanto foi anunciado que nos Açores os sindicatos elaboraram um programa conjunto das comemorações do Dia do Trabalhador.

Sobre o 1.º de Maio, a FUP (Frente de Unidade Popular) emitiu uma nota em que afirma que «face à desenfreada exploração pretendida pelos capitalistas» os trabalhadores não devem responder «com abraços, flores e votos».

tro considerou também necessário «repensar a posição do deficiente face à sociedade e o seu relacionamento com o sistema da própria Segurança Social, para além da necessidade de descentralizar as estruturas de formação do pessoal desta área».

Estas conclusões prévias serão publicadas juntamente com as comunicações apresentadas no seminário num documento final que será difundido em Maio. O encontro foi promovido pelo Centro de Cultura e Desporto dos Trabalhadores do Centro Regional de Segurança Social do Porto.

Governo vai regulamentar os piquetes de greve

— anuncia o MT

O ministro do Trabalho e Segurança Social, Amândio de Azevedo, anunciou que o Governo tem já preparado para apresentar à Assembleia da República um diploma regulamentar dos piquetes de greve.

O ministro falava no encerramento do seminário sobre «Segurança Social e Problemática Regional», que durante três dias reuniu no Clube Residencial da Boavista gestores da área da Segurança Social de todo o distrito, autarcas e deputados, entre outras entidades.

Amândio de Azevedo anunciou também que o Governo apresen-

tará brevemente legislação sobre a criação do Seguro de Emprego.

Considerou extremamente importantes realizações deste género promovidas por trabalhadores da área da Segurança Social, quando — disse — essa missão cabe efectivamente em grande parte ao Governo.

O seminário sobre «Segurança Social e a Problemática regional», concluiu que é necessário «repensar o sistema de financiamento da Segurança Social, bem como das concepções de base contributiva e não contributiva».

António Paulo, da comissão organizadora disse que este encon-

CGTP critica novo regime da Segurança Social

A Intersindical considera que o Decreto-Lei 124/84, de 18 de Abril, que determina que os trabalhadores por conta de outrem se inscrevam na segurança social «poderá implicar que, no final de toda uma vida de trabalho, os trabalhadores não recebam a pensão a que têm direito».

A central sindical afirma que «o diploma nada diz quanto às penalidades em que incorrem os patrões que não cumprem as suas obrigações, designadamente

quanto à inscrição na Segurança Social dos seus trabalhadores, não especificando o que acontece quando um trabalhador se inscreve na Segurança Social e a entidade patronal não faz corresponder a esse acto a respectiva declaração».

A CGTP coloca também o problema da falta de informação, criticando a atitude do Governo «que gasta centenas de contos em propaganda sobre os aumentos das pensões, sem que haja a

menor preocupação em informar os trabalhadores das alterações do regime da sua inscrição, permitindo que inúmeras dúvidas se coloquem por falta de esclarecimento».

Termina afirmando que «quer pela forma seguida na sua elaboração, quer pelas limitações que impõe aos direitos adquiridos pelos trabalhadores, quer por ser dificilmente exequível, torna-se claramente inconstitucional pelo que se impõe a sua revogação».

CULTURA NÃO É SÓ LITERATURA

coleção
SABER



História do Teatro

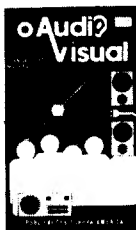
Robert Pignero

Dos primórdios até aos nossos dias, um livro fascinante onde se conta a história do Teatro. Uma obra obrigatória.

O Audiovisual

Jean-Jacques Matras

Nascimento e vida dos sistemas audiovisuais. Os seus aspectos políticos e económicos. O seu conteúdo. Os videogramas. A teledistribuição.



A Biofísica

Jean Hladik

A Biofísica é uma ciência recente. Este livro enquadra-a nas quatro famílias clássicas das ciências e desvenda-nos as suas aplicações no campo da medicina e da terapêutica.

Os Direitos do Homem

Jacques Mourgeon

Uma abordagem jurídica, sociológica, histórica e política dos Direitos do Homem. Uma edição em que é tida em conta a legislação portuguesa.



As Grandes Etapas do Progresso Técnico

Maurice Daumas

A revolução das técnicas através dos séculos. Um livro para todos quantos querem compreender a prodigiosa aventura humana.

Introdução à Teoria das Probabilidades

Gustavo de Castro

As subtilidades da teoria do acaso. Uma obra que interessa àqueles para quem a matemática é profusão ou fonte de diversão, bem como a todos quantos gostam de jogos de azar.



Adquira-os no seu livreiro, ou peça-os directamente ao editor utilizando o cupão abaixo

Queiram enviar-me, contra reembolso, os livros assinalados X

☒ História do Teatro	260\$	☐ As Grandes Etapas do Progresso Técnico	240\$
☐ O Audiovisual	240\$	☐ Introdução à Teoria das Probabilidades	260\$
☐ A Biofísica	260\$		
☐ Os Direitos do Homem	260\$		

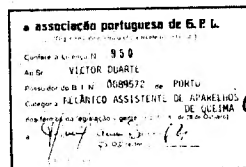
Nome _____

Profissão _____ Morada _____

Código postal _____ Localidade _____

Publicações Europa America, Lda. APARTADO 8 - 2726 MEM MARTINS, CODEX

Procure um técnico credenciado para a instalação dos seus aparelhos a gás. Cumpra as minhas regras de segurança.



DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

de ontem para hoje

Rosado Correia no funeral de vítimas do acidente de Terronhas

O ministro do Equipamento Social, Rosado Correia, participou no sábado, no Porto, em representação do Governo e do Primeiro-Ministro, nos funerais de três das dezasseis vítimas do desastre ferroviário de Pa-redes (Terronhas). A 17.ª vítima, que faleceu na madrugada de ontem no Hospital de S. João, foi José Manuel Martins Leal. Entretanto, mais dois acidentes em passagens de nível: em Miões, entre Messines e Lagos, o «rápido» do Algarve chocou com um tractor matando o seu condutor. Por sua vez em Arregaça, uma automotora colheu um automóvel, conduzido pelo antigo futebolista do Académico de Coimbra, Vítor Marques, que teve de ser internado. Populares chegaram a ameaçar de linchamento o maquinista da automotora.

Em defesa da vida selvagem

As primeiras jornadas nacionais da vida selvagem e dos «habitats» naturais, a decorrer no Porto até amanhã Maio, debateram este fim-de-semana problemas relacionados com a conservação da fauna e da flora selvagem. Organizadas pelo Núcleo Português de Estudo e Protecção da Vida Selvagem, as jornadas decorrem nas instalações do Ministério da Cultura e reúnem dezenas de participantes dos vários distritos, para além de representantes das ilhas dos Açores e Madei-ra. «Proporcionar a divulgação de estudos sobre a fauna, a flora e a conservação da natureza, elaborar conclusões que possam ser úteis para a gestão do património natural e criar um espaço de discussão e convívio das pessoas interessadas nesta temática» constituem os objectivos deste en-



contro. O ministro da Qualidade de Vida, António Capucho, presidirá amanhã ao encerramento das jornadas, onde serão apresentadas as conclusões.

Uísque apreendido no Largo do Rato

A Guarda Fiscal anunciou ontem a apreensão num armazém próximo do Largo do Rato, de garrafas de uísque e gin de contrabando no valor de 218 contos. No seguimento da mesma operação foi interceptada uma carrinha com carne de vaca, mil maços de tabaco estrangeiro, 48 garrafas de uísque, tudo no valor de 1237 contos. A viatura e os produtos que transportava foram apreendidos.

Intoxicações em Campanhã e Cacém

Dois homens que procediam à limpeza de uma cuba, utilizada no armazenamento de vinho, morreram intoxicados num armazém em Campanhã, no Porto. As vítimas foram identificadas como sendo o proprietário do armazém, David Gomes Mota, de 38 anos, e o seu empregado, Armando

Gomes Lourenço, de 27. Entretanto seis eclesiásticos de uma comunidade católica no Cacém sofreram uma intoxicação alimentar, ao que tudo indica por ingestão de bifes de peru. Um deles ainda se mantém internado no Hospital do Rego, em Lisboa.

Garoto afogado ao banhar um cão

Ao dar banho a um cão no rio Leça, em Guifões (Matosinhos), um garoto de nove anos, Rui Manuel, foi arrastado pelo animal para a água, acabando por morrer afogado. A tragédia ocorreu numa zona de esgotos, estando as buscas ao cadáver a cargo de homens-rãs do Batalhão de Sapadores Bombeiros do Porto.

Pescadores algarvios contra espanhóis

Tripulações da pesca de arrasto de crustáceos protestaram ontem contra o que denunciaram como «falta de respeito pela contratação colectiva e o aproveitamento de mestres espanhóis». Em plenário, reunido em Vila Real de Santo António, tripulantes dos quatro arrastões já operacionais daquele porto apontaram para um melhor aproveitamento dos recursos nacionais. A direcção do Sindicato dos Pescadores do Distrito de Faro, que participou na reunião, ficou portadora de uma mensagem de protesto a

remeter às autoridades do sector. As traineiras de arrasto estão a utilizar «auxiliares técnicos de pesca» espanhóis os quais há um ano, dizem os pescadores, não respeitam a legislação portuguesa, designadamente a da contratação colectiva. Para os pescadores, que quando trabalham em Espanha são forçados a cumprir a legislação do país vizinho, este tipo de cooperação «é desleal», afirmando ser mesmo possível substituir os mestres espanhóis por portugueses.

Subchefe da PSP alvejado no Intendente

O subchefe da PSP, José Ferreira, foi atingido a tiro por quatro indivíduos que afirma ter surpreendido a assaltar um estabelecimento no Largo do Intendente, acabando por ripostar e alvejar dois deles. O subchefe Ferreira, actualmente a frequentar um curso na Escola Prática de Polícia, foi tratado na clínica da PSP, em Alcântara, enquanto os dois presumíveis assaltantes (e agressores), Rodrigues e Furtado de 28 e 25 anos respectivamente, recolheram ao Hospital de S. José, onde ficaram internados.

Num atentado reivindicado pelas «FP-25»

Bomba rebenta em S. Manços vitimando septuagenária e bebé

As autodenominadas «Forças Populares 25 de Abril» reivindicaram o atentado bombista que, cerca de uma hora desta madrugada, destruiu a casa do agrário Dionísio Luís Ciroula, em S. Manços, a cerca de vinte quilómetros de Évora.

O engenho, que vitimou de imediato um bebé de dois meses, neto de Dionísio Ciroula, provocando mais tarde a morte de uma vizinha de 79 anos, fora colocado num buraco aberto no solo junto ao edifício destruído.

A septuagenária, Rosário Correia Jorge Pereira, que sofria do coração, não resistiu ao susto

provocado pelo impacto da bomba, acabando por sucumbir no Hospital Distrital de Évora, para onde fora transportada de urgência, apesar de todos os esforços feitos para a salvar.

Num comunicado recolhido pela ANOP, em Lisboa, em local indicado para aquela agência noticiosa por um telefonema anónimo, as «FP-25» afirmam ter levado a efeito «uma acção de retaliação» contra os bens da família e do latifundiário Dionísio Luís Ciroula.

A referida organização que, ultimamente, entre outras acções, reivindicou o roubo de 108 mil contos ao Banco Fonsecas &

Burnay, acusa Dionísio Luís Ciroula de dever «milhares de contos à Cooperativa «Unidade de S. Manços» e de lhe ter roubado terras com a cobertura do Centro Regional da Reforma Agrária», exigindo «o pagamento imediato» das dívidas e que as terras expropriadas pelo reservatório «sejam entregues aos camponeses pois a terra é de quem a trabalha».

O edifício (de um piso) em que ocorreu o atentado fica situado numa das extremidades da localidade, junto à estrada que liga Évora a Beja, sendo habitado pelo filho e pela nora de Dionísio

Ciroula, os quais escaparam ile-sos.

Entretanto, em comunicado divulgado ao fim desta manhã, o Secretariado da União dos Sindicatos do Distrito de Évora considera que «este acto criminoso e terrorista perpetrado em vésperas do 1.º de Maio demonstra quanto é grande o desespero das forças reaccionárias de direita e daqueles que são o seu «braço armado», que tentando confundir a população e os trabalhadores, pretendem mais uma vez fazer acreditar que são os trabalhadores e as suas organizações que tais métodos utilizam».

Quatro assaltantes de um armazém

Surpreendidos em Ermesinde com vários sacos de vestuário

Um agente da PSP surpreendeu quatro indivíduos (dois deles já com cadastro) que se preparavam para assaltar um armazém de confecções situado na Rua Dr. Alberto Lemos, em Ermesinde, pertencente à firma «Graciosa Gomes de Moura e Filho, Lda». Foram eles, José Luís Pereira da Rocha, de 20

anos, pintor da construção civil, José Manuel Silva Pereira, de 22, carpinteiro, Alberto José Macedo Oliveira, de 23, sem profissão, todos residentes em Águas Santas, Maia, e Diamantino Silva Pinto, de 28 anos, estucador, morador em Ermesinde.

Os detidos entraram no arma-

zém por meio de arrombamento da fechadura da porta principal e tinham já separado vários sacos com calças, camisolas e outras peças de vestuário, quando foram capturados. Por outro lado, foi-lhes também encontrada uma certa importância em dinheiro que se presume seja

também da firma assaltada.

Ouidos por um magistrado dos Juízos de Instrução Criminal, os quatro assaltantes viram a sua prisão confirmada, pelo que seguiram para Custóias, onde permanecerão enquanto a Polícia Judiciária investiga as suas actividades.

Em casa do encarregado que fugiu com sete mil contos

Recuperado o revólver roubado na «bomba» de gasolina em Matosinhos

Foi já recuperado o revólver «Taurus», de calibre 32, que segundo queixas apresentadas às autoridades, havia desaparecido do posto de venda de combustíveis «Galp», instalado na Via Rápida, na Senhora da Hora, Matosinhos, na primeira semana do mês em curso. Recorde-se que, conforme o «DL» noticiou,

juntamente com o revólver do guarda-nocturno, Manuel Teixeira da Silva, foram levados sete mil contos, suspeitando-se, desde logo, que o «golpe» fora praticado pelo encarregado do referido posto, de apelido Jacob. Suspeita, aliás, fundada, visto que em conversa com o concessionário do posto, eng. António

Manuel Gonçalves Rato, o encarregado manifestara o propósito de repor a importância em dívida. Depois, porém, ter-se-á arrependido, desaparecendo antes de as autoridades tomarem conhecimento da situação. O revólver foi encontrado por um familiar do encarregado fugitivo, em casa deste, e entregue

mais tarde no posto da PSP de Matosinhos. Quanto ao dinheiro, nem «sombra». Admite-se, entretanto, que Jacob tenha partido para o estrangeiro, gozando assim os «rendimentos» obtidos por meios ilícitos («esqueceu-se» de efectuar os depósitos do apuro diário durante um ano»).



MUNICIPIO DE ALMADA CÂMARA MUNICIPAL

TURISMO Monumento ao Pescador Concurso

Por unanimidade deliberou a Câmara Municipal de Almada levar a efeito um concurso subordinado ao tema **MONUMENTO AO PESCADOR**, cuja localização será na Praça da Liberdade - Costa de Caparica.

Este concurso terá um prémio de Esc.: 100 000\$00 e o prazo de entrega dos trabalhos é o dia 30 de Junho de 1984.

Todas as demais condições deste concurso encontram-se expressas em regulamento que pode ser pedido a:

Câmara Municipal de Almada
Turismo
Rua Conde Ferreira, 8
2800 Almada

**HOJE
ÀS 21.30**

**O HUMOR
INTELIGENTE DE
UM GRANDE
DRAMATURGO**

TRAÍÇÕES

DE
Harold Pinter
LIA GAMA
MÁRIO JACQUES
FILIFE FERRER
MANUEL DE CASTRO E SILVA
encenação e cenografia
JOÃO VIEIRA
guarda-roupa: ANA SALAZAR
JORGES VIRGÍLIO - boutiques CÉSAR

TEATRO ACTOR		
Seg. Ter.	Quint. Sext.	Sáb. Dom.
21.30 h.	19 h. 23.30 h.	
Patrocínio de: CITIVAS REGAL		
SUA DE MONT. M. C. M/84		

DE

CA-
RAS

Maria Guinot, a representante portuguesa no Eurofestival, parte hoje para o Luxemburgo onde, no próximo dia 5 de Maio, interpretará a canção «Silêncio e Tanta Gente». Guinot será a última dos 19 intérpretes a entrar no palco do Teatro Municipal do Luxemburgo, país este que já venceu o «festival das cantigas» cinco vezes.



Manuel Cargaleiro comemorou com a edição de um álbum os seus 30 anos de pintura. Os trabalhos reproduzidos naquela obra estão, entretanto, em exposição na Galeria de Arte do Casino do Estoril que assim mantém vivas as realizações culturais num espaço optimizado para estas iniciativas.



O ministro do Equipamento Social, **Rosado Correia**, assistiu em Aldoar, arredores do Porto, ao funeral de duas das vítimas do acidente ferroviário ocorrido em Teronhas. O ministro tinha estado anteriormente de visita, ao Hospital de S. João no Porto, onde se inteirou do estado de saúde dos 10 feridos ali internados.

Bloquearam acesso ao aeroporto de Faro

O governador civil de Faro (Horácio Carvalho) e o presidente da Câmara de Faro (Negrão Belo) deverão ser recebidos pelo Primeiro-Ministro e pelo ministro do Mar depois de amanhã, de acordo com o compromisso que assumiram ante os moradores das casas «clandestinas» da Ria Formosa que ontem, durante mais de quatro horas, interromperam o acesso automóvel ao aeroporto de Faro.

A maioria dos automóveis que bloquearam os acessos ao aeroporto não pertenciam aos moradores da Ria Formosa. Das trezentas viaturas subitamente «engarrafadas», pouco mais de vinte eram propriedade de «clandestinos» da ria. Trezentos automóveis foram suficientes para montar o maior pandemónio de que os farenenses têm memória, obrigando os utentes do aeroporto a percorrerem a pé cerca de seiscentos metros para tomarem as suas carreiras. Os serviços do aeroporto, ao corrente da situação, providenciaram para que os voos da manhã de ontem largassem com algum atraso.

Os «clandestinos» da Ria Formosa trouxeram ontem, desta forma, de novo, o seu problema ao domínio público, só tendo desmobilizado o cortejo automóvel já ao princípio da tarde, depois de terem a promessa de Horácio Carvalho e de Negrão Belo que na quarta-feira se deslocariam a Lisboa para se encontrarem com Mário Soares e Carlos Melancia, no sentido de resolver a questão. Recorde-se que Carlos Melancia recebeu já uma representação de Olhão, a contar com o mesmo tipo de problemas.

Os moradores da Ria Formosa têm sido notificados, nos últimos dias, para o reinício da demolição das suas casas, a partir de 4 de Maio, contra o que inicialmente fora acordado entre a sua comissão e representantes da Capitania e do Governo. Neste intervalo de tempo que mediou entre a suspensão das demolições e o mês de Maio, o diálogo pretendido pelos moradores com o Governo não foi feito, por culpa do ministro do Mar — dizem os moradores da Ria Formosa.

Num comunicado tornado pú-

blico ao fim da manhã de ontem, diziam os manifestantes que a acção foi levada a cabo porque, «não obstante declarações públicas do Primeiro-Ministro e a promessa de uma reunião com o ministro do Mar, com a «Câmara Municipal de Faro e Moradores, aquele encontro foi adiado».

O comunicado, cujo texto foi repetido em inglês exigia que o Governo marcasse rapidamente aquela reunião e mandasse parar todo o processo de notificação de moradores e demolições que a Capitania de Faro está a executar na Ria Formosa.

O documento pedia a «substituição imediata» do comandante do porto de Faro, que também comanda a Zona Marítima do Sul, a quem acusava de «falta de diálogo» e de «desrespeito pelo poder civil».

As demolições na Ria Formosa iniciaram-se no passado dia 10 com a destruição de duas casas na área da reserva daquela ria, nas ilhas da Deserta e da Barreta. No dia 11, as autoridades marítimas destruíram mais duas casas na Ilhota de Cibra.

As demolições integram-se

num plano governamental aprovado pelos Ministérios do Mar e da Qualidade de Vida, atingindo numa primeira fase o derrube de 140 casas. A decisão governamental previa nomeadamente a demolição de casas clandestinas de veraneio construídas em cima das dunas primárias.

Na área da reserva da Ria Formosa, em terrenos do domínio público, foram construídas cerca de 2500 casas, das quais cerca de 700 são de pescadores.

A Câmara Municipal de Faro opôs-se às demolições, tendo o seu presidente, Negrão Belo, considerado o comandante da Zona Marítima do Sul «persona non grata» na capital do Algarve.

Os autarcas de Faro criticaram os Ministérios do Mar e Qualidade de Vida por determinarem demolições, enquanto reservam, por impossibilidade de verbas, a solução do problema dos esgotos, fundamental para a Ria Formosa.

A Câmara defendeu a urgência de aprovar um plano de reordenação da reserva da Ria Formosa e, só então, se proceder às acções convenientes.



Moradores da Ria Formosa que ontem bloquearam o acesso ao aeroporto de Faro durante quatro horas, estão dispostos a ir mais longe se a sua causa não for atendida.

VISITE A U.R.S.S. EM 1984

e veja você mesmo.

AS NOITES BRANCAS DE LENINEGRADO
Moscovo/Leninegrado/Riga/Vilnius/Tallin

Preço com tudo incluindo 98 500\$

A ÁSIA CENTRAL E O CAUCASO

Moscovo/Alma-Ata/Tachkente/Duchambe/Achakhaba/Baku

Preço com tudo incluindo 108 500\$

CIRCUITO DE CIDADES HERÓICAS

Moscovo/Leninegrado/Kiev/Minsk

Preço com tudo incluindo 98 500\$

CIDADES MUSEU DA ÁSIA CENTRAL

Moscovo/Alma-Ata/Tachkente/Bukhara/Samarkanda

Preço com tudo incluindo 108 500\$

ALOJAMENTO EM HOTÉIS DE CATEGORIA 1.ª A

Informações e inscrições no Departamento de Turismo da

ASSOCIAÇÃO PORTUGAL URSS

Rua de S. Caetano, N.º 30/1200 Lisboa

Tels. 60 11 99 - 60 10 99



MUNDIRAMA

VIAGENS E TURISMO LDA

Operador Turístico N.º 12

Registo N.º 33 100015004

Tels. 60 0302 328856

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA

representa:

MARAT*

de peter weiss

E MARTIN MAJEWSKI (SUHRKAMP VERLAG)

* PERSEGUIÇÃO E ASSASSINATO DE JEAN PAUL MARAT
REPRESENTADO PELO GRUPO DE TEATRO DO HOSPICIO
DE CHARENTON SOB A DIRECÇÃO DO SENHOR
MARQUES DE SADE.

estreia - dia 1 maio - às 21,30

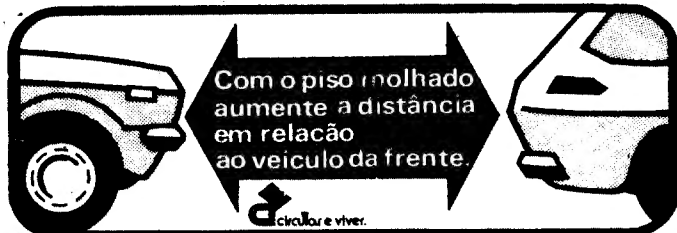
ESPECTACULO OFERECIDO AO PUBLICO - ENTRADAS GRATIS

12.º ANIVERSARIO DA COMUNA - 1972*1984

ENCENAÇÃO - joao mota

de terça a sábado às 21,30h
domingo matineé às 17h

PRACA DE ESPANHA - TEL. 72.08.18



Com o piso molhado
aumente a distância
em relação
ao veículo da frente.

circular e viver.

1.º de Maio
dia Mundial dos
Trabalhadores

Manifestação

M. Moniz-Alameda Afonso Henriques
às 14,30

U.S.L. / CGTP-IN • USS / CGTP-IN • CIL e CIS

CINEMATECA PORTUGUESA
SALA DE FELIX RIBEIRO
UMA SEXTA-FEIRA, 30 DE
CULT MOVIES (2.ª Parte)

MAIO 1994	
1.ª, 3.ª, 5.ª, 7.ª, 9.ª, 11.ª, 13.ª, 15.ª, 17.ª, 19.ª, 21.ª, 23.ª, 25.ª, 27.ª, 29.ª, 31.ª	AGUIAR DOS SANTOS (1972)
2.ª, 4.ª, 6.ª, 8.ª, 10.ª, 12.ª, 14.ª, 16.ª, 18.ª, 20.ª, 22.ª, 24.ª, 26.ª, 28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
3.ª, 5.ª, 7.ª, 9.ª, 11.ª, 13.ª, 15.ª, 17.ª, 19.ª, 21.ª, 23.ª, 25.ª, 27.ª, 29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
4.ª, 6.ª, 8.ª, 10.ª, 12.ª, 14.ª, 16.ª, 18.ª, 20.ª, 22.ª, 24.ª, 26.ª, 28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
5.ª, 7.ª, 9.ª, 11.ª, 13.ª, 15.ª, 17.ª, 19.ª, 21.ª, 23.ª, 25.ª, 27.ª, 29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
6.ª, 8.ª, 10.ª, 12.ª, 14.ª, 16.ª, 18.ª, 20.ª, 22.ª, 24.ª, 26.ª, 28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
7.ª, 9.ª, 11.ª, 13.ª, 15.ª, 17.ª, 19.ª, 21.ª, 23.ª, 25.ª, 27.ª, 29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
8.ª, 10.ª, 12.ª, 14.ª, 16.ª, 18.ª, 20.ª, 22.ª, 24.ª, 26.ª, 28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
9.ª, 11.ª, 13.ª, 15.ª, 17.ª, 19.ª, 21.ª, 23.ª, 25.ª, 27.ª, 29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
10.ª, 12.ª, 14.ª, 16.ª, 18.ª, 20.ª, 22.ª, 24.ª, 26.ª, 28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
11.ª, 13.ª, 15.ª, 17.ª, 19.ª, 21.ª, 23.ª, 25.ª, 27.ª, 29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
12.ª, 14.ª, 16.ª, 18.ª, 20.ª, 22.ª, 24.ª, 26.ª, 28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
13.ª, 15.ª, 17.ª, 19.ª, 21.ª, 23.ª, 25.ª, 27.ª, 29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
14.ª, 16.ª, 18.ª, 20.ª, 22.ª, 24.ª, 26.ª, 28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
15.ª, 17.ª, 19.ª, 21.ª, 23.ª, 25.ª, 27.ª, 29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
16.ª, 18.ª, 20.ª, 22.ª, 24.ª, 26.ª, 28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
17.ª, 19.ª, 21.ª, 23.ª, 25.ª, 27.ª, 29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
18.ª, 20.ª, 22.ª, 24.ª, 26.ª, 28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
19.ª, 21.ª, 23.ª, 25.ª, 27.ª, 29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
20.ª, 22.ª, 24.ª, 26.ª, 28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
21.ª, 23.ª, 25.ª, 27.ª, 29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
22.ª, 24.ª, 26.ª, 28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
23.ª, 25.ª, 27.ª, 29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
24.ª, 26.ª, 28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
25.ª, 27.ª, 29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
26.ª, 28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
27.ª, 29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
30.ª	De Maria Amélia
31.ª	De Maria Amélia

ENCONTROS COM O CINEMA PORTUGUESO

1.ª, 3.ª, 5.ª, 7.ª, 9.ª, 11.ª, 13.ª, 15.ª, 17.ª, 19.ª, 21.ª, 23.ª, 25.ª, 27.ª, 29.ª, 31.ª	AGUIAR DOS SANTOS (1972)
2.ª, 4.ª, 6.ª, 8.ª, 10.ª, 12.ª, 14.ª, 16.ª, 18.ª, 20.ª, 22.ª, 24.ª, 26.ª, 28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
3.ª, 5.ª, 7.ª, 9.ª, 11.ª, 13.ª, 15.ª, 17.ª, 19.ª, 21.ª, 23.ª, 25.ª, 27.ª, 29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
4.ª, 6.ª, 8.ª, 10.ª, 12.ª, 14.ª, 16.ª, 18.ª, 20.ª, 22.ª, 24.ª, 26.ª, 28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
5.ª, 7.ª, 9.ª, 11.ª, 13.ª, 15.ª, 17.ª, 19.ª, 21.ª, 23.ª, 25.ª, 27.ª, 29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
6.ª, 8.ª, 10.ª, 12.ª, 14.ª, 16.ª, 18.ª, 20.ª, 22.ª, 24.ª, 26.ª, 28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
7.ª, 9.ª, 11.ª, 13.ª, 15.ª, 17.ª, 19.ª, 21.ª, 23.ª, 25.ª, 27.ª, 29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
8.ª, 10.ª, 12.ª, 14.ª, 16.ª, 18.ª, 20.ª, 22.ª, 24.ª, 26.ª, 28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
9.ª, 11.ª, 13.ª, 15.ª, 17.ª, 19.ª, 21.ª, 23.ª, 25.ª, 27.ª, 29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
10.ª, 12.ª, 14.ª, 16.ª, 18.ª, 20.ª, 22.ª, 24.ª, 26.ª, 28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
11.ª, 13.ª, 15.ª, 17.ª, 19.ª, 21.ª, 23.ª, 25.ª, 27.ª, 29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
12.ª, 14.ª, 16.ª, 18.ª, 20.ª, 22.ª, 24.ª, 26.ª, 28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
13.ª, 15.ª, 17.ª, 19.ª, 21.ª, 23.ª, 25.ª, 27.ª, 29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
14.ª, 16.ª, 18.ª, 20.ª, 22.ª, 24.ª, 26.ª, 28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
15.ª, 17.ª, 19.ª, 21.ª, 23.ª, 25.ª, 27.ª, 29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
16.ª, 18.ª, 20.ª, 22.ª, 24.ª, 26.ª, 28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
17.ª, 19.ª, 21.ª, 23.ª, 25.ª, 27.ª, 29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
18.ª, 20.ª, 22.ª, 24.ª, 26.ª, 28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
19.ª, 21.ª, 23.ª, 25.ª, 27.ª, 29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
20.ª, 22.ª, 24.ª, 26.ª, 28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
21.ª, 23.ª, 25.ª, 27.ª, 29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
22.ª, 24.ª, 26.ª, 28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
23.ª, 25.ª, 27.ª, 29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
24.ª, 26.ª, 28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
25.ª, 27.ª, 29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
26.ª, 28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
27.ª, 29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
28.ª, 30.ª	De Maria Amélia
29.ª, 31.ª	De Maria Amélia
30.ª	De Maria Amélia
31.ª	De Maria Amélia

Reagan na China

Subsistem divergências entre Pequim e Washington

Persistem divergências entre a China e os Estados Unidos num certo número de pontos, nomeadamente sobre a Formosa, apesar da vontade, afirmada por ambas as partes, de reforçar as relações bilaterais — escreve a A.F.P.

É este o sentimento dos observadores no final da parte política da visita à China do presidente americano Ronald Reagan, que se encontrou com os principais responsáveis chineses.

Sábado, Reagan encontrou-se com o principal dirigente de Pequim, Deng Xiaoping, que levantou de novo a questão da Formosa, afirmando que ela constituía um «problema crucial» para as relações sino-americanas e que só uma solução deste problema poderia desbloquear tais relações.

O apoio militar, concedido por Washington ao regime nacionalista da Formosa, irrita fortemente Pequim que censura os Estados Unidos por não respeitarem o compromisso de limitar e depois reduzir a venda de armas a Taipé.

De fonte americana reconhece-se igualmente que a Formosa continua «um importante ponto de desacordo» entre Pequim e Washington e faz-se notar que, se as conversações não permiti-

ram aproximar os pontos de vista sobre a questão, também este não se «agravou» durante os encontros.

Da mesma fonte, indica-se que Deng se mostra otimista quanto a uma solução num futuro próximo da questão de Hong-Kong. Para o líder chinês, a solução adoptada para Hong-Kong poderia servir de «modelo para outros problemas» (o da Formosa, segundo os observadores).

No que diz respeito à transferência de tecnologia, outro ponto sensível nas relações entre Washington e Pequim, que se queixa das restrições impostas pela legislação americana, Deng declarou-se «razoavelmente satisfeito» com o ritmo a que se fazia a transferência, sublinhando: «pensamos que poderia ser melhor, e esperamos que venha a ser melhor».

Ainda de fonte americana, sabe-se que, durante o seu encontro com o presidente Ronald Reagan, Deng criticou a política americana em certas regiões do mundo, nomeadamente no Médio Oriente e na América Central.

Um alto responsável norte-americano considerou que, não obstante as divergências, as discussões que o chefe de Estado americano teve sucessivamente

com o primeiro-ministro, Zhao Ziyang, com o secretário-geral do Partido Comunista Chinês, Hu Yaobang, e com Deng Xiaoping, tinha permitido a cada um deles aprender muito com o outro. Considerou também que estas conversações e a visita do presidente americano tinham sido «extremamente úteis».

A última etapa da visita de Reagan começa hoje com a sua chegada a Xangai.

Entretanto, segundo a TASS, o presidente dos EUA aproveita a sua visita oficial à China para «agrar ainda mais a tensão internacional» lançando «ataques caluniosos contra a URSS».

Num longo comentário datado de Pequim, a agência acusa Reagan de ter procurado sistematicamente, nas suas conversações políticas com os seus interlocutores chineses, «valorizar o que constitui, segundo ele, a convergência face a toda uma série de problemas internacionais, sobretudo num registo anti-soviético, e que caracterizaria a política de Washington e de Pequim».

Por sua vez, a Índia está preocupada com o acordo de cooperação nuclear sino-americana anunciado 6.ª feira pelo presidente Reagan em Pequim.

A Catalunha foi às urnas

Nacionais eleições

MADRID (do correspondente Jauregui) — Os socialistas sofreram uma severa derrota nas eleições locais da Catalunha, perdendo moderados e para a Convergência pelo liberal Jordi Pujol em

O presidente do governo, Felipe Gonzalez, felicitou à meia-noite o indiscutível triunfador do escrutínio de ontem nas eleições autonómicas, Jordi Pujol. Este foi um sério fracasso para os socialistas da Catalunha, que obtiveram apenas 41 lugares, e para o próprio Gonzalez que, contra a sua vontade, se viu forçado a ir até a Barcelona para encerrar a campanha do seu partido, juntamente com o vice-presidente do Governo e vice-secretário-geral do PSOE, Alfonso Guerra.

Não restam dúvidas de que a vitória dos nacionalistas da Catalunha, como anteriormente a dos nacionalistas democrata-

República Dominicana

Tumultos fizeram 200 mortos

Enquanto o Exército e a Polícia continuam em posição na capital da República Dominicana, o Comité dos Direitos do Homem deste país avançou, sábado, a cifra de 200 mortos como o balanço da repressão dos «motins da fome» do princípio da semana passada.

O dr. Alcides Decena Lugo, presidente local do Comité dos Direitos do Homem (CDH), declarou, sábado, numa conferência de imprensa que, segundo as reclamações apresentadas por famílias, podia avançar o número de 200 pessoas desaparecidas. Denunciou por outro lado «a brutal repressão do governo».

Por outro lado, na manhã de sábado, que marca o 19.º aniversário da intervenção na República Dominicana de 42 mil marines americanos, o reitor da Universidade Autónoma de São Domingos (UASD), Fernando Sanchez Martinez, comparou o Fundo Mo-

netário Internacional (FMI) à Força Interamericana de Paz (FIP) de 1965, no decorrer de uma cerimónia realizada nos terrenos da Faculdade, fechada desde 2.ª-feira passada.

«São os mesmos, declarou Sanchez Martinez, que em 1965 provocaram os motins. Na época, transportavam espingardas e chamavam-se FIP, hoje vestem fato e chamam-se FMI», afirmou e dizendo-se indignado «pela morte de dezenas de dominicanos».

Por seu lado, as cinco organizações sindicais do país afirmaram que continuam sem receber o convite do presidente Salvador Jorge Blanco para a tradicional entrevista do Primeiro de Maio.

Os sindicatos mantiveram e ampliaram durante o dia com apelos em diferentes rádios a sua palavra de ordem de manifestações para amanhã.

A URSS disposta a com o presidente R

A URSS mantém a disposição de dialogar com os EUA sobre desarmamento «sempre que o diálogo se realize em termos de igualdade e boa-fé», sem que importe quem é nesse momento «o chefe da Casa Branca» — afirma o diário soviético «Pravda».

O principal editorial sobre política internacional do órgão do Partido Comunista Soviético adianta que «a URSS quer o desarmamento e a coexistência pacífica», e que as negociações entre as duas superpotências são possíveis «seja quem seja o presidente dos EUA, incluindo o actual».

O «Pravda» considera, no entanto, «essencial que essas negociações sejam definidas quanto aos seus termos e objectivos, pois se se retomarem as fórmulas de diálogo que os EUA pretendiam impor ultimamente, não existem possibilidades de se obter uma negociação séria nem resultados positivos».

Observadores notam, entre-

tanto, um «interesse crescente», por parte da actual equipa dirigente soviética, em «responder, uma a uma às referências que se fazem em Washington relativamente a um eventual bloqueio ao diálogo por parte de Moscovo».

Por sua vez, o líder soviético Constantin Tchernenko afirmou que a URSS «estava aberta ao diálogo e à cooperação com todos os que honesta e construtivamente trabalhem para a paz» e não procura impor a outros povos os seus pontos de vista.

Tchernenko, que discursava para os operários de uma empresa metalúrgica da cintura industrial de Moscovo, reiterou a posição soviética a respeito do desarmamento, «convencido de que a paz pode ser preservada e os acontecimentos mundiais desvia-

SELA solidária

Os 25 países membros do Sistema Económico Latino-Americano (SELA) condenaram no sábado em Caracas a minagem dos portos nicaraguenses e pediram o fim imediato destas operações.

Esta condenação, a primeira a agrupar um tão grande número de países, foi tornada pública no final de uma reunião extraordinária do Conselho Latino-Americano, instância suprema do SELA.

Organização extrema desmantelada em I

Fontes governamentais israelitas revelaram domingo que apenas se encontram detidas 15 pessoas relacionadas com uma organização clandestina judaica de carácter fascista e não 30 conforme notícia a imprensa local.

De acordo com a rádio Israel, vários dos detidos saíram brevemente em liberdade e não se sabe se os restantes serão processados.

As prisões foram efectuadas sexta-feira depois de as forças de segurança terem desactivado 16 bombas de dois a cinco quilogramas de dinamite cada, que deve-

fp **sindicato**
dos trabalhadores
da função pública
do sul e açores

AOS TÉCNICOS
DE DIAGNÓSTICO
E TERAPÉUTICA

Em 12 de Abril, realizou-se nova reunião no seguimento das já efectuadas no Ministério da Saúde, procedendo-se à análise e discussão do projecto de reestruturação da «Carreira».

Este projecto, entregue ao Sindicato no início de Abril é o resultado da reorganização do anterior discutido na reunião de 22 de Fevereiro.

Foi retirado ao projecto o Artigo 6.º (conteúdos funcionais por especialidade).

O Sindicato considera de extrema urgência a discussão e análise da situação actual.

Assim, convocam-se os Técnicos para um

PLENÁRIO — DIA 2 DE MAIO — 17 HORAS
NO ANFITEATRO DO HOSPITAL D. ESTEÂNIA
ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Informações
- 2 — Carreira dos Técnicos de Diagnóstico e terapêutica
 - a) Análise do projecto reformulado
 - b) Medidas a tomar

Lisboa, 16/4/84

A DIRECÇÃO

POR CARREIRAS NOVAS
PELA DEFESA DOS NOSSOS DIREITOS
A UNIDADE É A NOSSA FORÇA

nas

Nacionalistas catalães vencem eleições autonómicas

ndente do "D.L.", Fer-
cialistas tiveram ontem
ições autonómicas (re-
endo para os nacionalis-
vergência e União, lide-
m coligação com os de-

crístãos do PNV no País Basco; farão meditar o governo de Gonzalez no que se relaciona com a política de descentralização autonómica que levará a cabo no futuro. O tema das autonómicas converteu-se, ainda antes do terrorismo e inclusivamente da crise económica, no grande problema para o governo socialista, que vê como as dezassete comunidades autónomas em que se dividiu o então Estado centralista espanhol são muito difíceis de controlar. Por enquanto, as «comunidades históricas», ou seja, o País Basco e a Catalunha, valorizaram a política nacionalista em relação à política socialista, por mais que esta se

mocratas-cristãos. No total, Convergência e União obtiveram 71 dos 135 lugares de que se compõe o Parlamento Regional catalão, o que significa que Pujol repete o seu mandato, desta vez dispondo de maioria absoluta que lhe permite, comodamente, fazer a sua política durante os próximos 4 anos.

tenha afirmando como descentralizadora e que os Partidos Socialistas Basco e Catalão gozem de uma relativa autonomia em relação ao PSOE de Madrid.

Comunistas também perdem

Também os comunistas conhecem o sabor da derrota nestas eleições autonómicas: o anteriormente poderoso Partido Socialista Unificado da Catalunha (PSUC), de tendência eurocomunista, concorreu a estas eleições tendo à sua esquerda o pró-soviético Partido dos Comunistas da Catalunha de pere Ardiaca, que lhes «rou-

bou» votos e, portanto multiplicou, segundo a implacável lei de Hondt, as dificuldades para que o PSUC obtivesse lugares: apenas 6 lugares terão a partir de hoje os comunistas liderados por Antoni Gutierrez, enquanto que os pró-soviéticos não teriam nenhum.

No que se refere à coligação de direita Aliança Popular, integrada basicamente pela Aliança Popular de Fraga Iribarne, obteve onze lugares, depois de ter dispendido na campanha somas fabulosas, que alguns cifram em cerca de dez mil milhões de pesets. Trata-se, portanto, de um grande fracasso para a principal força da oposição ao socialismo de Madrid, e

este facto não deixará de ter repercussão no futuro da coligação. Os observadores já detectaram, a este propósito, diversos «problemas» entre os coligados. Um Manuel Fraga Iribarne, desgostado e decepcionado, confessava esta noite que «esperava melhores resultados».

Quanto aos triunfadores, tudo indica que o «número dois» da Convergência e Catalunha, Miguel Roca, o braço direito de Pujol, se lançará, a partir de agora, na aventura do Estado: Roca tenta pôr de pé um partido centrista, capaz de combater em toda a Espanha os socialistas e a coligação da Aliança Popular, nas próximas eleições gerais de 1986. Não restam dúvidas de que a vitória de ontem é um bom aliado para os seus propósitos e todos consideram agora que o mapa eleitoral espanhol está longe de estar consolidado.

Dialogar Reagan

os para os caminhos do diálogo, em vez de se manterem na via do confronto».

O dirigente máximo da URSS discursava a propósito das celebrações do próximo 1.º de Maio que se prolongarão até sexta-feira.

Manifestações pacifistas

Umas 20 mil pessoas manifestaram-se junto à base militar de Philippeville, próximo da localidade de Florennes, na região belga das Ardenas, contra a instalação de mísseis nucleares.

Por outro lado, várias dezenas de milhares de manifestantes desfilarão sábado nas ruas de Vancouver e Toronto para protestar contra a corrida aos armamentos e os ensaios de mísseis de

cruzeiro americanos no Canadá.

Em Vancouver, 40 mil pessoas segundo a Polícia, 115 mil segundo os organizadores, responderam ao apelo de mais de 200 organizações, entre os quais igrejas, sindicatos e o novo partido democrático.

Finalmente, cerca de 500 manifestantes antinucleares foram interrompidos pela Polícia hoje de manhã na região de Luchow (Nordeste da RFA).

Cerca de 2.000 manifestantes, segundo a Polícia, tentaram esta madrugada bloquear durante 12 horas as estradas para a fábrica de armazenamento provisório de detritos nucleares em Gorleben e para o local da futura fábrica de reprocessamento nuclear de Dragan, na região de Luchow, soube-se da mesma fonte.

rio com a Nicarágua

Esta reunião era consagrada a questões administrativas, mas o problema da minagem dos portos nicaraguenses, em que participou a Central de Espionagem Americana (CIA), foi evocado a pedido da Nicarágua.

Numa declaração, os representantes de 25 governos membros do Conselho condenaram «toda e qualquer intervenção directa ou indirecta na América Central, e em particular a minagem dos portos nicaragua-

nos, que causou mortos, prejuízos materiais, perturbações na economia nicaraguense e novos obstáculos à liberdade de navegação e de comércio, em violação do direito internacional».

emista Israel

riam ter explodido no mesmo dia em seis autocarros que ligam Jerusalém com um acampamento de refugiados palestinos e outras aldeias árabes a norte da cidade.

As prisões, foram efectuadas em onze cidades de Israel e colonatos judeus da Cisjordânia e dos Montes Golá ocupados por Israel.

A rádio militar israelita informou que a organização actuava de forma altamente profissional e motivada ideologicamente.

Entre os presos há oficiais na reserva e militantes religiosos da extrema-direita cujos nomes não podem ser revelados.

Sismo em Itália

Um ferido, várias casas destruídas e outras danificadas, cortes de electricidade e telefones são o balanço do terramoto de grau 7 na escala de Mercalli que se registou ontem de madrugada na Itália Central.

O epicentro do sismo foi registado a leste da Província de Perugia, na vertente oriental do Monte Urbino, perto de Assis. O terramoto foi sentido numa zona ampla do Centro de Itália, desde Roma a Ravena, incluindo Florença, Pisa, Livorno, Forlì, Ascoli Piceno e Macerata.

Em Roma, não se registaram prejuízos e houve somente alguns casos de pânico entre habi-

tantes de pisos superiores de prédios altos.

Segundo a protecção civil, houve derrocadas de edifícios em Gubbio e Pilonico e parte de Perugia. Em Roncollo, registou-se um ferido, e, em Canestrello, Assis e Afabrica, derrocadas e fendas de paredes.

Toda a zona perto do local do epicentro ficou sem electricidade.

A hora do sismo, o observatório de geofísica registou uma série de abalos seguidos e, segundo um técnico, há um contínuo agitar da terra. A zona teve terramotos em 1751, 1832, 1914 e 1941, todos acima do grau sete de Mercalli.

Lei marcial no Sudão

A lei marcial foi ontem decretada no Sudão por tempo ilimitado, anunciou o presidente Gaafar El Nimeiry num discurso transmitido pela Rádio e pela Televisão e que foi captado em Londres.

Nimeiry disse que a medida se destina a permitir que as autoridades instaurem uma situação de «estabilidade e segurança máxima no país» onde se têm registado levantamentos no Sul e descontentamento social, bem como uma «generalizada corrupção».

A lei marcial implica a proibição

ção de reuniões e manifestações, a militarização dos serviços públicos e suspensão de alguns artigos da Constituição.

O presidente Nimeiry, que sobreviveu a mais de 20 tentativas de golpe de Estado desde que subiu ao poder em 1969, impôs a lei islâmica no Sudão o ano passado, provocando um levantamento guerrilheiro no Sul do país.

Kadhafi ameaça Londres

O coronel Muamar Kadhafi ameaçou ontem domingo a Grã-Bretanha de reciprocidade e acusou-a de proteger terroristas e inimigos do povo líbio, numa declaração distribuída pela agência oficial JANA, poucas horas antes de expirar o prazo fixado por Londres para revistar a Delegação Popular Líbia.

«Chegou a hora de tratar a Grã-Bretanha de uma forma recíproca, já que ela confirma que protege terroristas e inimigos do povo líbio, declarou, segundo a JANA, o coronel Kadhafi ao receber na noite de sábado para domingo os membros da Delegação Popular expulsos de Londres na véspera.

O chefe da Revolução Líbia lamentou que as relações entre os dois povos tivessem sido rompidas, sublinhando que a Embaixada Líbia em Londres fora vítima de um ataque armado por terra e pelo ar.

Enquanto isto, Os enviados especiais à Líbia do «Sun» e do «Daily Express», dois populares jornais britânicos, foram expulsos de Trípoli durante o fim-de-semana, informam os diários, nas suas edições de segunda-feira.

O jornalista do «Sun» afirma ter sido retido durante 20 horas, quando chegou sábado ao aeroporto de Trípoli, vindo de Malta, para cobrir o regresso no seu país, dos trinta líbios expulsos da Grã-Bretanha.

O correspondente do «Daily Express» indica, por seu lado, que foi expulso da Líbia, domingo.

Embaixador revistado

A polícia britânica preparava-se esta manhã (segunda-feira)

para revistar as instalações da «Delegação do Povo (Embaixada) líbia em Londres, que perdeu a imunidade diplomática à meia-noite de domingo.

Importantes medidas de segurança foram tomadas antes desta revista, que procura fazer progredir o inquérito sobre o tiroteio de 17 de Abril, no qual uma mulher polícia morreu e dez pessoas ficaram feridas.

Os polícias creem, com efeito, que os 30 cidadãos líbios, diplomatas e não-diplomatas, que deixaram sexta-feira à noite a Grã-Bretanha, tenham deixado na Embaixada explosivos ou objectos perigosos. Os veículos estacionados na proximidade do número 5 de Saint James Square foram removidos, e os efectivos da polícia foram reduzidos nas imediações do edifício.

Os separadores da Scotland Yard serão os primeiros a penetrar nas instalações. Serão seguidos dos inquiridores que trabalharão na presença de um observador, provavelmente um diplomata saudita, indicou uma fonte policial. A Arábia Saudita representa os interesses da Líbia na Grã-Bretanha depois da ruptura das relações diplomáticas entre Londres e Trípoli, a 22 de Abril.

O inquérito sobre a morte da agente da polícia, atingida, segundo testemunhos, por uma rajada de arma automática disparada de uma janela da Embaixada, progrediu Domingo, anunciou a Scotland Yard. Os polícias, com efeito, identificaram uma das testemunhas do drama, que se encontrava a menos de três metros da vítima, no momento em que se despojava uma manifestação de opositores do coronel Kadhafi.

Linha da Frente apoia acordos com Pretória

As iniciativas de paz na África Austral empreendidas por Angola e Moçambique foram elogiadas domingo no comunicado final da Cimeira dos Países da Linha da Frente que esteve reunida em Arusha, Tanzânia.

Depois de reafirmar que o regime do «apartheid» continua a constituir «o factor impeditivo da estabilidade na região», o comunicado da Cimeira exige a retirada imediata e incondicional das tropas sul-africanas do Sul de Angola e o início da implementação da resolução 435 do Conselho de Segurança que estabelece as bases para a inden-

pendência da Namíbia.

Os dirigentes de Angola, Moçambique, Botswana, Tanzânia, Zâmbia e Zimbabwe reafirmaram a sua solidariedade para com a luta dos povos da Namíbia e África do Sul liderados pela Swapo e pelo ANC e apelaram ao reforço do apoio político, moral e diplomático aos dois movimentos de libertação.

Regozijaram-se pelos «êxitos alcançados por Angola e Moçambique» no aniquilamento dos bandos armados por Pretória, cujo objectivo é o de travar as conquistas revolucionárias dos dois Estados».

MURPI

Movimento Unitário dos Reformados Pensionistas e Idosos

1.º DE MAIO

— Dia de Confraternização e Luta —

Os Reformados estão em luta, pelos seus direitos e como tal todos devem estar presentes na grnde manifestação

REFORMADOS DE LISBOA E SETÚBAL
A NOSSA CONCENTRAÇÃO É FEITA
NO LARGO MARTIM MONIZ

PELAS 14,30 — HORAS

JUNTO AO TEATRO «AD HOC»

UNIDOS COM OS TRABALHADORES DO ACTIVO
EM DEFESA DE ABRIL E A CONSTITUIÇÃO

CONTRA A FOME E A MISÉRIA
O POVO NÃO ESTÁ COM ESTE GOVERNO
NOVO GOVERNO — NOVA POLÍTICA

«Só o Portugal de Abril
respeitará o Outono da Vida»

Hemorroidas. Um problema. Uma solução.

O mais doloroso é o prurido causado pelas hemorroidas. Desagradável durante o dia e particularmente aborrecido durante a noite. Coçar só piora a situação. Para além de tudo o que usou até hoje, eis uma boa notícia.

Com a designação «SPERTIH» foi lançado em Portugal um medicamento, conhecido há décadas em todo o mundo pela sua segurança e eficácia.

O doente começa a sentir um alívio imediato. O prurido, o ardor e as dores desaparecem. As hemorroidas inflamadas e irritadas começam, pouco a pouco, a diminuir. «SPERTIH» vende-se na farmácia em pomada (com aplicador) ou em supositórios (para hemorroidas internas). Um tratamento combinado de pomada e supositórios dá muitas vezes resultados particularmente rápidos e satisfatórios.

Procure na sua farmácia.

ANDARES S/ENTRADA INICIAL

Podendo habitar já. Em Alverca e Carregado. Programa pagamento a combinar. Reservas pelo telefone 53 98 67

AOS CONSTRUTORES

ODIVELAS E ALVERCA. Lotes prontos construir 8 fogos sem elevador, e torres 50 fogos. Pagamento total ou parcial através de «letras» ou permuta. Telefone 53 98 67

MORADIAS - PALMELA

5800 contos. Requiridas 7 assoalhadas, salão com lareira, 3 casas banho, garagem e jardim. Vendem-se em acabamentos como se encontram para compradores escolhem cores e materiais finais. Telefone 53 98 67

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confeções

Av. João XXI, 5-D - 1000 (Metro Areeiro) - R. Infância 16, 55-C - 1300 LISBOA



ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL
CONSELHO ADMINISTRATIVO

Faz-se público que o CP 3/84-Mat — AO. DE RADARES DE VIGILÂNCIA TERRESTRE, a respectiva abertura fica adiada para o dia 04JUN84 pelas 15H00.

D.S.M. em Lisboa 26ABR84

O Presidente do CA
FERNANDO JOAQUIM SILVA PONTES
Major de A.M.

SNORISSIMO

BAR - RESTAURANTE

AGORA EM LISBOA



**ALMOÇOS
JANTARES
E CEIAS**

DAS 11 H. ÀS 02 H.

**COZINHA: PORTUGUESA
FRANCESA
(CREPES)
MARROQUINA
(COUSCOUS)**

**TRAVESSA ANDRÉ VALENTE, 8
TELEFONE 32 89 20 - 1200 LISBOA
(À CALÇADA DO COMBRO)**

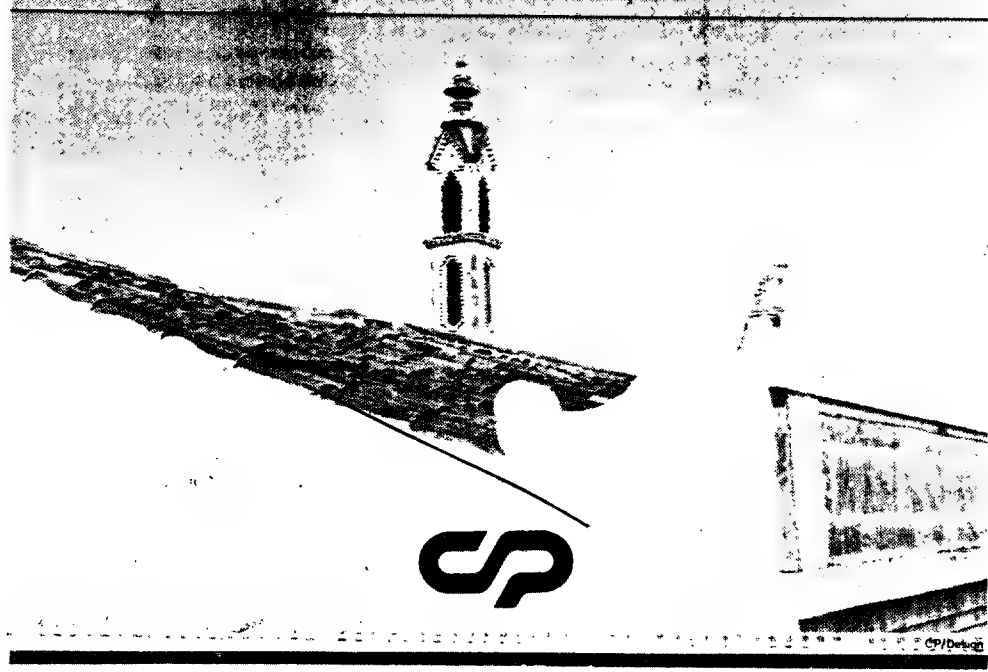
A PRIMAVERA NO ALGARVE

de 15 de Março a 15 de Maio

**BILHETE DE IDA E VOLTA
REDUÇÃO DE 50%**

Informe-se na Estação mais próxima
nas Agências de Viagens

Seções Comerciais de Promoção 84



ouro

TODOS OS OBJECTOS
MESMO DANIFICADOS, CAUTELAS
DE PENHOR, MOEDAS, PRATAS

• COMPRO A P/ PAGAMENTO. •

dos 10 às 12h e dos 14 às 18h.

Av. Alameda da Boa 175-17 (cinema MAP100)
VICTOR - telef. 53 82 20

CONVOCAÇÃO

Nos termos do Código Cooperativo, convoca-se a Assembleia Geral Extraordinária da **Cooperativa do Pessoal da CTM - Companhia Portuguesa de Transportes Marítimos, SCARL** - a reunir no próximo dia 7 de Maio pelas 18 horas na Rua do Instituto Virgílio Machado n.º 14, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.º - Alteração dos Estatutos em vista à sua adaptação ao Código Cooperativo;
- 2.º - Nomeação dos Corpos Gerentes para o triénio de 1984/1987;
- 3.º - Autorizar e nomear os membros da Direcção que outorgarão a escritura notarial respeitante aos estatutos aprovados.

Não havendo número legal de sócios presentes, a Assembleia funcionará com qualquer número às 18.30, no mesmo dia e local.

Lisboa, 17 de Abril de 1984

Pel'O Presidente da Mesa
(assinatura ilegível)



**MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA**

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1938, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Direcção de Distribuição Tejo-Centro Oeste, a que se refere o processo n.º 1/6060, arquivo 9, para o estabelecimento na freguesia de Alcábaldeche, concelho de Cascais, de uma modificação da linha aérea a 10 kV, n.º 1812, com a montagem de um troço com 425 m, entre os postes n.ºs 13 e 15, em Fígua.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, em 16 de Abril de 1984

O ENGENHEIRO DIRECTOR
João Carlos Oudinot Larcher Nunes



Prof. Doutor Fernando José Maria de Mello Manuel da Câmara de Moser
Presidente do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa
Missa do 7.º Dia

Será celebrada missa de sufrágio do 7.º dia na Igreja de Santo Condestável, a Campo de Ourique, às 18,30 h de 2.ª feira, 30/4/84.

Para ela se convidam todos os colaboradores e amigos do falecido Professor.



DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

ENGENHEIROS ENGENHEIROS-TÉCNICOS

**REMUNERAÇÃO ANUAL
2400 contos/ano**

Conceituada empresa, bem implantada em Angola, pretende contratar Engenheiros ou Engenheiros-Técnicos, por um período de 2 anos (eventualmente renovável), para o exercício de funções inseridas no âmbito da Formação de Pessoal para as seguintes áreas:

- Laboratório de Física Ref.º 10/84
- Laboratório de Química Ref.º 11/84
- Pessoal Metalúrgico de Operação Ref.º 12/84
- Manutenção Mecânica Ref.º 13/84

As funções a desempenhar implicam, para além de qualificação técnica adequada, bons conhecimentos de Inglês.

Os candidatos seleccionados terão de estar disponíveis para efectuarem na Áustria um estágio de 2 meses, antes de iniciarem a sua actividade na RPA.

As condições oferecidas incluem, para além do vencimento referenciado, outras regalias - alojamento, alimentação e transportes.

Os interessados poderão contactar até 4/5/84, pelo telefone 36 31 81 extensão 284, ou por escrito, a atenção da Dr.ª Fatima Vale na Calçada do Duque, n.º 20, em Lisboa, apresentando «curriculum» detalhado.

Asseguramos a máxima confidencialidade

TEATRO DO BAIRRO ALTO
R. Tenente Raul
Cascais, 1-A
1200 Lisboa
Tel. 661515 • 669205



A MISSÃO

de
HEINER MÜLLER

De 3.ª a Sexta, às 21.30 h.
Sábado, às 17 h. e 21.30 h.
Domingo, às 17 h.

GRUPO DE CAMPOLIDE



**Se conduzir
não beba**



**POUPE
COMBUSTÍVEL**

Partilhe o seu automóvel
com outras pessoas
que façam habitualmente
o mesmo percurso.



**DIRECÇÃO-GERAL
DE VIAÇÃO**

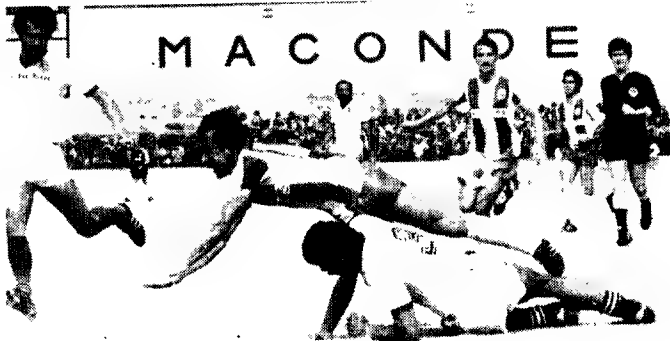
**AOS
CONDUTORES**



Junta dos parques de transportes públicos, visando a melhoria, sempre e quando possível, da segurança e do conforto para quem utiliza os transportes públicos.

**PREVENÇÃO RODOVIÁRIA
PORTUGUESA**

DESPORTO



Vila do Conde: portista Costa em prancha

Rio Ave, 0-Porto, 0

Pacto de não agressão

Em tarde mais propícia para uma ida até à praia, Rio Ave e FC Porto experimentaram forças num primeiro teste para o grande «exame» que vai amanhã ter lugar no Estádio do Jamor. Dir-se-ia, a propósito, que portistas e vilacondenses, pese embora o facto de se encontrarem de relações cortadas (ao nível de directores, bem entendido...), assinaram, no sábado, um pacto de não-agressão, tendo em vista a manutenção da expectativa reinante em torno de uma final inédita e também a presença de todas as «peças» de cada uma das máquinas.

Pelo sim, pelo não, o técnico portista António Morais resolveu jogar pelo seguro e, no reduto de Vila do Conde, prescindiu do concurso de quatro elementos fundamentais da sua equipa: Lima Pereira, João Pinto, Frasco e Sousa, que viram o jogo na bancada, podendo assim recuperar do esforço despendido em Aberdeen e, por outro lado, recolher alguns dados susceptíveis de favorecerem a sua tarefa no jogo de amanhã. O mesmo se poderá dizer em relação a Jaime Pacheco e Vermelhinho, que foram utilizados apenas parcialmente.

A turma portista fez uma partida repousada, embora tendo sempre por objectivo a baliza à guarda de Alfredo. O Rio Ave (por seu turno) esgotou uma grande parte das energias no 1.º tempo, em que logrou criar algumas oportunidades flagrantes de golo, e depois ficou à mercê do seu opositor, que a partir dos 60 minutos dominou quase completamente a situação. Mas três «fifias» consecutivas da defesa portista (incluindo uma de Zé Beto) podiam ter decidido a sorte do

duelo a favor dos vila-condenses. Aconteceu, porém, que N'Habola, estava em dia não e, na ausência de Quim (suspensão pela comissão administrativa do seu clube), o Rio Ave não dispôs de gente com pontaria afinada.

Saliente-se que não se registaram quaisquer incidentes em Vila do Conde, resultantes do corte de relações entre os dois clubes. Apenas algumas vaias ao presidente portista Jorge Nuno Pinto da Costa quando este fez a sua aparição no campo, acompanhada dos jogadores: apupos rapidamente abafados pelos incitamentos da numerosa falange de apoio «azul e branca». Tudo decorreu normalmente, como se desejava, havendo até a assinalar o facto de o chefe do departamento de futebol do Rio Ave ter cumprimentado, sem reservas, quer o presidente portista, quer o secretário-técnico, Luís César.

Teixeirinha (chamado a ocupar o lugar de João Pinto) raramente atinou com a marcação a Cabumbra e daí, em parte, as oportunidades que o Rio Ave forjou pelo lado esquerdo do seu ataque, enquanto António Morais não fixou Costa nesse sector, para compensar a tarde manifestamente infeliz de Teixeira e que acabou por afectar os restantes defesas «azuis e brancos». O zero-zero final está certo: de ambos os lados os atacantes revelaram uma grande falta de inspiração.

Boa arbitragem de Veiga Trigo, que esteve sempre em cima dos lances e controlou muito bem o ímpeto de alguns jogadores, sem ter necessidade de levar a mão ao bolso.

Manuel Neto

Arbitro: Veiga Trigo (Beja), auxiliado por Manuel Burriga (bancada) e Teixeira Correia (peão).

Rio Ave: Alfredo; Sérgio, Antero, Brito e Duarte; Carvalho, Adérito (Pinto, aos 81 m) e Cabumba (Azevedo, aos 85 m); Carlos Manuel, N'Habola e Casaca.

FC Porto: Zé Beto; Teixeira, Eduardo Luís, Eurico e Inácio; Jaime Magalhães, Quinto e Costa; Walsh (Vermelhinho, aos 76 m), Gomes e Jacques (Jaime Pacheco, aos 61 m).

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	B	P
1.º BENFICA	28	23	3	2	83-21	49
2.º FC Porto	28	21	5	2	56-7	47
3.º Sporting	28	18	3	7	53-23	39
4.º Braga	28	14	7	7	37-29	35
5.º V. Setúbal	28	12	7	9	40-28	31
6.º V. Guimarães	28	13	3	12	40-40	29
7.º Boavista	28	11	7	10	34-29	29
8.º Rio Ave	28	10	7	11	29-32	27
9.º Portimonense	28	10	6	12	27-32	26
10.º Varzim	28	8	9	11	27-36	25
11.º Penafiel	28	7	6	15	18-54	20
12.º Salgueiros	28	5	9	14	21-39	19
13.º Farense	28	4	11	13	28-50	19
14.º Estoril	28	5	9	14	26-42	19
15.º Agueda	28	7	4	17	24-50	18
16.º Espinho	28	5	6	17	17-42	16

Próxima jornada (domingo): Boavista-FC Porto (0-4, na 1.ª volta); Varzim-Salgueiros (0-0); Penafiel-Espinho (0-0); Farense-V. Guimarães (1-2); Benfica-Sporting (1-0); Braga-Portimonense (1-1); Agueda-V. Setúbal (1-2) e Estoril-Rio Ave (0-4).

Final da «Taça»: amanhã, às 16

Amanhã, pelas 16 horas, no Estádio Nacional, FC Porto e Rio Ave disputam a final da Taça de Portugal. De acordo com o regulamento das provas oficiais, se no final do tempo regulamentar as equipas estiverem em igualdade, será o jogo

interrompido durante cinco minutos e, depois, prolongado por 30 minutos, divididos em duas partes de 15 minutos cada, sem intervalo, mas com mudança de campos. Se, findo este prolongamento de 30 minutos, os clubes se mantiverem empatados, deverá realizar-se novo jogo no dia 9, também no Estádio Nacional.

Nacional de futebol

Arraial minhoto põe KO Sporting e Benfica

Escândalo total e absoluto em Alvalade: mas, não tão grande assim, se tivermos em conta que, desde o momento em que o dr. Venglos tomou conta dos «leões», ainda nada se viu de proveitoso no caríssimo conjunto arregimentado por João Rocha, aqui e além com algumas passagens por jogadores portugueses.

Surpresa de todo o tamanho, não pelo sinal do «placard» mas pelo volume dos números, o desaire benfiquista em Guimarães: um bailarico (minhoto) em belo adeus a Abril. Espectáculo vimaranense, repetindo a visita do Liverpool perante as barbas de Manuel Bento.

Curiosamente (e porque também o FC Porto não logrou melhor que o nulo a zero perante o aplicado Rio Ave), nem um só dos emblemas do triunvirato dominante conseguiu a vantagem sonhada: em desacordo abismal com o que sucedeu nos diferentes blocos da divisão com o pé na tábua, onde os nove comandantes não abdicaram da sua supremacia e deixaram, pelo menos por mais um domingo, as coisas para o clarear da alvorada. Ao Norte, Vizela, Chaves, Leixões e Sanjoanense permanecem intocáveis. Na zona central, Académico de Coimbra, Peniche e Alcobaca igualmente continuam na corrida: a automática subida apenas a necessitar de um ponto no haver comimbricense mas o famigerado «torneio de competência» ainda admitindo várias conjecturas. Quase uma cópia do que sucede ao Sul, onde Belenenses e funchalenses do Marítimo mantêm emulação até (pelo menos) as 18 horas de domingo próximo, etapa em que (no regresso de viagens de distância bem diferente) tomarão conhecimento de como aconteceram as coisas para cada símbolo.

Mas, cá estamos novamente em torno do desastroso e nebuloso fracasso dos «leões»: onde agora não pode haver quem deite culpas sobre Oliveira, o maestro que Venglos não admite como dono da batuta, num desconforme aglomerado de gentes onde cada instrumento toca no tom que lhe apraz. E, saltando sobre o retardar de conquista de trono ainda equacionado a duas bandeiras, já dando de barato que a bela exibição de Pietra em Guimarães foi o escasso e



«Derby» de juniores na Luz: Litos (Sporting) falha uma grande penalidade

fugidio raio de sol que não acalentou benfiquistas, digamos que tudo o mais (a nível de futebol superior) foi tão normal que os visitantes, com maior ou menor dificuldade, acabaram por pendurar nas cartucheiras as aves abatidas e, entre os viajantes, o boral ficou de conquistas.

Marcaram-se trinta tentos. O Benfica e o Porto a necessitarem de um prolongamento de vigilância mútua. Braga (do jovem e tantas vezes incompreendido Quinto) somente a um golpe de transportar a fronteira europeia. Setúbal com efêmera réstea de esperança, uma espécie de cópia menos ampliada do Rio Ave. Cinco tranquilos, já apenas a cumprir calendário e somente preparando saída para melhores voos. Depois, o baile infernal: tudo podendo estar na próxima carta colocada no correio para Penafiel e Farense, Estoril e Salgueiros, Agueda e Espinho. O cutelo esvoaçando nas asas alvinegras da esperança e do derrube.

Afinal, o futebol triunfando: se até ao lavar dos cestos será vindima, não é menos certo que (ao menos por estas áreas) ainda ninguém ousou combinar desfechos ou acertar posições. Valha essa verdade para, na temporada em que correu sangue na arbitragem, se continuar respeitando a verdade inamovível do que fica como espelho de cada duelo. E, não sonhemos com fraudes, não imaginemos (nunca) qualquer contemporização dos «astros» colocados no palco. Futebol é assim mesmo: uma bolinha mais caprichosa que a esferinha que rodopia na roleta.

Neves de Sousa

História

Resultados da ronda 28 do Nacional maior: Boavista-Varzim, 3-0; Salgueiros-Penafiel, 3-1; Espinho-Farense, 5-2; V. Guimarães-Benfica, 4-1; Sporting-Braga, 1-2; Portimonense-Agueda, 2-1; V. Setúbal-Estoril, 3-2 e Rio Ave-FC Porto, 0-0.

Marcadores

A 28.ª jornada rendeu 30 golos, mas os principais marcadores ficaram praticamente em branco. Destacou-se apenas Jorge Silva (Boavista) com três golos. A lista dos goleadores é actualmente a seguinte, a duas jornadas do termo do campeonato:

1.º Nenê (Benfica), 20 golos; 2.º Diamantino (Benfica), 19; 3.º Gomes (FC Porto), 17; 4.º Jordão (Sporting), 16; 5.º M. Fernandes (Sporting), 15; 6.º Jorge Silva (Boavista), 12; 7.º Manniche (Benfica), José Rafael (Farense) e Jorge Gomes (Braga), 11; 10.º N'Habola (Rio Ave), Nascimento

(V. Setúbal) e César (Agueda), 10.

Divisão 2

Desfechos no campeonato nacional da 2.ª divisão, Zona Norte: Valonguense-Lixa, 3-2; Valdevez-Ac. Viseu, 2-0; Sanjoanense-Famalicão, 2-0; S. Martinho-Tirsense, 0-0; Leixões-Paços de Ferreira, 5-1. Classificação: 1.º Vizela, 38 pontos; 2.º Chaves, 36; 3.º Leixões (menos um jogo), 35; 4.º Sanjoanense, 34; 5.º P. Ferreira (menos um jogo), 29; 6.º Famalicão, 29; 7.º Riopelle, 28; 8.º Gil Vicente (menos um jogo) e Valdevez, 26; 10.º Fafe, Feirense, Tirsense e Valonguense, 25; 14.º Lixa (menos um jogo), 24; 15.º Ac. Viseu, 20; e 16.º S. Martinho, 19 pontos.

ZONA CENTRO U. Coimbra-Elvas, 1-1; Anadia-Alcobaca, 0-3; Beira-Mar-Peniche, 0-2; Torreense-Covilhã, 1-0; Benfica C. Branco-Naval, 3-1; Caldas-U. Tomar, 2-0; U. Leiria-Guarda, 1-1; e Rio Maior-Académico, 1-4. Classificação 1.º Académico, 41 pontos; 2.º P. P. 38; 3.º Alcobaca, 35; 4.º Torreense, 34; 5.º Covilhã, 32; 6.º U. Coimbra, 31; 7.º Guarda e Elvas, 30; 9.º Benfica C. Branco, 28; 10.º U. Leiria e Caldas, 26; 12.º Beira Mar, 24; 13.º U. Tomar, 23; 14.º Naval e Anadia, 17; e 16.º Rio Maior, 16 pontos.

ZONA SUL: Sesimbra-Amora, 2-1; Lusitano-Nacional, 1-0; Olivais e Moscavide-Silves, 3-1; E. Amadora-Esp. Lagos, 0-0; Marítimo-Barreirense, 4-2; Olhanense-Sacavenense, 0-2; Odivelas - U. Madeira, 2-1; e C. Piedade - Belenenses, 0-4.

Classificação: 1.º Belenenses, 42 pontos; 2.º Marítimo, 40; 3.º Nacional e U. Madeira, 34; 5.º Amadora, 30; 6.º Olhanense, 29; 7.º Sesimbra, 27; 8.º Odivelas, 26; 9.º Amora e Barreirense, 25; 11.º C. Piedade, Sacavenense e Lusitano, 24; 14.º Silves e Olivais e Moscavide, 22; e 16.º Esp. Lagos, 20 pontos.

De notar que os quatro tentos belenenses na Cova da Piedade foram assinados por Joel.

Divisão 3

Nomes e números da 3.ª Divisão, Série A: Aves - Freamunde, 0-0; Mogadourense - Valenciano, 1-1; Moreirense - Mirandela, 2-0; Merelinense - Limianos, 0-0 (interrompido aos 30 minutos devido ao mau tempo); Vianense - Taipas, 0-1; Bragança - Prado, 0-0; Cerveira - Ponte da Barca, 2-3; Felgueiras - Monção, 4-1. Líder: Aves, 40 pontos. Série B: Amarante - Leça, 4-1; Lourosa - Ermesinde, 1-1; Valadares - Vilanova, 2-1; Ovarense - Régua, 3-2; Lamego - Cesarense, 3-1; Paivense - Esmoriz, 1-0; José Alves - U. Lamas, 0-1; Marco - Paredes, 2-0. Líder: Lourosa, 35 pontos. Série C: Santa Comba-dense - Poiares, 1-1; Mealhada - Oliveirense, 4-0; Gouveia - Ma-

rials, 3-1; Sourense - Estarreja, 0-5; Vildemoinhos - S. Romão, 3-0; V. Benfica - Oliv. Bairro, 5-2; Mangualde - Tondela, 3-1. Líder: Estarreja, 38 pontos. Série D: U. Santarém - Marinhense, 0-0; Portalegre - Marrazes, 5-1; Alpalhoense - Marinhais, 0-1 (interrompido devido ao mau tempo, repete-se amanhã); Bombarralense - Alcains, 4-1; S. Bernardino - Alferredes, 1-5; Atouguense - Nisa, 2-1; Nazarenos - Est. Portalegre, 2-3; Marinha - Almeirim, 1-0. Líder: Estrela de Portalegre, 47 pontos. Série E: Benf. Aguiar - Almada, 1-4; Atlético - Montijo, 4-2; Tires - Casa Pia, 2-1. Vialonga - Cacerém, 0-0; Sintrense - Lusitânia, 5-1; Samora Correia - S. L. Olivais, 0-0; Bucelenses - Oriental, 1-1; Campomaiorense - Santa Clara, 0-0. Líder: Atlético, 39 pontos. Série F: Estrela V. Novas - Paio Pires, 3-0; Canaviais - Com. Ind. Setúbal, 0-4; Moitense - Alvorense, 2-0; Quimigal - Torralta, 1-0; Quarteirense - Vasco da Gama, 1-0; Campinense - Beja, 4-0; Lusitano V. Real - Juv. Évora, 5-1; Seixal - Trafaria, 2-2. Líderes: Torralta e Campinense, 39 pontos.

Seis equipas já asseguraram a subida à 2.ª divisão: Estrela de Portalegre, Estarreja, Mangualde, Marinhense, Torralta e Campinense.

Juniores

O Benfica manteve o primeiro lugar da Zona Sul do «Nacional» de juniores de futebol ao empatar em casa com o Sporting por 0-0.

Continua na pág. 14

TOTO BOLA

1. V. Guimarães-Benfica	1
2. Rio Ave-FC Porto	x
3. Sporting-Braga	2
4. Boavista-Varzim	1
5. Salgueiros-Penafiel	1
6. Espinho-Farense	1
7. Portimonense-Agueda	1
8. V. Setúbal-Estoril	1
9. Gil Vicente-Vizela	2
10. Sanjoanense-Famalicão	1
11. Beira-Mar-Peniche	2
12. Rio Maior-Académico	2
13. C. Piedade-Belenenses	2

O concurso número 17 do Totobola, apesar de algumas surpresas, tem previstos entre 300 e 400 totalistas, segundo a estimativa divulgada pelas Apostas Mutuas Desportivas. Com 12 resultados certos prevêem-se de 8000 a 10 000 apostas.

* O valor de cada prémio é de 22 907 775 escudos.

TOTO BOLA jogue connosco

CONCURSO N.º 18/84 6 de Maio de 1984

1. Benfica-Sporting	1
2. Boavista-Porto	x
3. Varzim-Salgueiros	2
4. Penafiel-Espinho	1
5. Farense-Guimarães	x
6. Braga-Portimonense	1
7. Agueda-Setúbal	1
8. Estoril-Rio Ave	1
9. Famalicão-Chaves	2
10. Tirsense-Leixões	x
11. U. Coimbra-Académico	x
12. Sesimbra-Belenenses	x
12. E. Lagos-Marítimo	2



Fute: rutura de ligamentos na perna direita, contralida no jogo de juniores dos «leões» com o Benfica. Três semanas (pelo menos) de paragem absoluta

DESPORTO

Futebol nacional

Continua na pag. 13

para a oitava jornada. O Benfica soma 13 pontos contra 12 do Sporting.

Resultados da ronda:

ZONA NORTE — Braga-Repe-senses, 9-0; FC Porto-V. Guimarães, 3-0 e Boavista-União de Coimbra, 1-1. Líder: Braga, 9 pontos.

ZONA SUL — Benfica-Sporting, 0-0; V. Setúbal-Torralta, 4-1 e Naval-Marinense, 1-1. Líder: Benfica, 13 pontos.

Carlinhos: Lesão

O médio boavistense Carlinhos, chocando com o varzinista José Maria, sofreu um ferimento na perna esquerda (saturado com 15 pontos) que o impedirá de jogar o resto do campeonato.

MICROSEPIO

Andebol:

Porto fora da corrida

A terceira (e derradeira) fase do campeonato nacional da divisão de honra de andebol masculino «mergulhou» em clima de salutar «suspense». Só o FC do Porto (com três desaires) está afastado da luta pelo título, enquanto Benfica, Belenenses e Sporting (com uma derrota cada) estão em condições muito semelhantes de, na 2.ª volta, esgrimirem pela conquista do lugar supremo. Os números de agora, considerando os resultados totais, colocam o Benfica no comando (pelo desfalque da sua vitória ante o Porto) mas, excluindo os resultados dos portistas (que deixaram de contar na igualdade a três), será o clube da «Cruz de Cristo» a assumir o comando, porque conta melhor «golo-average» entre o trio empatado. Em termos mais claros: se a actual situação prevalecer ao fim da última jornada, será o Belenenses o campeão.

A 2.ª volta é disputada igualmente no Restelo, entre 6.ª feira e domingo próximos.

Resultados da 1.ª volta, 1.ª jornada: FC do Porto-Benfica, 19-28 e Sporting - Belenenses, 24-26; 2.ª jornada: FC do Porto - Belenenses, 22-27 e Benfica - Sporting, 24-26; 3.ª jornada: Benfica - Belenenses, 26-25 e FC do Porto - Sporting, 20-24. Classificação: 1.º, Benfica, 7 pontos (78-70); 2.º, Belenenses, 7 (78-72); 3.º, Sporting, 7 (74-70) e 4.º, FC Porto, 3 (61-79). No desempate entre o trio em igualdade (situação que poderá acontecer no final da prova) a classificação seria: 1.º, Belenenses, 51-50; 2.º, Sporting, 50-50 e 3.º, Benfica, 50-51. «Azuis» com um golo positivo, «verdes» com «average» nulo e «encarnados» com um tanto negativo.

Em jogo da 1.ª «mão» (disputado em Aveiro) da final do «nacional» da 2.ª divisão, o S. Bernardo bateu o Boa Hora por 31-26. Cinco golos que os aveirenses têm que defender na 2.ª «mão», a realizar no sábado (em Lisboa). O campeão é apurado no conjunto dos dois jogos.

Atletismo movimentou-se

O atletismo esteve em grande actividade no fim-de-semana: Rosa Mota foi 2.ª nos 25 Kms de Berlim (tempo: uma hora 24 m 59 s); Carlos Capitulo (Académico da Régua) triunfou no «Prémio Vinho do Porto», disputado na Régua (8000 metros em 27 minutos e 23 segundos); a equipa do Malaposta (Aveiro) ganhou a estafeta do Inatel (39.100 metros) entre a Ribeira de S. João e a Foz do Arelho, em 2 h 3 m 8 s), o individual João José Peixinho foi o melhor na «Corrida da Primavera», organizada pelo nosso prezado colega «Diário de Notícias» (10.600 metros em 35 minutos e 12 segundos) enquanto Isabel Sousa gastava 25 m 22 s para os 6000 metros do seu traçado. Em Santarém, o belenense José Pinto marchou durante 10 quilómetros: 46 m 30 s foi o tempo gasto.



Golo 3: o Benfica completamente aturdido

Guimarães, 4-Benfica, 1

Vitória: feito «histórico»

Poucas vezes como ontem, em Guimarães, o Benfica terá sido humilhado por uma equipa do futebol portuguesa. Ninguém (temos a certeza) ousaria vaticinar tão rotundo desfecho, para mais nas circunstâncias que rodearam este encontro. De um lado, os vimezanenses, forçados a rebuscarem no alfobre da «casa» uma solução de emergência para a «crise» resultante das suspensões recentes de Silvino, Barrinha, Fonseca e Flávio. Do outro, os benfiquistas, a um passo de conquistarem o título e com todas as suas «pedras» devidamente enquadadas no «xadrez» de Eriksson.

A verdade, é que os minhotos acabaram por surpreender toda a gente e por alcançar um feito «histórico» que só não foi mais expressivo porque, no «lavar dos cestos», Pietra logrou, finalmente, bater o guarda-joias Jesus, na transformação de (mais) um pontapé livre.

O «escândalo» de Guimarães começou a desenhar-se aos 9 minutos, quando Gregório Freixo, na meia-esquerda do seu ataque, avançou com o esférico até à entrada da área e daí disparou forte remate que iria trair Bento de forma comprometedor, não obstante o facto de o guarda-redes «encarnado» se ter feito ao lance. Com este deslize inesperado, Bento daria o «mote» que os minhotos viriam a «glosar» (e de que maneira...) ao longo do encontro, mas sobretudo nos 9 minutos imediatos. Com efeito, ainda ecoavam as manifestações de regozijo da «plateia» afectada à equipa da «casa» e já esta rubricava o 2.º golo, tão inesperado como o primeiro, mas digno de figurar na melhor antologia do desporto-rei. Foi seu autor Paulo Ricardo: o pontapé de lança vimaranense apareceu, acidentalmente, no lado direito do seu ataque e, na passada, atirou do «meio da rua», fazendo o esférico descrever um arco caprichoso e entrar nas costas de Bento. Um golo do «outro mundo» que deixou todo o anfiteatro petrificado e mormente os jogadores «encarnados» que, de braços cruzados, se entreolhavam, como quem interroga: «Será que o Guimarães descobriu um novo Eusébio?»

Como grande equipa que é (pese embora alguns «acidentes de percurso») o Benfica não desarmou e continuou apostado em



Guimarães embandeirou em arco: com toda a razão

rectificar o resultado. No entanto, era evidente a dificuldade dos «encarnados» em penetrarem no extremo reduto do Vitória, onde Tozé e Amândio neutralizavam por completo a acção de Manniche e Diamantino.

Curiosamente, foram ainda os vimaranenses a ditarem a sua «lei», e, de novo, por intermédio de Paulo Ricardo, que surgiu isolado, após um «passe de morte» do compatriota Da Silva, desfeiteando Bento quando este saiu da sua baliza a fazer a «mancha» o 3.º «golpe» no curto espaço de 9 minutos. Ficou, então, bem patente como tinha sido errada a opção de Eriksson ao colocar apenas três elementos no bloco defensivo, visto que Sheu, apesar de ter o n.º 3 nas costas, foi sempre mais um médio do que defensor.

Não obstante a série de «choques» sofridos em tempo que se presume seja recorde, o Benfica jamais desistiu de levar a água ao seu moinho, embora quase sempre pela via menos indicada (através de lançamentos para a área contrária), permitindo assim que Jesus e seus pares se tenham oposto com êxito às várias tentativas feitas nesse sentido. Oposição que assentou, sobretudo, na disciplina táctica do Vitória e no elevado sentido de entreajuda dos seus jogadores.

Árbitro: Carlos Valente (Setúbal) auxiliado por Jaime Marta (ataque do Benfica) e Jacinto Roque (ataque do Guimarães).
Guimarães: Jesus; Costeado, Amândio, Tozé e Alfredo Murça; Jorge Machado (Kiki) aos 63 m.; Nivaldo, Soeiro (Paulo Viana, aos 86 m.) e Gregório Freixo; Paulo Ricardo e Da Silva.
Benfica: Bento; Pietra, Bastos Lopes e Álvaro; José Luís (Chalana, aos 27 m.), Carlos Manuel, Shéu, Stromberg e Veloso (Nené, na 2.ª parte); Manniche e Diamantino.
Ao intervalo: 3-0. Marcadores: Gregório Freixo (9 m.), Paulo Ricardo (14 e 18 m.), Murça (56 m.) e Pietra (89 m.). Cartão amarelo: Costeado (52 m.), Bento (74 m.) e Murça (88 m.).

Entretanto, no «banco» benfiquista escoavam-se os trunfos apontados para a reviravolta: 1.º foi Chalana, que rendeu José Luís (27 minutos); depois foi Nené, que apareceu no lugar de Veloso, após o intervalo. O Guimarães mantinha a formação inicial, incluindo os dois juniores (Jorge Machado e Soeiro) que, diga-se em abono da verdade, tiveram comportamento muito meritório, justificando plenamente os aplausos com que foram distinguidos no momento da rendição.

Os lisboetas continuaram, após o descanso, empenhados no «volta-face». Sucederia, todavia, novo «contratempo», quando Murça (agora acumulando as funções de adjunto do treinador Djunga), após excelente combinação com Da Silva, aumentou para 4-0, com um soberbo «chapeu» a Bento. Protestaram os benfiquistas, alegando deslocação do jogador do Vitória, mas sem razão.

Vítima de sucessivos precalços, a turma da Luz passou a actuar mais com o coração do que com a cabeça, forjando situações de embaraço para a defesa vimaranense que, na maioria dos casos, se goraram por manifesta falta de discernimento. O golo de honra «encarnado» (um singelo prémio para quem tanto porfiou...) surgiria no penúltimo minuto do desafio, obtido por Pietra na transformação de um «livre» à entrada da área minhoto, momentos após a barra da baliza de Jesus ter devolvido um remate a «queima-roupa» de Stromberg.

A arbitragem não foi responsável pelo colapso benfiquista, embora, por vezes, tenha prejudicado a equipa «encarnada», como aconteceu (por exemplo), aos 32 minutos, quando deixou passar em claro uma obstrução nítida de Amândio a Álvaro, na área de rigor dos minhotos. Apesar disso, julgamos que o seu trabalho foi positivo.

Manuel Neto

Sporting, 1-Braga, 2

Venglos com um pé no avião

Talvez nem os próprios minhotos acreditassem que era tão fácil chegar a Alvalade e vencer (muito bem) o Sporting.

Mas, incontestavelmente, o triunfo dos bracarense premeia o seu melhor futebol que, não tendo sido brilhante, foi acentuadamente superior ao da turma de Venglos, que, com os dez minutos iniciais prometedores (em que Lito e Kostov se destacavam) vieram depois a baixar progressivamente e a deixar de existir como equipa, na qual cada um jogava por si.

A formação minhoto, bem organizada na defesa e meio-campo, criou as melhores oportunidades de marcar no 1.º tempo, mercê de contra-ataques bem desencadeados. O mais flagrante desses ensejos pertenceu a Serra (38 minutos) mas este rematou ao lado da baliza de Katzirz, quando o tinha apenas pela frente. A equipa lisboeta, que tivera no minutos anterior o seu primeiro remate de perigo (por Jordão), viria a adiantar-se no marcador num remate rasteiro, com o pé esquerdo, de Manuel Fernandes, após toque de calcanhar do inglês Wilde.

Porém, rapidamente, o Braga chegava ao empate, num excelente remate de Wando, após passe atrasado de Jorge Gomes, que não deu hipóteses a Katzirz. Quase a expirar o período de abertura, o mesmo Wando obrigou o guarda-redes do Sporting a defesa difícil, parando perigoso cruzamento do brasileiro.

A equipa bracarense actuou menos bem na 2.ª parte, mas continuou a ser o melhor conjunto. O Sporting dominava, mas em força, pois os erros sucediam-se, a justificar as monstras assobiadas da massa associativa sportinguista, que só vibrou

com os golos que o Guimarães marcou ao Benfica.

Aos 78 minutos, um lapso da defesa visitante permitiu que Jason aparecesse isolado do lado direito, mas o remate do brasileiro, com a marca de golo, embateu no poste direito da baliza de Hélder e Wilde deixou-se depois desarmar, não conseguindo fazer a recarga. Quando faltavam nove minutos para o desfaio terminar, Wando isolou-se pela linha de cabeceira do lado esquerdo do último reduto sportinguista, cuja defesa, displicente e apática, permitiu ao codicioso avançado passar de bandeja a Serra, que fez o golo da vitória merecida.

Venglos e Rocha

Enquanto na turma sportinguista ninguém se salientou (em tom positivo) e a manobra global foi de indiscutível confusão, o Braga valeu pelo seu todo, ainda que com muito «especial relevância» para Wando, Serra e Jorge Gomes. No final da partida, o técnico verde-branco Venglos foi despedido com uma das mais monumentais vaia que até hoje se escutaram em Alvalade: de tal molde que, a esta hora, deverá estar a preparar as malas e a possibilitar a imediata contratação de um treinador inglês pelos «leões» para o que a direcção presidida por João Rocha reunirá esta noite. Calcula-se que Venglos já não esteja, na Luz, no domingo, com a responsabilidade de comandar o Sporting.

Fora do estádio leonino registou-se, também no final da partida de ontem, um fortíssimo movimento de contestação à continuidade de João Rocha no executivo verde-branco. Um coro gritava: **A luta continua, João Rocha para a rua!**

Com arbitragem (fraca mas sem influência no resultado) de Albino Rodrigues (Funchal), que mostrou o cartão amarelo a Kostov. As equipas alinharam:

SPORTING: Katzirz; Gabriel, Venâncio, Carlos Xavier e Mário Jorge; Kostov (Morato, 80 minutos); Lito e Romeu (Jason 61); Manuel Fernandes, Rodger Wilde e Jordão.

BRAGA — Hélder; Artur, Nelito, Dito e João Cardoso; Zinho, Serra (Spencer, 82), Wando e Vitor Santos; José Abrantes (Jorge Pinto, 75) e Jorge Gomes.

Golos por Manuel Fernandes (40), Wando (43) e Serra (81).

Agostinho: acidente na Volta ao Algarve

Marco Chagas foi o vencedor da etapa desta manhã na distância de 77 quilómetros, entre Faro e Quarteira (gastando 1h 53m e 40s) à frente de numeroso pelotão.

Joaquim Agostinho sofreu uma queda grave no final da etapa, a menos de 300 metros da meta. A queda foi motivada por um cão se ter atravessado à frente dos ciclistas, o que provocou que outros corredores também se desequilibrassem, mas sem consequências.

O júri considerou que a queda se verificou dentro dos mil metros da meta e creditaram Agostinho com o mesmo tempo do vencedor da etapa. Resta saber se ele (esta tarde) continuará em prova.

O dia de ontem da «Volta» ao Algarve» em bicicleta caracterizou-se pela mudança de camisola amarela, agora na posse de Joaquim Agostinho, que a conquistou no contra-relógio de 30 quilómetros em que gastou 45 minutos e 52 segundos, enquanto o anterior «camisola amarela» (António Fernandes, do Olhanense) gastou 49 minutos e oito segundos.

O ciclista do Sporting voltou a provar que continua a ser um especialista no contra-relógio. Outro ciclista em grande plano foi Belmiro Silva (Ovarense), que, mercê do contra-relógio, passou a 2.º na tabela geral, a 1.34 de

Agostinho. Hoje disputam-se duas etapas: uma de 77 quilómetros (entre Faro e Quarteira) e outra (Loulé-Albufeira) na distância de 100 quilómetros.

Tabela geral: 1. Joaquim Agostinho (Sporting), 10 horas 39 m. 59 s.; 2. Belmiro Silva (Ovarense), 10.41.33; 3. João Santos (Tavira), 10.42.05; 4. Manuel Cunha (Ovarense), 10.42.25; 5. Eduardo Correia (Sporting), 10.42.32; 6. Marco Chagas (Sporting), 10.42.33; 7. António Fernandes (Olhanense), 10.42.55; 8. Paulo Ferreira (Sporting), 10.42.58; 9. Benedito Ferreira (Sporting), 10.42.55; 10. Jacinto Paulino (Coimbrões), 10.42.24. Por equipas, comanda o Sporting (32.01.33) seguido da Ovarense (32.08.35) — e do Tavira (32.13.06). A camisola azul continua na posse de Manuel Cunha (Ovarense) a verde em Carlos Marta (Sporting) e a rosa em Fernando Ventura (Tavira).

«Vuelta»

O francês Eric Caritoux arrebatou a camisola amarela da «Volta» a Espanha ao espanhol Pedro Delgado, ao classificar-se em 2.º lugar na 12.ª etapa, ganha pelo alemão federal Raimundo Dietzen. A tirada (191 quilómetros, entre Santander e Lagos Cova-donga) foi percorrida pelos dois ciclistas em 5 horas, 48 minutos e 11 segundos, tempo que lhes deu 1,29 minutos de vantagem sobre Delgado.

Olhanense: disciplina drástica

A direcção do Olhanense suspendeu ontem sete jogadores e apresentou a sua própria demissão numa reunião extraordinária efectuada após o jogo Olhanense-Sacavenense, que os algarvios perderam por 2-0. A direcção demissionária acusa os jogadores suspensos de falta de aplicação e profissionalismo, na ponta final do campeonato e solicita a realização de uma assembleia geral extraordinária para 31 de Maio. A suspensão dos jogadores tem efeitos imediatos e é acompanhada da instauração de um inquérito. Os jogadores Adriano Leiria, José Alinho, João Reina e Luís Reina, ficam também proibidos de frequentar as instalações desportivas do clube. Os restantes jogadores abrangidos pela medida (Toninho, Valdo e Luis

Fernandes) são dispensados de toda a actividade no clube. Consideram os directores demissionários que os sete jogadores sancionados têm actuado com «total falta de respeito para com o clube, com o qual têm compromissos assinados» e com «uma total falta de consideração para com a massa associativa».

Máximos

Halterofilia: recorde mundial

O búlgaro Stefan Topurov bateu um recorde mundial de halterofilia (categoria de 60kg) ao totalizar 315kg nos dois mo-

«Foi o compromisso com outros clubes que levou esses jogadores a faltarem às obrigações para com o clube e consigo próprios». O presidente olhanense Vítor Neves, adiantou ainda que, «as «chicotadas psicológicas» nos treinadores têm agora de ser substituídas por «chicotadas psicológicas» nos jogadores».

vimentos. A marca melhorou em 2,5kg o anterior máximo, pertencente ao campeão mundial, o soviético Lurik Sarkissian, que nos campeonatos europeus da modalidade (em Vitória, Espanha) se classificou em 2.º lugar, com 312,5kg.

DESPORTO



Festa bilbaina na revalidação de saboroso título

Espanha: título continua em Bilbao

O Atlético de Bilbao revalidou o título espanhol, que foi discutido até à derradeira jornada do campeonato. Cádiz, Maiorca e Salamanca descem à 2.ª divisão.

O Atlético de Bilbao terminou com os mesmos pontos que o Real Madrid, mas os vizinhos têm vantagem em golos.

O golo do triunfo do Atlético de Bilbao surgiu aos 80 minutos do encontro de ontem, quando o resultado era de 1-1. O Atlético marcou aos 18 minutos, por Liceranzu, para na 2.ª parte (aos 69) Uralde empatar. Foi o mesmo Liceranzu que marcou, aos 80 minutos, o golo do triunfo e do título para os bilbainos.

Resultados da última jornada: Atlético de Madrid - Barcelona, 1-2; Sevilha - Salamanca, 3-2; Osasuna - Saragoça, 1-4; Maiorca - Cádiz, 1-1; Atlético de Bilbao - Real Sociedad, 2-1; Múrcia - Valência, 3-3; Gijón - Málaga, 2-0; Valladolid - Bétis, 1-0 e Espanhol - Real Madrid, 1-2. Classificação final: 1.º, Atlé-

tico de Bilbao, 49 pontos; 2.º, Real Madrid, 49; 3.º, Barcelona, 48; 4.º, Atlético de Madrid, 42; 5.º, Bétis, 38; 6.º, Real Sociedad, 37; 7.º, Saragoça, 35; 8.º, Sevilha, 34; 9.º, Málaga, 33; 10.º, Espanhol, 33; 11.º, Múrcia, 32; 12.º, Valência, 32; 13.º, Gijón, 30; 14.º, Valladolid, 29; 15.º, Osasuna, 28; 16.º, Cádiz, 22; 17.º, Maiorca, 21; 18.º, Salamanca, 20.

Itália

A Juventus (finalista com o FC do Porto, da «Taça dos Vencedores de Taças») garantiu praticamente o título italiano. Ao vencer (em Milão) o Inter por 2-1, na 26.ª jornada, a equipa de Turim ficou com a vantagem de quatro pontos sobre o Roma (que certamente perderá o título de campeão) quando faltam duas jornadas para o termo do campeonato.

Holanda

O Feyenoord tem quase garantido o título holandês, mantendo quatro pontos de avanço sobre o Ajax, cumprida a 32.ª jornada do Campeonato.

Porto e Rio Ave: venha de lá esse abraço

Salvo o devido respeito, julgo que existiu uma grande precipitação entre os executivos do simpático grupo de Vila do Conde, quando foi publicamente declarado o «estado de sítio» entre o Rio Ave e o Futebol Clube do Porto. Segundo a nota dos dirigentes do clube comandado tecnicamente por Mourinho, uma avançada de conquista a Quim (bela esperança do futebol português, excelente certeza no conjunto em que se pode confiar para os voos mais altos) não foi entendida dentro dos parâmetros a que está confinada na serena e calma justificação portista. E, de um instante para o outro foi desencadeada uma situação de clivagem que a ninguém poderá aproveitar, sobretudo depois do nulo de sábado à tarde ter colocado como prato forte de amanhã a esgrima de valores que, no Jamor, certamente terá como juiz de balança o lisboeta Vítor Correia ou o algarvio Francisco Silva, na mais alta andança da lusa taça.

Fica triste, adquire tom nebuloso e aborrecido a quebra de amizade entre símbolos: especialmente se pontificam em causa comum, labutam na mesma trincheira, fazem das suas carreiras ideal de vontade perfilhada. Dai que, em hora que pode ainda ser de reflexão e abraço, de compreensão e amizade, se solicite uma revisão brusca de tonalidades e palavras: para que, sem uma pequena

mácula estejamos todos no Jamor, e na tarde de amanhã, vitorizando FC Porto e Rio Ave e esperando que, da esgrima leal, saia um vencedor e um triunfante: se possível dois estandartes representando o futebol português na próxima «Taça dos Vencedores de Taças», azuis-brancos (de Pedroto e António Morais) catapultados pelo ansiado êxito sobre a «Juve» transalpina e os também honestos e dignos pupilos de Félix Mourinho, beneficiando da automática qualificação do opulento emblema das Antas ou, por inteiro e próprio mérito, na sequência do excepcional trabalho com que foram conduzidos na rota até ao palco branco que só escancara as portas uma vez ao ano.

A poucas horas da final da «Taça» é tempo dos homens se entenderem, rodeando de toda a máxima aura de prestígio e grandeza o topo festivo do nosso futebol. Pensem nisto os responsáveis, admitam erros (que calquem na memória) todos os cidadãos idóneos de um país cansado de guerra, como a Teresa irmã de além-oceano. Com toda a vontade e o voto maior façamos força para que a festa no Jamor possa significar, num longo abraço, a confraternização de uma fatia do desavindo futebol português, em hora (feliz e inédita) de triplo salto europeu.

Neves de Sousa

Nacionais de voleibol

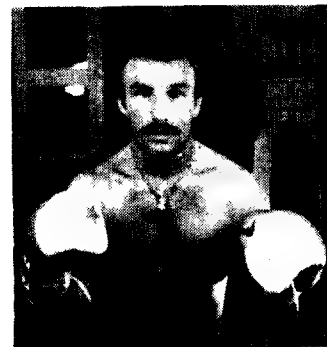
Campeões no topo

O Esmoriz (masculino) e o Leixões (feminino), titulares nacionais de voleibol a época passada, começaram da melhor maneira (com vitórias) na dupla jornada da fase final das respectivas provas, que decorreram, nos pavilhões da Barrinha e do «Siza Vieira». O Esmoriz parece recuperar letargia que caracterizou as suas exibições na «poule» anterior. O Atlético teve um início de prova bastante exigente, deslocando-se para defrontar as duas mais fortes equipas norte-nhas. Perdendo (na «negra») com o Vitória de Guimarães, as alcantarenses foram igualmente batidas frente às campeãs leixões.

nenses. Porém as moças de Alcantara são potenciais candidatas ao título, visto que perderam por diferenças perfeitamente recuperáveis nos encontros da 2.ª volta.

Resultados em masculinos F.C. Porto-Leixões, 0-3 e Esmoriz - Sp. Espinho, 3-1; Esmoriz - Leixões, 3-0 e F.C. Porto-Sp. Espinho, 2-3. Pontuação: 1. Esmoriz, 2-4; 2. Leixões, 2-3; 3. Sp. Espinho, 2-3 e 4. F.C. Porto, 2-2.

Femininos: V. Guimarães-Atlético, 3-2 e Leixões-CDUP, 3-1; Leixões-Atlético, 3-1 e V. Guimarães-CDUP, 3-1. Pontuação: 1. Leixões, 2-4; 2. V. Guimarães, 2-4; 3. Atlético, 2-2 e 4. CUP, 2-2.



René Weller: o título de peso leve, da Europa pugilística, pertence agora a este campeão da RFA que, no duelo final, bateu o italiano Lucio Cusma. Weller (30 anos, joalheiro de profissão principal) facturou um lucro imediato de 50 mil marcas

Placard

Rúgubi: não à Europa

Portugal falhou o apuramento para o Grupo A do rúgubi europeu, depois de a Espanha ter ganhado por 53-13 à Dinamarca, em Copenhaga. Este foi o último encontro deste Grupo do Torneio da FIRA e o seu resultado permitiu à Espanha, por diferença de pontos, alcançar o 1.º lugar. A classificação final foi Grupo B foi a seguinte:

	J	V	E	D	B	P
1.º ESPANHA	4	3	1	0	103	28 11
2.º Portugal	4	3	1	0	79	21 11
3.º Holanda	4	1	1	2	43	63 7
4.º Bélgica	4	1	1	2	49	39 7
5.º Dinamarca	4	0	0	4	29	152 4

Badminton: campeonatos

Conforme divulgado realizou-se o campeonato nacional individual de badminton, da categoria de honra, que se disputou no Pavilhão da Siderurgia Nacional, em Paio Pires. Apresenta-se seguidamente a lista dos campeões nacionais: SH - Jorge Azevedo (Estrela e Vigorosa Sport, Porto); SS - Ana Monteiro (Badminton Clube de Portugal, Lisboa); PH - Jorge Azevedo/Diamantino Pereira (Est. Vigorosa Sport); PS - Ana Luísa Monteiro/Catarina Baptista (Bad. Clube Portugal); PM - Rosária Cavaco/José Brandão (Bad. Clube Portugal). De salientar a repartição de títulos entre um clube de Lisboa e outro do Porto. De assinalar também a presença de Jorge Azevedo, que conseguiu arrebatado o título de singulares, ao actual n.º 1 António Crespo ainda o merecedor de registo a revalidação dos respectivos títulos em pares homens e em pares senhoras.

Ténis:

Grande prémio

O norte-americano Jimmy Connors ocupa o 1.º lugar da classificação do «Grande Prémio Internacional de Ténis», com mais 116 pontos que o 2.º classificado, o checo Ivan Lendl.

O sueco Henrik Sundstroem, que venceu (domingo) o compatriota Mats Wilander na final do «Grande Prémio de Monte Carlo», passou a figurar entre os dez primeiros, na classificação geral, estando na 6.ª posição. A tabela: 1.º, Jimmy Connors

(EUA), 958 pontos, 5 torneios; 2.º, Ivan Lendl (Checoslováquia), 842, 5; 3.º, John McEnroe (EUA), 775/3; 4.º, Tomas Smid (Checoslováquia), 564/8; 5.º, Yannic Noah (França), 526/5; 6.º, Henrik Sundstroem (Suécia), 502/7; 7.º, Mats Wilander (Suécia), 472/3; 8.º, Stefan Edberg (Suécia), 450/5; 9.º, Jimmy Arias (EUA), 445/5; 10.º, Eliot Teltscher (EUA), 323/6.

Hóquei em acção

Jogos a contar para o Campeonato Nacional de Hóquei em Patins:

Oeiras-Belenenses, 9-4; Sanjoanense-Sesimbra, 5-2; Juventude de Viana-Paredes, 5-2; Famalicense-Carvalhos, 7-0 e Oliveirense-FC Porto, 0-5.

Classificação: 1.º F.C. Porto, 72 pontos; 2.º Sporting, 68; 3.º Benfica, 61; 4.º Juventude de Viana e Sanjoanense, 60; 6.º Belenenses, 50; 7.º Oliveirense, A. Amadora e Paço de Arcos, 49; 10.ºs Sp. Tomar e Sesimbra, 47; 12.º Oeiras, 46; 13.º Famalicense, 41, 14.º Paredes, 36; 15.º Carvalhos, 35; e 16.º Alenquer, 30 pontos.

Entretanto, a equipa de Portugal venceu a Suíça por 6-0, na jornada inaugural do «Torneio de Paris».

Portugal fez alinhar inicialmente Ramalhe, Realista, Vítor Hugo, Trindade e Alves e no 2.º tempo jogaram Vítor Rosado, Luís Nunes e Rocha. Os golos foram marcados por Vítor Hugo (2), Rocha (2), Realista e Luís Nunes.

No outro encontro da jornada, a Inglaterra venceu a França por 3-2.

Portugal defronta hoje a Inglaterra.

UMA ORDEM PARA TODOS OS ADVOGADOS

Realiza-se no próximo dia 2 de Maio pelas 21.00 horas na Sede da ordem dos Advogados (Largo S. Domingos) uma reunião promovida pela Lista B que se candidata às próximas eleições para a ordem dos Advogados com a presença dos candidatos Dr. Vera Jardim (Bastónario) Dr. Xencora Camotin (Conselho Superior) e Dr. Sérvulo Correia (Conselho Distrital) para debate dos problemas de interesse para a classe na actual conjuntura.



**NAS NOSSAS MÃOS O FUTURO
NA NOSSA UNIDADE
A NOSSA FORÇA**

**TEMPO DE ANTENA
DA CGTP-IN**

**RTP-1 - 21.30 horas
2.ª-feira - 30 de Abril**

Uma aventura de Valerian... e Laureline

BROOKLYN STATION, TERMINUS COSMOS

Mezieres
Christin

20



Simpósio

"O texto e o acto"

"Teatro em Movimento" não se pode programar

Futuro do teatro, «matéria em movimento» que é, não se pode programar — esta uma das verificações feitas no simpósio «O Texto e o Acto» iniciado, quinta-feira, na Casa de Mateus.

A excepção de Jean Duvignaud, impossibilitado por doença de estar presente e de Bernard Dort, participou na primeira sessão de trabalhos todo o elenco de encenadores, escritores e sociólogos convidados pela Fundação Gulbenkian.

Deu o «mote» para debate, em várias ocasiões animado, que se seguiu, a comunicação da jornalista e crítica teatral do «Le Monde», Colette Godard, intitulada «O Teatro e os Seus Meios de Expressão, Incluindo o Texto».

Escrita e estruturada de um modo que deixava transparecer a qualidade de jornalista da autora, a comunicação de Colette Godard abriu com a «leitura» dos anos 60 e 70 teatrais em França, a história de alguns dos mais representativos nomes do sector, êxitos e fracassos.

«Nos anos 60 até meados dos anos 70 houve um período de dinamismo, de expansão económica, paralelamente ao qual se registou «um grande desenvolvimento do teatro, no plano quantitativo».

«Foi, disse Colette Godard, a idade de ouro da descoberta de formas novas, de novas personalidades, entre as quais nomeou os encenadores Patrice Chereau, Ariane Mnouchkine, Gildas Bourdet e Luca Ronconi.»

Nos anos 70, que caracterizou como «de incertezas», o teatro propõe «construções utópicas», passando a procurar-se textos que «nada tentando explicar aludem ao fraccionamento das sociedades sacudidas entre forças contraditórias a fragmentação das forças vivas, os nossos valores ameaçados e a violência».

Outro tema em análise foi o que se prende com a relação autor-encenador e texto-palco, referido sempre ao caso francês.

Colette Godard entende que, mais do que «os encenadores mataram os autores», correcto é dizer que os autores «não sabem escrever para que os seus textos sejam levados ao palco pelos encenadores».

«Escrever para o teatro — observou ainda, — é o ponto de vista económico, uma ascese, uma rude escola de paciência e humildade, sobretudo quando o encenador se considera o autor do espectáculo, do qual o texto é um elemento, certamente primordial, mas não o único».

Também a política cultural governamental mereceu algum espaço na comunicação de Colette Godard.

Enquanto o anterior Governo «suportava mais mal que bem os problemas levantados pelos artistas, indisciplinados, megalómanos, exigentes e geralmente de esquerda», o actual Governo, «em contrapartida, está muito atento à cultura».

No primeiro ano, precisou, «os orçamentos foram consideravelmente aumentados mas, depois, a crise e a política de austeridade moderaram os subsídios e o entusiasmo».

«Enfim — comentou — se a natureza da arte é ainda a subversão, os artistas deixaram de estar na oposição, o que, em definitivo, levanta um problema».

A relação entre os homens do teatro e o poder foi, de resto, uma das questões que mais tempo ocuparam ou no debate que se seguiu às intervenções de José Barata e Jorge Listopad, de «resposta» a Colette Godard.

A par dela igualmente foram discutidas com pormenor a crescente presença e influência do vídeo e da TV e a «redescoberta» dos clássicos, a que se assiste à escala europeia.

Colette Godard, para quem tanto é teatro uma peça de Marguerite Duras apresentada num palco tradicional e um concerto rock», embora uma e outra tenham «diferentes modulações», considera que o problema está mais em saber «como informar, como fazer a ligação o mais sensível possível com as pessoas interessadas no espectáculo».

A questão de saber qual será o futuro do teatro, se sobreviverá ou não ao ataque maciço de meios de comunicação de massa cada vez mais sofisticados e mais presentes, não se põe a Colette Godard, que confessa preferir deixar a sua resolução «ao acaso e ao conflito, sobretudo ao conflito» das opções estéticas e outras.

Fazendo a síntese dos trabalhos, que tem vindo a dirigir, o dramaturgo e presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, Luís Francisco Rebelo, disse ser certamente partilhada por todos os participantes a «esperança no melhor futuro para o teatro».

«Esperamos o melhor futuro para o teatro como esperamos o melhor futuro para a Humanidade. Não há teatro sem Humanidade, nem Humanidade sem teatro», afirmou.

Na introdução que fez à primeira sessão de trabalho do simpósio, antes da comunicação de Colette Godard, Francisco Rebelo havia frisado serem necessariamente provisórias as conclusões a que se chegar no simpósio, pelo facto de o teatro ser «matéria em movimento».

O seu nome é José Badajoz

Poeta popular vai ser homenageado em Sintra

José Badajoz, poeta popular e figura característica da região de Sintra, vai ser agraciado com a medalha de mérito pela Câmara Municipal, anunciou a edilidade.

Já alvo de uma festa de consagração, a 7 de Abril, no teatro Carlos Manuel, de Sintra, José Badajoz mostra-se preocupado pela ausência da mulher, internada num hospital, e pediu mesmo que outra anunciada homenagem, a realizar em Almoçageme, fosse adiada para que a consorte pudesse assistir.

Poeta-cavador como António Aleixo, possui sobre este algumas pequenas «vantagens sociais».

Fez a quarta classe, tem um pequeno terreno que os pais lhe deixaram e ali produz um pouco de vinho, batatas, feijão e um morangal.

Um tanto esquecido nos últimos tempos, já era vedeta em 1942 quando apareceu aos microfones

da Rádio Renascença a interpretar a sua «canção do cavador». Dizia a letra: «mal que rompe a madrugada/ponho ao ombro a minha enxada/vou pro campo trabalhar/é/assim a minha vida/porque gosto dela lida/nunca a poderei deixar».

Nascido e criado no Municipal orgulha-se, aos 63 anos, de alguns bons contactos intelectuais: a Etelvina Lopes d Almeida, que também trabalhava na rádio, o Simões Muller, que é um grande escritor, dos companheiros de férias nas praias a norte de Sintra.

Poeta popular, cantor de gentes e costumes de uma terra que, por muito tempo, conseguiu manter o seu tipicismo saloio, José Badajoz viu recentemente editado um «long-playing», que «constituindo, embora o maior sonho da sua vida» não parece ter tido grande divulgação.

«Ficou aqui entre os amigos» confidenciou o poeta à ANOP.

«Uma vida espinhosa, com noites que só davam para lavar-me e tornar a vestir para regressar ao trabalho» — disse — mas uma vida realizada que o município de Sintra classifica em termos oficiais de «plena de humildade e de honestidade, transitando um exemplo de edificante civismo».

Cavador, poeta, produtor de um «Ramisco» que já vai desaparecendo, Badajoz vai ter um livro editado. «Está uma senhora formada em letras a tratar disso. O livro reunirá mais de meia centena de canções e «com umas notas e explicações vai ter mais de uma centena de páginas» — explica, ufano, Badajoz.

Só que homenagem, por enquanto não. Quando a mulher estiver boa, então se tratará disso».

Automobilismo

Ferrari e Alboreto vencem em Zolder

O italiano Michele Alboreto, em Ferrari, ganhou ontem o terceiro Grande Prémio de Fórmula 1 da sua carreira, ao classificar-se em primeiro lugar no Grande Prémio da Bélgica.

Foi também a primeira vez, nos últimos 18 anos, que um piloto italiano ganhou um Grande Prémio ao volante de um Ferrari.

A última vez que tal aconteceu, fora em Setembro de 1966 quando Ludovico Scarfiotti ganhou o Grande Prémio de Itália.

Por outro lado, foi esta a primeira vez que Michele Alboreto conseguiu um primeiro lugar na grelha de partida.

A Ferrari festejou entusiasticamente este triunfo em Zolder, colocando os seus dois carros nos

três primeiros lugares, no mesmo circuito onde, em 1982, perdeu a vida o canadiano Gilles Villeneuve, na altura piloto da marca italiana.

Este Grande Prémio da Bélgica foi marcado por numerosas desistências, nomeadamente as de Alain Prost, em McLaren, de Nigel Mansell, em Lotus, de Nelson Piquet, em Brabham e de Niki Lauda, em McLaren.

O francês Alain Prost, da McLaren, mantém no entanto a liderança do Campeonato Mundial de Fórmula 1, após o Grande Prémio da Bélgica.

O inglês Derek Warwick, da Renault, ao alcançar a segunda posição neste terceiro Grande Prémio da época, subiu ao se-

gundo lugar do Mundial, com 10 pontos.

Com 9 pontos encontram-se agora Nikki Lauda, Michele Alboreto e Keke Rosberg, que ontem foi quarto em Zolder.

A McLaren lidera em marcas, com 24 pontos, seguida da Ferrari, 13, da Renault, 11, Williams, 9, Lotus e Alfa Romeo, 6.

A classificação do Mundial de Condutores é agora a seguinte:

1.º Alain Prost, 15 pontos; 2.º Derek Warwick, 10; 3.º Nikki Lauda, Michele Alboreto e Keke Rosberg, 9; 6.º Elio de Angelis, 6; 7.º René Arnoux, 4; 8.º Ricardo Patrese e Eddie Cheever, 3 e 10.º Martin Brundle, 2.

Açores: Horácio Franco vence Rallye da Primavera

A dupla Horácio Franco-Rui Torres, em Opel Kadett 1300 venceu ontem o Rali Primavera, disputado na Ilha de São Miguel, com o tempo de 1h 32m 20s.

Em segundo lugar classificaram-se Luís Rodrigues-Carlos Rodrigues, em Ford Escort RS 2000, com 1h 34m 21s.

Em terceiro lugar, com 1h 37m 25s, ficaram Orlando Guimarães-Carlos Portela, em Ford Escort RS 2000.

A prova, que conta para o campeonato açoriano da modalidade, foi disputada sábado e domingo, numa extensão de cerca de 430 quilómetros, em duas etapas

Lista de concorrentes à Grande Noite do Fado

Após vários ensaios e sucessivas eliminações (dado o número de concorrentes ter ultrapassado a centena e meia e apenas ser possível apresentar 42 no desfile a concurso) a Casa da Imprensa pode já hoje divulgar a lista dos nomes apurados para o sensacional desfile, que é o prato forte da «Grande Noite do Fado», a realizar no próximo dia 18 de Maio, no palco do Coliseu. Evidentemente que, não sendo possível (como no ano transacto) efectuar um festival prévio para apuramento dos finalistas foi necessário recorrer a um júri composto pelos guitarristas que vão acompanhar os fadistas amadores na noite que lhes é especialmente dedicada. E assim ficou elaborada a lista dos vários intérpretes que, em representação de colectividades ou a título individual, foram apurados para disputar valiosos prémios e a entrada numa carreira profissional:

Lista dos apurados para a G.N.F. de 1984

5 - Ricardo José Filipe - individual;

7 - Fernando Manuel Bastos Martins Henriques - individual; 9 - Maria de São Pedro M. Figueiredo - Tejoense Atlético Clube; 10 - José Rosa Cunha - individual; 15 - Cristina Maria Martinho da Silva Santos - Clube Artist. Comer. Torres Vedras; 16 - Carlos Alberto Muge de Almeida - Sport Benfica Corvense; 19 - Augusto Dias Ferreira - individual; 20 - José Manuel Lopes Figueiras - individual; 21 - José Carlos Nunes Roque - Academia Recreativa Artística; 23 - Cjósé Tereso Bernardo - Clube Recreativo Juventude Chelense; 24 - Rui Manuel Pinto Batista - individual; 26 - Maria Fernanda Amedos dos Santos Ramos - individual; 29 - Maria de Jesus Pinho da Silva Anício; 31 - Eulclides Gonçalves Alves - individual; 32 - António Augusto da Silva - Grupo Excursionista «Vai Tu»; 36 - Sara Maria dos Reis Francisco de Matos - Esperança Atlético Clube; 37 - Carlos Alberto Saraiva - Esperança Atlético Clube; 40 - António Manuel Sapage - individual; 42 - José Fernando de Oliveira Ferreira - individual; 45 - Maria Leonor Julio dos Santos - individual; 47 - Armando Ribeiro Gomes - Soc. Filarmónica Alunos Esperança; 51 - Maria Fernanda da Silva M. Fernandes - Grupo Excursionista «Vai Tu»; 52 - Maria Inês Marques Rocha - Grupo Excursionista «Vai Tu»; 53 - José Emanuel Pereira Montes Palma - Grupo Excursionista «Vai Tu»; 55 - Cecília de Fátima Gonçalves da Con-

ceição - individual; 57 - Jorge Manuel Patrício Gamboa - Independente Futebol Clube Torrense; 59 - Ana Paula Antunes da Silva - Clube Desportivo Leais da Beira; 58 - Emília da Conceição Marques Campos - individual; 60 - Luis Nuno da Silva - Clube Desportivo Leais da Beira; 61 - Herculan José Fragoso Ventura - Clube Desportivo da Graça; 62 - Alvaro Augusto Oliveira Santos - Clube Desportivo da Graça; 64 - António José Preença Faria da Conceição - Grupo Desportivo da Mouraria; 65 - Ana Maria - Grupo Desportivo da Mouraria; 66 - Américo Sousa Felício - Grupo Desportivo da Mouraria; 69 - José Alexandre Gomes de Jesus - Esperança Atlético Clube; 70 - Natalino Gomes de Jesus - Grupo Desportivo da Mouraria; 74 - Jorge Manuel Oliveira Coelho - Recreativo Águias da Musgueira; 78 - Vitor Manuel Lemos Alves - Grupo Desportivo do Castelo; 79 - Maria Helena Domingos Lemos - Grupo Desportivo do Castelo; 83 - João Manuel Azevedo Dias - Cruzaiense Atlético Clube; 84 - Maria Clara de Pinho Maia - Ovarense; 85 - Marinela dos Santos Moreira - Beira Mar;

Suplentes

39 - Carlos Timóteo Avelar - Clube Artis. Comer. Torres Vedras; 46 - Jaime Glória Dias - Concentração Musical 1 de Junho de 1914; 72 -

Georgina Maria Lopes Oliveira Dias - individual; 4 - Ana Maria Romão de Oliveira - Clube Desportivo Leais da Beira; 63 - Maria Manuela Matos Barradas - Clube Desportivo da Graça; 25 - Joaquim Carvalho Francisco - Soc. Filarmónica Alunos Apolo; 68 - José de Jesus Patrício - Casa da Covilhã; 41 - João Arménico da Conceição - Clube Recreativo Juventude Chelense.

Lista dos jovens concorrentes à G.N.F.

75 - Jorge Manuel Rodrigues Silva - Recre. Águias da Musgueira; 67 - Filipe Jorge Alves Gomes de Jesus - Atlético Esperança Clube; 50 - Ligia Maria Madrugo F. da Silva - Grupo Exer. «Vai Tu»; 43 - Liliana Andreia Pereira Alves - individual; 34 - Paulo Jorge Rodrigues Soares - Grup. Recreativo da Quinta da Lomba.

Um vasto programa, com um bloco de artistas de primeiro plano, está a ser elaborado pelos jornalistas para o cartaz da sua festa anual que terá, como um dos pontos maiores, a actuação de Carlos do Carmo, pela primeira vez uma iniciativa da Casa da Imprensa.

Hoje



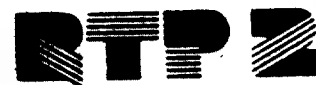
Barroso Lopes e Josefina Silva estarão esta noite presentes em mais uma sessão do Concurso Um, Dois, Três

Das 13.35 às 17.30 Ciclo Preparatório TV

18.02 Notícias
18.10 Grão a Grão - «Artacão e os Três Moscoteiros»
18.45 Teleregiões
19.10 «A Balada de Hill Street»
20.00 Telejornal
20.30 Direito de Antena - com a CGTP/IN e a UGT.
20.50 «O Bem Amado» - episódio n.º 29.
21.30 Um, Dois, Três - enquanto o jogo decorre não faltam momentos de descontraída animação que neste caso nos serão proporcionados por Adelaide João, Rogério Paulo e o Grupo de Fandango do Ribatejo, bem como pelos actores Josefina Silva, Barroso Lopes e Carlos Miguel. Apresentação: Carlos Cruz.
23.30 Últimas Notícias



O programa Da Música de hoje, na RTP-2, é de homenagem a Toscanini (na foto)



19.32 Notícias
19.40 Folclore - Rancho Folclórico das Rendilheiras de Vila do Conde.
20.10 Documentário - em foco vinho verde e a sua região demarcada.
20.25 Voz
21.05 Animação - «O Coleccionador de Sons».
21.35 Jornal da Noite
22.15 «Guerra dos Sexos» - episódio n.º 6.
22.55 ... Da Música - homenagem a Toscanini.

Revelado em sondagem

Amizade, a família e o amor são vitais para os franceses

A anizade, a família e o amor são, por esta ordem, as coisas mais importantes da vida para os franceses dos 16 aos 22 anos, segundo sondagem publicada sábado por «Le Figaro».

A sondagem foi feita pela Sotres entre 16 e 23 de março passado com 800 jovens de 16 a 22 anos, em toda a França. Para eles, a amizade é mais importante na ordem dos 74 por cento, a família na margem dos 66 por cento e o amor chega aos 59 por cento.

Seguem-se-lhe os direitos humanos (55 por cento), o trabalho (52) e o dinheiro (41). A sexuali-

dade fica-se pelos 22 por cento na ordem das grandezas.

As últimas «coisas importantes da vida» são, a pátria (1 por cento) e a religião (8), a revolução (8), o Exército e a política (6, cada).

Os pais ocupam boa posição na tabela sobre em quem confiam hoje os jovens (84 por cento), seguidos pelos amigos (58) e os irmãos (53).

Os professores, contudo, não vão além dos 4 por cento, o mesmo que os sacerdotes.

Segundo a sondagem, a política não é de interesse vital para a juventude francesa: 43 por cento interessa-se (10 por cento muito e 33 por cento um pouco) nas 57

por cento acha de que não vale a pena (22 por cento interessa-se muito pouco e 35 por cento absolutamente nada).

Segundo essa amostragem, 41 por cento dos interrogados não tem opinião política, 57 por cento considera-se «mais ou menos» perto da actual maioria e 28 por cento da oposição.

Os jovens colocam o socialista Michel Rocard, actual ministro da Agricultura, no número um da lista dos políticos preferidos (o que resulta similar às sondagens feitas junto dos «grandes»), seguido pelo neo gaulista Jacques Chirac, o primeiro com 18 e o segundo com 17 por cento das preferên-

cias. O actual presidente da República, François Mitterrand, obteve 15 por cento e Jean Marie Le Pen (extrema-direita) 3 por cento.

Dos inquiridos, 83 por cento dos jovens dizem-se católicos mas somente 14 por cento pratica regularmente. Dezanove por cento dos jovens vai à Igreja de vez em quando e 52 por cento nunca.

Na sondagem, 34 por cento dos jovens dizem-se dispostos a morrer se necessário pela França (40 por cento de rapazes e 28 por cento das raparigas) e 47 por cento diz que não (43 e 51) ao passo que 19 por cento não tem opinião formada a esse respeito.

Nicarágua, Nicaraguinha

Continuação da pág. 2

soas terem morrido simplesmente para os libertarem de Somoza, concorrente demasiado guloso.

Também existe descontentamento. Talvez mesmo da parte de indivíduos pertencentes a camadas beneficiadas pela revolução. Esse descontentamento é, aliás, fomentado pelas dificuldades económicas derivadas do bloqueio e pelo estado de guerra imposto do exterior. Em conversas que tivemos com nicaraguenses conhecedores da realidade social do seu país, foi-nos dito que a pequena burguesia é uma classe dividida quanto ao apoio à revolução. Também pudemos ouvir certas vozes cujas quais estamos muito familiarizados de há dez anos para cá em Portugal. Houve um indivíduo que nos chegou a dizer que nos tempos

de Somoza até aos frangos eram mais amarelos... Este tipo de descontentamento e esta qualidade de desabafos é o preço que todas as transformações sociais implicam. Sabemos bem pela nossa própria experiência como os momentos iniciais do triunfo revolucionário são uma festa colectiva, na qual participam os revolucionários cuja existência como tal não aguenta mais de 24 horas... Perante certos desabafos que ouvimos, perante afirmações do «povão» (como me dizia um brasileiro razoavelmente reaccionário) a nossa única conclusão é a de que certo tipo de ignorância é universal. E resiste tanto ao sangue de 50 mil mártires como à cor menos violenta dos cravos vermelhos...

Quinze dias passados na Nicarágua serão muito pouco para

ter a pretensão de ficar de posse do conhecimento de um país tão distanciado dos nossos padrões. A nosso favor, tivemos a proximidade linguística, a boa sorte de darmos com pessoas, como Mirra, do Centro de Imprensa, e Alfredo, que nos ajudaram no nosso trabalho. Tivemos contra nós, a Semana Santa, durante a qual a vida de Manágua fica paralisada. Os que não vão para a praia, andam nas missas e nas procissões. Tudo fecha. Não se encontra ninguém. Não se podem fazer entrevistas. Aproveitámos esse tempo morto para irmos às zonas de guerra. Da guerra que não chegámos a ver, mas da qual colhemos testemunhos de veras impressionantes, em San Rafael del Norte e em San Juan del Norte.

O que vimos e o que ouvimos parece-nos uma sucessão de

«slides» ilustrativos da realidade social da Nicarágua de hoje. Durante alguns dias, iremos fazendo o relato das conversas e dando as imagens que os nossos olhos foram colhendo.

E concluiremos por hoje com uma metáfora que uma senhora espanhola, professora de Francês, há trinta anos a viver na América Central, nos deu e que resume bem o drama da Nicarágua. Diza-nos ela: «quando era miúda, eu e as minhas amigas, espreitávamos no Verão a marcha dos caracóis. Ficámos à espera que eles deitassem os cornos de fora para apanharmos Sol. E logo caíamos em cima deles, obrigando-os a recolher de novo os cornos. É isto o que os EUA fazem constantemente a esta pobre gente, a estes povos deserdados da América Central».

Amanhã



14.52: Notícias; 15.00: Grão a Grao; 15.25: Férias em Ríto; 15.50: O Mundo Maravilhoso de Walt Disney; 17.30: O Milionário dos Pinguins; 17.55: Notícias; 18.00: Os Açorianos; 18.30: Teleregiões; 18.50: Três Tons; 19.15: 1.º de Maio, Festa e Luta; 20.30: Telejornal; 21.00: «O Bem Amado»; 21.35: Testemunhos; 22.40: «Reilly, Rei dos Espiões»; 23.30: Últimas Notícias.

19.32: Notícias; 19.45: Portugal Romano; 20.10: Adágio; 20.35: D'Hoje pra Amanhã; 21.35: Jornal da Noite; 21.45: «Guerra dos Sexos»; 22.25: «A Balada de Hill Street».

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...

Concurso Um, Dois, Três (21.30)

Homenagem a Toscanini (22.55)

O BEM AMADO

Depois de ler a carta que recebera, Odorico comunica às Irmãs Cajazeira e a Dirceu que é o dr. Juarez a comunicar que pediu a demissão do posto médico. Odorico fica contente com esta decisão, enquanto Dirceu lamenta.

Anita conclui que desde que Teima apareceu na cidade, Neco se modificou muito.

Ao saber que Juarez pediu a demissão do posto médico, Teima vai à sua procura. Juarez explica que tomou aquela atitude para que ela não lhe chamasse de novo incoerente.

Odorico passa pela farmácia para saber como vai Libório, mas este, apesar de muito abatido, continua vivo.

Assistência Técnica Grundig NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef 2112871

rôteiro cultural

Exposições

● É hoje inaugurada na Faculdade de Letras de Lisboa uma exposição **bibliográfica e documental** subordinada ao tema «25 de Abril — 10 anos de democracia», numa iniciativa da Associação 25 de Abril. A mostra é constituída por um painel de homenagem aos escritores falecidos nos últimos 10 anos, de livros e outras publicações de carácter literário dadas à estampa entre 1974 e 1984, de jornais, revistas, folhas e suplementos literários, de uma retrospectiva da Imprensa Nacional e estrangeira relacionada com a data da libertação, por trabalhos acadêmicos e ensaios, por estudos sobre o livro em Portugal nos últimos 10 anos e por cartazes e programas de teatro, cinema e capas de discos seleccionados.

● No atrium da Imprensa, à Casa da Imprensa, continua patente ao público uma mostra de desenho de **Pedro Saraiva**.

● «Os frequentadores do Cabaret Voltaire» é o tema de uma exposição de **Albuquerque Mendes**, constituída por 30 pinturas e acrílico sobre cartão industrial, que pode ser vista à Livraria do Estado, na R. Marquês Sá da Bandeira.

● Na Libris, ao Largo Trindade Coelho, está presente ao público uma mostra de pintura de **Maria Henriques**.

● Pintura de **António Araújo** continua patente ao público na Galeria S. Mamede, à R. Escola Politécnica, em Lisboa.

● No João Sebastião Bar, An-



Um dos trabalhos expostos na colectiva patente em Almada

tónio Sem expõe pintura sob o lema «A Cor».

● Uma mostra de cerâmica de **Rogério Bastos** continua patente na Galeria de Arte e Bar «B'Arte».

● «10 Anos de 25 de Abril» é o tema de uma exposição com desenhos de **António** que pode ser vista pela última vez na Galeria do «Diário de Notícias», ao Largo do Chiado, em Lisboa.

● Pintura de **Maria Amado** continua presente ao público

na Galeria «O País», à R. da Rosa, no Bairro Alto.

● «Casas com molduras» é o tema de uma exposição de **M. Graça Dias** presente ao público no Espaço Inter-Média «Cómicos», à R. Tenente Raul Cascais, a S. Mamede.

● **Amando Alves, Jorge Pinheiro, José Rodrigues, Mário Américo e Zulmiro de Carvalho** têm patente ao público nas instalações da Altimira, à R. Filipe Folque, uma mostra de desenho.

● Trabalhos em barro de **Manuela Félix** e **Vitorino de Sousa** e **aguiar de José Ferreira Guefão** estão presentes ao público na Varandinha de Alfama, ao Vareda da Covina.

● «Preto no Branco» é o tema de uma mostra de **Pais Garcia** que pode ser vista no Palácio dos Coruchêus.

● Integradas nas comemorações do 10.º aniversário do 25 de Abril, a Imagem — Associação de Artistas Plásticos

do **Concelho de Almada** leva a cabo na oficina da Cultura uma exposição de pintura, escultura e desenho constituída por trabalhos dos seus associados.

● No Museu Conde Castro Guimarães, em Cascais, está patente ao público uma exposição sobre **Traje da Corte — séc. XVIII e Império**.

● Desenhos e pinturas de **Luís Serpa** podem ser vistos na Galeria Diagonal, ao Hotel Cidadela, em Cascais.

● Uma mostra colectiva de **desenho** continua presente ao público na Galeria de arte da Junta do Turismo da Costa do Estoril.

● **António Fernando** expõe pretextos de pintura nas salas da Cooperativa Arvore, à R. Azevedo de Albuquerque, n.º 1.

● Na Galeria Dois/Grupo Alvarez, **Bernardo Scoditti** expõe pintura.

Teatro

● **Lia Gama, Mário Jacques e Filipe Ferrer** apresentam esta noite, pelas 21h30 na sala 2 do Quartel a peça de Harold Pinter «Traições», no primeiro espectáculo de um novo grupo: «Teatro de Actor».

● Na Ocarina — Artesanato-Restaurante, **Margarida Carpinteiro, Mário Rodrigo e José António** contam a história do Bairro Alto. No Bairro Alto, num espectáculo de café-concerto.

● No Porto, a **Seiva Trupe** continua a apresentar a peça

de Maricla Boggio, «O Amor de uma Mulher».

Cinema

● «Identificação de uma Mulher», de Michelangelo Antonioni, é apresentado esta tarde, pelas 18 h30, em ante estreia no Estúdio 444, integrado no ciclo «Reatros de Mulher», numa iniciativa do ABC Cine-Clube.

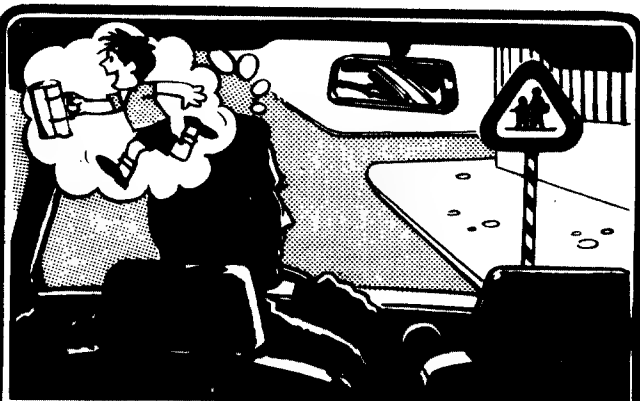
● A **Cooperativa de Comunicação e Cultura de Torres Vedras** apresenta esta noite pelas 21h30m na Física Velha o filme de Sinde Filipe, «O piano».

● Integrado nas comemorações do 10.º aniversário do 25 de Abril, será esta noite exibido nas Caldas da Rainha o filme de João César Monteiro «Veredas». Amanhã, também às 21h30, prossegue o ciclo dedicado ao cinema português com a projecção de «Ruínas do Interior» de José Sá Caetano.

Música

● **B.B. King** e **Orchestra** actuam esta noite, pelas 21h30, no Coliseu dos Recreios em Lisboa, num espectáculo único.

● O **Coro e a Orquestra Gulbenkian**, tendo como solistas Kathrin Graf, Carolyn Watkinson, Jurt Equiluz, Jorge Chaminé e Kurt Widmer, apresenta-se esta tarde, pelas 18h30, no Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa.



AOS CONDUTORES

«Através a marcha ao avistar o sinal de trânsito 'Crianças', porque, de repente, pode surgir uma a atravessar a rua.»



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania, 18.00: A gaita dos sete tolos; 19.00: Informação e música; 20.00: Folhetim; 20.25: Informação desportiva; 20.35: Música portuguesa; 21.00: 25 de Abril, 10 anos depois; 21.30: Notícias de luar. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas

Programa 2

16.05: Solos de piano; 17.00: Música portuguesa; 18.05: Obras de Bach; 18.38: O violoncelista Janos Starker; 19.00: Terra viva, planeta azul; 19.30: Música de bailado; 20.05: Efeméride da estreia da ópera «Pélias e Mélisande», de Debussy; 20.38: Sonata em lá menor, op. 137, n.º 2, para violino e piano, de Schubert; 21.00: O canto e os seus intérpretes; 22.00: Tempo de bailado; 22.30: Música sinfónica; 23.00: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Programa do Sport Lisboa e Benfica; 20.00: Conta corrente; 21.00: Quando o telefone toca (2 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Desporto; 23.00: 24ª hora. Notícias de hora a hora

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 17.00: Ondas lusitanas; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Country music; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto. Notícias de hora a hora

RÁDIO RENASCENÇA

15.00: Clube da casa; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do terceiro; 19.30: Horizonte; 20.30: Programa da LAR; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Ouvir e pensar; 22.00: Hora de música; 23.00: Diário 23; 23.40: Bola branca (3.ª edição); 23.55: Meditando

Rede Sul de FM

13.00: Onda; 13.30: Encontro para dois; 14.00: Duas vezes seis; 21.00: Paju; 21.30: Pentagrama.

Desdobramento em FM Estéreo

22.00: A Universidade na Rádio; 22.57: Boa noite; 23.00: A cor do som; 01.00: As superestrelas do FM. Notícias a todas as horas

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 14 023

HORIZONTAIS:

- 1 Ser necessário. Dança.
- 2 Ave trepadora. Encolheriza.
- 3 Inerte. Tempo do verbo ser.
- 4 Zomba.
- 5 Em as Olé. Prefixo que designa ar.
- 6 Érbio (s.q.). Nota musical. A morte.
- 7 Escudeiros. Despacho.
- 8 Bário (s.q.). Pão de milho.
- 9 Desenrugadas. Plutónio (s.q.).
- 10 Fluido aeriforme. Consentimento.
- 11 Antes do meio-dia. A parte dianteira do navio (pl). Nesse lugar.
- 12 Vassourara o forno depois de aquecido. Honestidade.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9873

HORIZONTAIS:

- 1 Aquela que Legado.
- 2 Demorou-se. Senhores.
- 3 Doutor. Acarinhado.
- 4 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Cidade do Japão.
- 5 Destro. Pronome possessivo (inv).
- 6 Tempero com sal. Antes do meio dia.
- 7 Nesse lugar. Agora. Niquei (s.q.).
- 8 Rado (s.q.). Prefixo de privação. Pronome pessoal (inv). Pálma de Abraão.
- 9 Nome de peixe. Sódio (s.q.).
- 10 Nome de mulher. O sono das crianças. Textualmente.
- 11 Molho com baba. Sacrificar.

VERTICAIS:

- 1 Ninfa que, perseguida por Apolo, que a amava, invocou a terra sua mãe e foi por esta transformada em loureiro. Re-compensar.
- 2 Vagueara. Lodo.
- 3 Tempo do verbo ir. Ave pernaltica considerada divina pelos Egípcios. Tempo do verbo ser.
- 4 Estava. Ecoas. Parasitismo (s.q.).
- 5 Batráquio. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia. Radio (s.q.).
- 6 Artigo definido (ant). Valor.
- 7 Bário (s.q.). Aguçar. Interjeição que exprime admiração.
- 8 Oásis. Antepassados. Fundo de 9. Abrihantaria.
- 10 Nota musical. Repetição de um som. Dar pipas.
- 11 Guarnece de asas. Fazia desaparecer agulha.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 022

HORIZONTAIS:

- 1 Cada CHÃO
- 2 Ala Flor Ama
- 3 Se Modas At
- 4 PISADO, ERVA
- 5 Amoras Luar
- 6 Amoras Luar
- 7 At A
- 8 Im Pecara
- 9 Siasse. Isar
- 10 NAO. Aga. Ir
- 11 Essa Croa

VERTICAIS:

- 1 Caspa Cisne
- 2 Aleita Mias.
- 3 DA Sama Aes
- 4 Marotas.
- 5 Rodar Sa
- 6 Modos Apego.
- 7 Ra Sue
- 8 Sela. Cl
- 9 Amas. Ruinas
- 10 Amavas Raio.
- 11 Ratão. Parra.

Provérbio: Chão pisado, erva não dá

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9872

HORIZONTAIS:

- 1 Não Há Casa
- 2 Arco. Saro
- 3 Rm Nós Ad.
- 4 Ia Doar.
- 5 Pé Lombor.
- 6 Só Toma
- 7 Fora. Ia Mas.
- 8 Amorna. Maga.
- 9 Ras. Adnato
- 10 Alroara
- 11 Aos Aso. Sol.

VERTICAIS:

- 1 Nariz Farla
- 2 Arma Soma
- 3 Oc. Porosa
- 4 Onde. Ar
- 5 Ono. Na
- 6 Assaloiados
- 7 Roca Não
- 8 Cri. Ma. Mar
- 9 Ao Ab. Matas
- 10 Alago
- 11 Andar Sa. Ei

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	88\$90	94\$90	
ALEMANHA FED (marco)	50\$10	51\$20	
AÚSTRIA (xelim)	7\$05	7\$25	
BÉLGICA (franco)	2\$294	2\$494	
BRASIL (cruzeiro)	\$055	\$105	
CANADA (dólar — notas de 1 a 2)	105\$70	107\$70	
(notas de 5 a 1000)	106\$20	108\$20	
DINAMARCA (coroa)	13\$65	14\$05	
ESPAÑA (peseta)	\$951	\$971	
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	135\$40	137\$40	
(notas de 5 a 1000)	135\$90	137\$90	
FINLÂNDIA (marka)	23\$55	24\$15	
FRANÇA (franco)	16\$30	17\$00	
IRLÂNDIA (florim)	44\$45	45\$45	
IRLÂNDIA (libra)	154\$35	158\$35	
ITALIA (liira)	\$073	\$083	
JAPÃO (iene)	\$71	\$86	
NORUEGA (coroa)	17\$55	18\$05	
REINO UNIDO (libra)	90\$50	94\$50	
SUECIA (coroa)	16\$95	17\$55	
SUÍÇA (franco)	60\$65	61\$75	
VENEZUELA (bolivar)	7\$70	8\$70	

Observações:

1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 13.45, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
MARY POPPINS

VILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92A

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
O REGRESSO DO INSPECTOR MARTELADA

AVIS 547153

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
Agora na Páscoa! Volta o maior êxito do cinema cómico dos últimos anos!
Um grande espectáculo de gargalhada e juventude!

A TURMA DOS REPETENTES**BERNA** 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 anos
LAÇOS DE TERNURA

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 13.45, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
MARY POPPINS

CASTIL 530194

R. Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 16 a.
CORAÇÕES E ARMADURAS

CINE BLOCO 556824

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
WARGAMES, JOGOS DE GUERRA
Às 24
ASSALTO IMEDIATO

CINE CAMÕES 324194

R. do Loreto, 5

Às 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
UMA QUESTÃO DE SORTE

CINE 222 579460

Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.

DEBAIXO DE FOGO

Às 24

007, OS DIAMANTES SÃO ETERNOS**CINESTÚDIO LIDO** 936583

P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30
- M. 12 a.

JOVENS MÉDICOS APAIXONADOS**CINE-PLAZA** 930119

Av. Santos Matos, 2 - Amadora

Às 15.30 e 21.30 - M. 16 a.

OS MALUCOS C/OS GANGSTERS**CONDES** 322573

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.

DEBAIXO DE FOGO

c/ Gene Hackman, Nick Nolte e Joanna Cassidy

Colorido

2000 2100055

Av. B. Voluntários Its 113/4

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.

O REGRESSO DE JEDI**EDEN** 320768

P. Restauradores, 21

Às 14.00, 16.30, 19 e 21.30
- M. 13 a.

SEM MOTIVO APARENTE**ESTÚDIO** 555134

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 anos

OS DEUSES DEVEM**ESTAR LOUCOS**

80.ª semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30 e 21.30 - M. 12 a.

THA DAY AFTER

Às 18.30

A IDENTIFICAÇÃO DE**UMA MULHER****HOLLYWOOD** 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
- Int. men. 16 a.

DEBAIXO DE FOGO

de Jonathan Taplin

c/ Nick Nolte, Joanna Cassidy e Gene Hackman

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 18.45 e 21.30
- M. 6 a.

MILAGRE DE AMOR

c/ John Travolta e Olivia Newton John

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 16 a.

IMPACTO SUBITO**LIDO** 936593

P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.15
- M. 13 a.

O REGRESSO DO INSPECTOR**MARTELADA****MONTECARLO** 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- M. 12 a.

SEU NOME É NINGUÉM

Às 24

O FILHO DO DRAGÃO**NIMAS** 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 anos

O CRISTAL ENCANTADO**ODEON** 328283/4

R. dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.

Um filme cheio de acção e suspense**BURCE LEE O SUPER-HERÓI****PATHE** 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 12 a.

MILAGRE DE AMOR

«O CONTRATO» um filme de qualidade realizado por PETER GREENAWAY.
Em exibição no cinema Quarteto.

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.00, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.

IMPACTO SUBITO**QUARTETO** 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- M. 12 a.

DINHEIRO DO CÉU

Às 23.30 - M. 18 a.

A FRONTEIRA DA VERGONHA

SALA 2

Às 14.15, 16, 17.30, 19 e 22.30
- M. 12 a.

ZELIG

Teatro às 21.30 - M. 16 a.

TRAIÇÕES

de Harold Pinter

SALA 3

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 18 a.

A MULHER EM CHAMAS

de Robert Van Ackeren

Às 23.30 - M. 18 a.

MANHATTAN

SALA 4

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
- M. 12 a.

O CONTRATO

Às 23.30 - M. 18 a.

LÁGRIMAS E SUSPIROS**QUINTETO** 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.

THE DAY AFTER, O DIA**SEGUINTE****ROMA** TEL. 727778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.

O acontecimento!**O filme de maior impacto em todo o****Mundo****THE DAY AFTER, O DIA****SEGUINTE****ROXY** 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.

A TURMA DOS TARADOS

c/ Renzo Montagnani e Carmen Russo

Colorido

SÃO JORGE 579144/579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.

YENTL

c/ Barbra Streisand

SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19 e 21.15
- M. 12 a.

FOME DE VIVER

c/ Catherine Deneuve e David Bowie

- M. 18 a.

SALA 3

Às 14.30, 16.30, 18.45 e 21.45
- M. 12 a.

ZELIG

c/ Woody Allen e Mia Farrow

7.º ARTE 730715

Av. Republica, à E. Entre Campos, junto ao n.º 63

Às 14.30 - 17.00 - 19.15 - 21.45 - 24.00
- M. 12 anos

YENTL**STAR** 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.

A EDUCAÇÃO DE RITA**TURIM** 706666

E. de Benfica, 723-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.

OFICIAL E CAVALHEIRO**VOX** 880808

Av. Fr. Miguel Contreras, lote 879

Às 14.30 - 16.45 - 19 e 21.30
- M. 16 a.

IMPACTO SUBITO**XENON** 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 18 a.

O ANJO MALDITO

3.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Laços de ternura», às 21.30 (16 anos)

ALFA-2 - «A Força do Poder», às 21.15 (18 anos)

ALFA-3 - «Os Marginais», às 21.30 (12 anos)

OLÍMPIA - «Clínica do Sexo», sessões permanentes (18 anos)

MUNDIAL - «Laços de Ternura», às 21.30 (16 anos)

CITY-CINE - «Fanny e Alexandre», às 21.00 (13 anos)

CAPITÓLIO - «Entre Cósas», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

ALFA-CLUB - «Jogos de Guerra», às 21.30 e 24.00 (12 anos)

TIVOLI - «Mary Poppins», às 21.30 (6 anos)

TERMINAL - «No Limiar da Realidade», às 21.30 (12 anos)

APOLLO 70 - «Os Marginais», às 21.30 (12 anos)

LONDRES - «Finalmente Domingo», às 21.30 (12 anos)

RESTELO - «Octopussy, 007», às 21.30 (12 anos)

ESTÚDIO ACS - «No Limiar da Realidade», às 21.30 (12 anos)

CINEMATECA PORTUGUESA - «Gestos e Fragmentos», às 21.30 (12 anos)

PROMOTORA - «O Grande Mestre dos Lutadores», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

SÃO JOÃO DO ESTORIL - Cinetândia - «Piranha II», às 21.15 (18 anos)

ESTORIL - Casino - «Atalhos», às 21.15 (13 anos)

CASCAIS - Oxford - «Feliz Natal, Mr. Lawrence», às 21.30 (16 anos)

Outra Banda

ALMADA - Incrível - «Uns e... os Outros», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - Academia - «Loucuras de um Casal», às 21.15 (13 anos)

CRUZ DO PAU - Lord - «A Estrada dos Malucos», às 21.30 (13 anos)

SETUBAL - Júpiter - «Loucuras de um Casal», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - Cine-Estúdio - «Os Caçadores do Espaço», às 21.30 (12 anos)

COSTA DE CAPARICA - Silcine - «A Escolha de Sofia», às 21.30 (12 anos)

Linha de Sintra

CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «Octopussy», às 21.30 (12 anos)

ERICERIA - Cinetúdio - «Barafunda no Far West», às 21.15 (13 anos)

Porto

VALE FORMOSO - «As Tardes Frustrantes duma Burguesa Frustrada», às 21.30 (13 anos)

FOCO - «O Ano de Todos os Perigos», às 21.45 (12 anos)

AGUIA - «Os Punhos de Aço de Shanghai», às 21.45 (18 anos)

ESTÚDIO - «Herança de Sangue», às 21.30 (13 anos)

SALA-BEBÉ - «Revelações», às 21.45 (16 anos)

JÚLIO DINIZ - «Os Malucos Atacam», às 21.30 (Todos)

RAIONE - «O Vulcão», às 21.30 (13 anos)

COLISEU - «Mary Poppins», às 21.30 (Todos)

SÃO JOÃO - «Laços de Ternura», às 21.30 (12 anos)

RIVOLI - «Papillon», às 21.30 (13 anos)

BATALHA - «As Ocas Aventura de Barba Amarela, o Pirata», às 21.45 (12 anos)

PEDRO CEM - «O Cristal Encantado», às 21.30 (Todos)

LUMIERE-A - «O Dia Seguinte», às 21.30 (12 anos)

LUMIERE-L - «Yentl», às 21.45 (12 anos)

PASSOS MANUEL - «Os Marginais», às 21.45 (12 anos)

CHARLOT - «Ser ou Não Ser», às 21.30 (12 anos)

TRINDADE - «Zelig», às 21.15 (12 anos)

CHAPLIN - «Esqueci-me de Viver», às 21.30 (12 anos)

Lisboa**PERMANENTE**

AMOREIRAS - CAMPOLIDE: Pinto, R. de Campolide, 11 (T. 682610); AREIRO - APEADEIRO: Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803

DL

PORTE
PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:

RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA

TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3

Publicidade: 308740

Serviço de noite (diaplo das 21):

Porteiro: 321154

Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1425/82

Endereço Telegráfico: DIBDA

Telex: 12383 LISBOA PORTUGAL

DELEGACÃO DO PORTO

Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO

Telefones: 2854/5

Distribuição: INTERPRESS

Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA

Telefones: 322100-322204-320784



MARES DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

2.41 3.8 m 8.16 1.0 m

14.58 3.8 m 20.33 1.0 m

Dia 1

3.14 3.9 m 8.47 0.9 m

15.29 3.9 m 21.05 0.9 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS
SEIS HORAS:

VIANA DO CASTELO	10°
BRAGANÇA	11°
VILA REAL	10°
PORTO	11°
COIMBRA	14°
CABO CARVOEIRO	15°
PORTALEGRE	11°
LISBOA	13°
ÉVORA	13°
BEJA	13°
FARO	15°
SAGRES	-
PONTA DELGADA	15°
FUNCHAL	16°

Os cinco reafirmam em Maputo solidariedade com a SWAPO e ANC

A Cimeira Extraordinária dos Chefes de Estado dos Cinco Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, que terminou em Maputo ao princípio da tarde de sábado, manifestou o seu pleno apoio aos esforços de paz empenhados por Angola e Moçambique, nomeadamente com o compromisso de Lusaca e o acordo de N'komati estabelecidos com a África do Sul. A declaração final da cimeira, lida por Silvino da Luz, ministro dos Negócios Estrangeiros de Cabo Verde, reafirma que o sistema de «apartheid» continua a ser o principal obstáculo à estabilidade na sub-região e reitera a sua solidariedade à SWAPO, «único e legítimo representante do povo da Namíbia», e ao povo sul-africano «sob a direcção do ANC, que luta pela democracia, pela justiça social e pela igualdade racial».

A Cimeira dos Cinco, que decorreu no Palácio dos Congressos do Maputo, num ambiente de grande solenidade — estiveram presentes os diplomatas credenciados na capital moçambicana e os deputados que participaram durante a semana nos trabalhos da 12.ª Sessão da Assembleia Popular da RPM — terminou algumas horas depois do que estava previsto, tendo originado o atraso da partida dos presidentes Samora Machel e Eduardo dos Santos para Arusha, na Tanzânia, onde, no fim-de-semana decorreu a Cimeira dos Países da Linha da Frente. Por esse motivo foi anulada uma conferência de imprensa que os cinco chefes de Estado africanos iriam dar e estava a ser aguardada com grande expectativa.

Quando João Bernardo Vieira,



O presidente Samora Moisés Machel falando no final da Cimeira. Vêm-se ainda Nino Vieira, presidente em exercício dos Cinco e Marcelino dos Santos

presidente da República da Guiné-Bissau e presidente em exercício dos cinco, deu por terminada a reunião, Samora Machel, perante os aplausos quentes de todos os presentes, trocou com ele um apertado e longo abraço que era, ao fim e ao cabo, a tradução pública do ponto n.º 18 da declaração final da cimeira:

«Os cinco chefes de Estado regozijaram-se pela realização da presente cimeira extraordinária que consideram como sendo um dos momentos mais altos de unidade, amizade e solidariedade entre os seus povos, partidos e Estados, forjadas e temperadas nas horas mais difíceis da luta armada de libertação nacio-

nal e de consolidação das suas independências nacionais. Felicitaram-se igualmente pelo clima de entendimento, responsabilidade militante e franca camaradagem que caracterizaram os trabalhos da conferência. Recordam, neste sentido, que os laços existentes entre eles constituem um valioso património que deve ser preservado em benefício dos povos respectivos.»

Voltando à declaração final: a conferência extraordinária dos cinco manifestou «muito particularmente» a sua solidariedade fraterna e militante com Angola e, ao reiterar o seu apoio para com o compromisso de Lusaca, pronunciou-se (pela rápida e in-

condicional retirada das tropas sul-africanas da parte Sul do território soberano da RPA».

Por outro lado, a conferência condenou «categoricamente, os actos criminosos e sangüinários perpetrados no território angolano pelos bandidos armados a soldo de Pretória», reiterou a sua «total solidariedade para com a SWAPO» e exigiu que a África do Sul «entabule, imediata e incondicionalmente, negociações directas com aquele movimento de libertação com vista à autodeterminação e independência da Namíbia». Reafirmou, também, «a convicção de que a implementação da Resolução 435 do Conselho de Segurança da ONU constitui a única base para uma solução justa e definitiva da questão».

Os cinco chefes de Estado consideram ainda que o acordo de não agressão e boa vizinhança entre a República Popular de Moçambique e a República da África do Sul «contribuirá para a consolidação da independência nacional e para a defesa da revolução moçambicana». Ao mesmo tempo os cinco constatarem que «o referido acordo constitui uma tentativa criadora de promover os princípios universalmente aceites no relacionamento entre Estados de regimes políticos, sociais e económicos diferentes, particularmente no que se refere aos princípios de coexistência pacífica, de boa vizinhança e de não agressão».

Por fim, a cimeira felicitou a RPA e a RPM pelas «vitórias que têm alcançado sobre os bandidos armados e grupos fantoches a soldo do imperialismo».

R. C.

Estão criadas condições para uma «alternativa democrática»

— afirmou Álvaro Cunhal

As comemorações do x aniversário da Revolução de Abril foram o tema central da intervenção de Álvaro Cunhal no comício que assinalou, no sábado, a inauguração do novo Centro de Trabalho do PCP no Barreiro. Para o líder comunista, a jornada do 25 de Abril último «foi um acontecimento político do mais alto significado na vida política nacional» e que se traduziu num facto político revelador de «uma rápida mudança da correlação de forças, com o rápido enfraquecimento da reacção e o impetuoso reforço do movimento popular e democrático».

A exemplificar esse facto político, Álvaro Cunhal citou «o fiasco completo das comemorações oficiais do 25 de Abril, que constitui uma derrota política para o Governo PS/PSD» enquanto as «comemorações populares constituíram uma extraordinária e significativa vitória das forças da democracia».

Neste sentido, e segundo o líder comunista, as comemorações do x aniversário demonstraram «o isolamento quase completo do Governo PS/PSD e dos seus apoiantes reacçãoários» e confirmaram «que existe uma base de apoio social e política poderosíssima e bastante para uma alternativa democrática». «Estão criadas condições fundamentais para a unidade e acção comum ou pelo menos para a acção convergente de todas as forças democráticas e patrióticas que conduza a uma alternativa» afirmou Álvaro Cunhal.

O secretário-geral do PCP sublinhou também que das comemorações do 25 de Abril se pode

concluir que «amadurecem as condições para a demissão do Governo Mário Soares/Mota Pinto, acrescentando: «aproxima-se o momento de viragem. O Governo PS/PSD está derrotado».

No seu discurso, Álvaro Cunhal dirigiu ainda diversas acusações ao actual Executivo que, segundo ele, «põe em perigo a democracia e compromete a independência e a segurança nacionais» e salientou que «não será a maioria de deputados que actualmente ainda têm que salvará o Governo da derrota».

Referindo-se às eleições presidenciais de 1985, Álvaro Cunhal disse que «temos razão para não ter muita pressa nem paciência» no que diz respeito à escolha de um candidato. Candidato que, afirmou, deve recolher o «consenso de todos aqueles partidos, forças e correntes de opinião cujos votos terão de convergir finalmente para assegurar a vitória», contra o «candidato ou candidatos reacçãoários».

Álvaro Cunhal saudou ainda, durante a sua intervenção, o Barreiro — «vila vermelha» — que «continua a ser, como sempre foi, uma fortaleza inexpugnável da classe operária, da liberdade, da democracia e do socialismo».

O secretário-geral do PCP referiu ainda «o maior dos monopólios portugueses — o grupo CUF» — e questionou declarações de Mário Soares nas quais afirmava que «tinha para os Mellos uma dívida de gratidão». «É legítimo afirmar — disse Cunhal — que nenhum governante pode fazer leis que restaurem privilégios.

Televisão privada para breve em Espanha

A televisão privada será autorizada em Espanha em 1985, anunciou o presidente do governo espanhol, Felipe Gonzalez, durante um colóquio com empresários de Madrid.

Foi a primeira vez que Felipe Gonzalez se comprometeu com uma data para a aprovação da legislação que permitirá a televisão privada em Espanha.

«Se este governo não regular a televisão privada, não haverá outro que o faça», comentou Felipe Gonzalez. Em sua opinião «se este governo não regular a televisão privada, a técnica antecipar-se-á num futuro muito breve».

Felipe Gonzalez mostrou-se contrário ao modelo italiano, e disse que o «britânico é o mais desejável».

Referiu que ainda não estão definidos os critérios de concessão de exploração de canais de televisão, mas indicou que este será em princípio, o sistema a utilizar.

O presidente do governo disse que «a existência de televisão privada não é nenhuma prova de existência de pluralismo e de de-

mocracia, pois há muitos países europeus que não têm televisão nem rádio privada e a quem não podemos pretender dar qualquer lição de democracia, ou de liberdade».

«Espero que a televisão privada seja um estímulo para melhorar a televisão pública», comentou.

No colóquio com mais de mil empresários, Felipe Gonzalez referiu-se ainda ao processo de privatização dos jornais estatais da cadeia de meios de comunicação social do Estado.

«Isso não o fez nenhum governo, resistindo à tentação de ser proprietário dos mesmos e utilizá-los», comentou.

Felipe Gonzalez citou neste contexto o caso de Portugal, lembrando que «por exemplo, Pinto Balsemão, director e empresário de um meio de comunicação social, defensor da liberdade e da iniciativa privada neste campo, quando primeiro-ministro não resistiu à tentação de manter e controlar a Imprensa estatal portuguesa».

São muitos os problemas e poucas as verbas

Concelho de Odemira pode dividir-se em dois

Os graves problemas com que se debate o município de Odemira, no Baixo Alentejo, por falta de verbas, poderão levar à sua divisão administrativa e a que seja criado mais um concelho no distrito de Beja, ou então, que parte deste concelho — o maior português em extensão — seja absorvida pelos concelhos em volta.

O concelho de Odemira tem uma extensão aproximada de dois mil quilómetros quadrados e uma população muito dispersa que ronda os 30 mil habitantes.

A agricultura é a estrutura económica dominante e ocupa a parte mais significativa da população, muito embora existam na zona costeira deste concelho condições naturais privilegiadas para uma fértil actividade pes-

queira.

O concelho de Odemira é dotado de um litoral extenso e rico em diversos espécimes marítimos, mas a pesca é completamente artesanal e muito reduzido o número de pescadores.

As zonas costeiras do concelho usufruem ainda de uma rentável exploração turística durante os meses de Verão, devido à grande procura das suas praias (Vila Nova de Milfontes, Almogrove, Zambujeira do Mar) por parte de apreciável minério de turismo nacional e estrangeiros.

«Aqui, no litoral, embora esteja ainda muito por fazer e as preocupações sejam grandes devido à construção clandestina e à avaria de grandes grupos de construção

civil — segundo Justino Abreu —, os problemas são menores.

Duas vezes e meia maior que a Madeira

Face às carências que advêm da grande extensão do concelho, por muitos considerado o maior da Europa, opina-se em Odemira que o Governo dota financeiramente a autarquia, atendendo aos seus problemas de desenvolvimento, de facto, ou o divide, criando mais uma ou duas autarquias — se isso implicar a atribuição de novas verbas.

«Esta é a teoria que o presidente do Município defende, ressaltando, no entanto, que «só pensa numa solução dessas em virtude da exiguidade de verbas» que ac-

tualmente a Câmara recebe. «Se há custos da interioridade e custos da insularidade, também os há de ser o maior concelho da Europa» — afirmou Justino Abreu no decorrer de uma exposição sobre os problemas económicos-sociais do concelho.

«Somos duas vezes e meia maiores, em extensão do que a ilha da Madeira. Porque recebe o Governo Regional uma enorme quantidade de dinheiro e, nós, onde a herança dos obscurantismos fascista é pesada e bem visível, recebemos tão pouco?» — pergunta o presidente odemirense.

«O interior do concelho é o verdadeiro problema que nos preocupa», frisou o presidente da edilidade odemirense

Sete Ponto Sete

Mensagens pessoais



Gombrich:
**Um discurso anti-romântico
sobre história de arte**

Pág. 2



Fernando Pessoa em 1928:

A defesa da ditadura

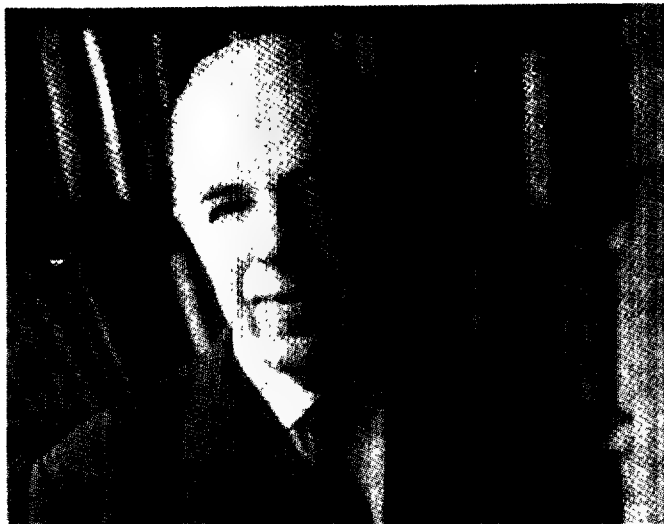
Págs. 4 e 6

M U _ D A N Ç A S

Cézanne ia estudar para o Louvre. Os jovens artistas, esses querem fazer algo que não se pareça com coisa nenhuma...

Ernst Gombrich em luta contra o romantismo "mole"

Ernst Gombrich é um dos mais célebres historiadores de arte dos nossos dias. Nascido em Viena em 1909, abandona a Áustria em 1936 para se instalar em Londres. Aí torna-se membro do Instituto fundado por Aby Warburg (recentemente exilado de Hamburgo) para explorar a história das civilizações. Dirigirá este instituto de 1959 a 1976. É impossível citar todas as obras de Ernst Gombrich, e também delimitar precisamente o campo das suas investigações e da sua curiosidade: ele escreveu tanto sobre a arte antiga, sobre Leonardo da Vinci e Rafael, como sobre Kokoschka (de quem foi amigo), Picasso ou Cartier-Bresson. Referimos simplesmente os seus livros mais recentes: *The Sense of Order*, em 1979, sobre a teoria da ornamentação e da decoração, *The Image and the Eye*, em 1982, sobre a psicologia da percepção, e, no próximo mês de Abril, *Tributes*, uma série de ensaios sobre Freud, Hegel, Lessing...



Como estava ligado ao instituto Warburg desde 1936 (e mais tarde como director durante dezasseis anos), segui a linha de investigações desse centro eminente da história cultural. As minhas aulas tratavam, por exemplo, do humanismo florentino ou da filosofia do Renascimento, e os escritos, de Botticelli, de Leonardo, de Rafael, etc.

Que se passa quando se pinta uma árvore?

— O meu interesse pela psicologia data dos meus estudos em Viena, há mais de cinquenta anos. Havia em Viena, na tradição da história da arte desde 1900, um movimento importante de interesse pela psicologia, e o meu mestre Julius von Schlosser, que era um grande especialista de história de arte, interessou-se pela psicologia durante a juventude. Estudante de arte em Viena, nessa época, tinha pois a possibilidade de me familiarizar também com a psicologia. Passei mesmo alguns meses em Berlim para seguir as aulas de Wolfgang Koehler, um dos pais da psicologia da forma.

Mas as investigações que fiz no domínio da psicologia não foram orientadas no sentido de uma psicologia dos indivíduos, mas antes de uma análise do estilo e da percepção. Que se passa quando alguém quer pintar uma árvore? É difícil pintar uma árvore. O problema que então se põe é o seguinte: por que razão é difícil pintar uma árvore como o faziam Claude Lorrian ou Poussin no campo romano? A psicologia da percepção é importante para compreender o que é a repre-

sentação. É o tema do meu livro sobre a Arte e a Ilusão. Acrescento que não limitei a minha participação para o problema da psicologia da representação. Abordei igualmente o problema do ornamento e da decoração. É o tema do meu livro *The sense of Order*.

Foram estes os dois centros da minha investigação. E, na medida em que eu tinha estes dois centros de interesse, passei sem dúvida muito menos tempo que os meus colegas a tornar-me aquilo a que chamo um «conhecedor». Claro que tenho a minha opinião sobre as coisas. Mas não sou, por exemplo, um coleccionador informado. Nem um especialista deste ou daquele artista, como geralmente se espera de um historiador de arte, que ele seja especialista — perito — de Poussin ou de Le Nain. Não entrei por essa via. Voltei-me mais para a explicação histórica dos fenómenos.

— Uma explicação histórica no sentido daquilo a que chama «a Ecologia das imagens», do título que deu ao conjunto dos seus estudos recentemente publicados em francês.

— Este título é o resultado de uma dificuldade. O meu editor pediu-me com urgência um título para esse conjunto de estudos, e eu decidi-me por este porque valoriza a interacção entre a tradição e as situações. Uma planta pode existir de um certo modo num certo «nicho ecológico» e desenvolver-se formidavelmente noutro. Pode fazer-se a analogia com o que se passa na história da arte. Situações favoráveis fazem emergir fenómenos

que já existiam mas sem brilho. É o caso do florescimento artístico da Renascença italiana.

— Falou de «tradição» e de «situação». Essa última noção, é a desenvolvida por Karl Popper.

— Assisti em 1936 à sessão do seminário de von Hayek, em que Popper apresentou pela primeira vez as teses que iam ser o seu livro hoje celebre *Miseria do historicismo*. Na altura tratava-se de uma simples conferência. Popper convidou-me a ir ouvi-lo. Tinha-o conhecido em Viena mas tínhamos-nos tornado amigos em Londres. Tínhamos discutido longamente estes temas e fazíamos a mesma crítica de uma certa maneira de escrever e de compreender a história. Recusávamos o neo-hegelianismo. Eu recusava a explicação em história de arte através de noções como o «espírito do tempo» ou aquilo a que Jung chamava «o inconsciente colectivo».

Muito antes de ter conhecido Popper escrevera eu a minha tese, em Viena, sobre Giulio Romano, um pintor arquitecto da Renascença italiana, discípulo de Rafael. Nessa altura discutia-se muito o maneirismo. E ouvia-se muitas vezes dizer que o maneirismo fora a expressão de uma profunda crise cultural, em ligação com a Contra-Reforma. Quanto mais estudava Giulio Romano menos este género de explicação me parecia plausível. Nessa altura eu já preferia uma interpretação «ecológica» a essa interpretação emocional. É com efeito um pouco aquilo a que Popper chamaria «lógica da situação»: havia no Norte de Itália um príncipe que amava os cavalos e os cães e que queria chamar a si os melhores artistas para mandar construir um palácio e causar impressão.

— O que um dos seus artigos intitula «a lógica do jogo da moda»?

— Parece-me que o importante é o que se esperava de um artista de corte como Giulio Romano. O que o arquitecto devia fazer para dar prazer ao duque de Mantua. É uma questão de moda. Trata-se de um jogo onde cada um deve causar mais impressão do que o outro. A competição tem um papel muito

importante na arte. E sempre senti o desenvolvimento do estilo nessa época, muito mais em termos sociais e «ecológicos» do que em termos historicistas. Aconteceu num dado momento que assegurar os serviços de Ticiano ou de Miguel Angelo era um caso de prestígio para os príncipes italianos. Depois, quanto mais o prestígio actua, mais os príncipes se precipitam sobre os artistas a fim de obter as suas obras e mais os artistas se comportam como se fossem divas. Sabemos que muitas vezes era menos o patrão aristocrático que insistia numa certa prodigalidade, do que o artista a quem ela interessava porque aspirava à glória. Os mestres famosos adquiriram então um poder considerável. Mas essa posição era excepcional. Não se imagina que eles pudessem comportar-se assim no século XII. A história deve analisar todos estes fenómenos em conjunto.

— Daí a sua insistência permanente sobre a complexidade dos factores explicativos?

— Sim, não é possível para o historiador propor uma classificação simples das motivações artísticas. As motivações humanas são muito complexas e o historiador deve conhecer essa complexidade e dar-se conta dos limites do seu conhecimento. Nunca há causa única para um fenómeno! Por isso escrevi um dia que não havia uma história da arte mas histórias das artes.

— As suas análises insistem na tradição. Mas diz-se partidário da mudança e na inovação.

— Claro que sou pela criatividade e pela inovação, quando são autênticas. Se insisto na tradição, não é porque a ame particularmente, mas porque ela existe e não podemos ignorá-la. Quando falamos neste momento, empregamos uma língua que existe há centenas e centenas de anos, e cada palavra da qual tem referências com a tradição anglo-saxónica, latina, e mesmo com o sanscrito. Os elementos da arquitectura, da decoração e da pintura também vêm dos séculos passados. Nós não podemos fazer uma história da arte ignorando os efeitos da tradição. ■

Didier Eribon

FEZ os seus estudos de história de arte em Viena. Mas a arte está presente na sua vida desde a infância.

— Sim, nasci numa família em que a presença da arte era extremamente forte. A música apaixonava a minha família. A música é a arte de Viena. A minha mãe era pianista e uma professora de piano muito conhecida. Acompanhou os cursos de Anton Bruckner no Conservatório, e era amiga de Gustav Mahler. A minha irmã também seguiu a carreira musical e frequentava os círculos de Berg e de Webern.

— Mas a si foi a pintura que mais o atraiu?

— Não. É certo que escrevi principalmente sobre pintura, mas a música tem em mim um efeito mais imediato.

— Um estudante em Viena, nos anos 20 e 30 não pode deixar de sofrer a influência de Freud?

— Trabalhei com Ernst Kris. Ele era historiador de arte e psicanalista. Pertencia ao círculo dos jovens amigos de Freud. Começámos a redigir uma obra sobre a história e a teoria da caricatura e fazíamos numa óptica bastante impregnada de psicanálise. Lembro-me de que um dia Musil foi a casa de Kris. Falámos de Freud e Musil mostrou-se muito crítico acerca dele. Incomodava-o principalmente a ideia de os sonhos dos homens de génio serem os mesmos dos homens

vulgares.

— O Ernst Gombrich mostrou também um grande distanciamento crítico perante a psicanálise, nos seus trabalhos históricos.

— Li muito Freud e ainda hoje o leio às vezes. Mas, como historiador de arte, tenho uma atitude muito crítica. Acho que toda a teoria de arte que não tem em conta a tradição, segue por caminho errado. Que faz em primeiro lugar um artista? Aprende a sua «profissão». E não podemos falar de um artista como se tudo viesse do seu inconsciente.

Claro que ele, como todos nós, nunca se libertará do seu inconsciente, mas os principais traços da sua obra vêm da tradição. Se ler o livro de Freud sobre Leonardo da Vinci aperceber-se-á de que Freud não conhecia a tradição artística dessa época. Isto pode perfeitamente ver-se na obra analisada por Freud, *a Virgem e Santa Ana*, de Leonardo. Essa composição baseia-se numa tradição iconográfica bem conhecida na Renascença.

— Mostra, no entanto, naquilo que escreve, um grande interesse pela psicologia. Podemos classificar os seus escritos em duas categorias: os estudos de história de arte propriamente ditos e as investigações no domínio da psicologia da percepção.

— Ao longo das minhas investigações, dois centros de interesse retiveram principalmente a minha atenção.

I N F E R N O S

Vídeo e Audio: o "ataque" japonês

A expansão da tecnologia de vídeo japonesa é mais resultado de uma atitude do que de um acaso. Esta parece, em nossa opinião, a ideia principal a extrair daquilo que quotidianamente podemos observar nas lojas especializadas. Na tentativa de uma aproximação a essa ideia, eis dois artigos sob o signo do «ataque japonês».

Os sete mandamentos da Matsushita

De manhã, ao chegar — cinco minutos antes das 8 horas — recitam e coro e bem alinhados a sua lição de moral. Sete lições de moral, chamadas «Os Sete Espíritos», a saber: 1 — servir a pátria; 2 — guardar justiça; 3 — praticar a concórdia; 4 — ter gosto pelo progresso; 5 — ser humilde e respeitador; 6 — adaptar-se às circunstâncias; 7 — ser capaz de gratidão.

Assim começa o dia-a-dia da Matsushita, uma das grandes produtoras de tecnologia do Japão e também do mundo industrial. Este é talvez o lado insuspeito da industrialização que representa por si um sistema sem dúvida arcaico e paternalista (ou nacionalista). Esta não é a totalidade da indústria japonesa, é uma parte extremamente curiosa que dentro do seu arcaísmo comporta, ainda assim, alguns aspectos positivos, tais como as informações constantes

da empresa aos seus trabalhadores relativamente ao dia-a-dia, as dificuldades, o nível de produção, o número de aparelhos defeituosos, e ainda a concessão de prémios de produtividade que dilatam consideravelmente os ordenados de base.

No fundo, trata-se de uma acção psicológica que visa criar um clima de segurança, aumentar a produtividade e ganhar a concorrência dos mercados.

85% do mercado mundial

Tudo isto ajuda no fim de contas a compreender um pouco o significado dos números, números que dão ao Japão 85% do mercado mundial de electrónica.

Mas no campo do vídeo o domínio é esmagador, apontando os números para 95% deixando os restantes 5% ao Europeu Vídeo 2000 dominado pela Phillips e Grundig.

Na verdade, dos 13 milhões de gravadores de vídeo produzidos em 1982, a maior parte — 12,2 milhões — foram produzidos sob patente japonesa. Destes, apenas 2,2 milhões foram distribuídos no mercado interno seguindo os restantes 10 milhões as rotas da América e da Europa, aliás, nos EUA a produção regista-se

praticamente sob licenças japonesas sendo os projectos originais praticamente inexistentes.

Por formatos, a distribuição do mercado sublinha a predominância do VHS com 65% do mercado, o BETA com 30% e finalmente como já reteremos, o formato europeu V 2000 com apenas 5%.

A resposta ocidental só há pouco tempo começou a funcionar e mesmo assim fá-lo algo timidamente através do «Videodisco» processo de leitura laser (semelhante ao «Compact-Disc») e que só agora começa a poder implantar-se no mercado.

Um pouco de história

A popularização do vídeo no formato que hoje conhecemos só teve realmente início nos últimos 7 anos, quando, após o surgimento do U-matic (um sistema intermédio entre o profissional e o doméstico — também chamado «industrial»), os japoneses começaram a produção de aparelhos de uso frequente e dimensões menores. Estávamos em 1977 e o mercado funcional como hoje é conhecido, encontrava-se virgem.

A publicidade funcionou e a novidade correu rapidamente, daí que em apenas 5 anos a

produção e vendas tivessem aumentado dez vezes. Vejamos os números uma vez mais.

1978 — 1,5 milhões.
1979 — 2,2 milhões.
1980 — 4,4 milhões.
1981 — 9,5 milhões.
1982 — 13 milhões.

A simples comparação dos resultados demonstra uma quase duplicação anual das vendas, excepto na passagem de 81 para 82 com mais 50%. De qualquer modo, é elucidativa a crescente implantação do vídeo no mercado mundial, até aqui, totalmente dominado pelo Japão (excepto no primeiro ano em que ainda era possível ver os EUA).

Depois, as grandes produções e a conhecida mão-de-obra barata e eficiente fizeram o resto. Quando a electrónica e os circuitos integrados entraram no mercado doméstico, a popularização do vídeo foi massiva.

Contrariamente ao automóvel — que levou meio século para se implantar — o vídeo conseguiu fenómeno idêntico em um décimo do tempo, tendo entrado na Europa pela Grã-Bretanha que em 1981 já possuía um milhão e meio de gravadores, aliás duplicados em 1982, e é hoje o país ocidental onde a percentagem de gravadores é maior (acima, inclusive, dos EUA). ■

Para além do Francês, do Inglês e do Alemão

Na Europa há línguas David e línguas Golias

O problema da unificação cultural da Europa, tem um aspecto quase sempre deixado na sombra. É o da desigualdade de estatuto, de prestígio e de poder entre os criadores que pertencem a um domínio linguístico modesto e os que se exprimem em francês, inglês ou alemão. Não se fala neste caso, não se diz absolutamente nada. Todo conhecem a expressão «barreira linguística», mas, como esse

tem-se em dois grupos: os que se exprimem em inglês, francês e alemão, e todos os outros.

Há uma diferença essencial entre estes dois grupos.

Os escritores de língua inglesa, francesa ou alemã são frequentemente lidos por leitores que não se exprimem numa dessas três línguas. Ora não há reciprocidade. Em Inglaterra, em França ou na Alemanha, as pessoas capazes de ler o holandês, as línguas escandinavas ou o checo, são muito raras. Mesmo o conhecimento do espanhol e do italiano fica muito aquém do que devia ser, aos olhos de todos aqueles a quem a cultura europeia é cara em todas as suas manifestações.

Na Holanda, na Noruega, em Espanha, na Itália, etc., são uma autêntica legião aqueles

ou um alemão tenha um conhecimento profundo do holandês, e seja capaz de se exprimir com clareza e elegância na sua língua materna.

O que é uma boa tradução? Não é somente uma tradução exacta, em que o tradutor recusa ceder à facilidade, como tantas vezes acontece e não salvou as passagens difíceis. Não é pois somente uma tradução completa, mas uma tradução que oferece um equivalente estilístico e idiomático do texto original. A realização de uma tal tradução exige grandes esforços.

Curiosamente há pessoas que pensam que tais esforços não são na verdade necessários. Mas posso assegurar que, se um livro originário de um domínio linguístico restrito e mal conhecido é traduzido para o inglês, o francês ou o alemão, a tradução deveá ser excelente, sob pena de não ser lida e de ficar letra morta.

Vale mais não traduzir nada do que traduzir mal. Que importa ao leitor inglês, francês ou alemão saber que determinado autor é um grande escritor italiano, norueguês ou checo? É a primeira vez que ouve pronunciar o nome desse homem. Não tem vontade de o ler. O que já não aconteceria se se tratasse de Sojenitsyne, mesmo numa tradução defeituosa. Como guia só tem o seu juízo pessoal. Se por acaso a tradução do holandês, do norueguês, do checo, é ilegível, o leitor pensa: *talvez seja verdade que este senhor de quem nunca ouvi falar é um grande escritor checo, lituano, norueguês, etc., mas a leitura do seu livro não me dá prazer nenhum, e isso, é, para mim, o que conta.*

Quem não lhe daria razão? Os leitores ingleses, franceses e alemães baseiam-se muitas vezes em preconceitos singulares quando decidem publicar ou

não determinada tradução. Assim, exigem frequentemente que os livros holandeses estejam cheios de moinhos de vento, de tulipas, de bicicletas e de queijos. Caso contrário, desinteressam-se. Os editores holandeses, esses não exigem que um livro para traduzir do inglês fale corricidas de cavalos e de pensionatos, que um livro para traduzir do francês fale de champagne e de «demi-mondaines», que se toque muita música de orfeão num livro alemão ou que um romance espanhol trate essencialmente de toureiros e de touros.

Essa divergência de atitude entre os editores dos pequenos países e os das grandes nações, contribui para perpetuar a profunda desigualdade das correntes culturais. Uma grande corrente dirige-se das grandes para as pequenas nações; um delgado fio de água segue dos pequenos para as grandes, e essa corrente é, em geral, demasiado fraca para levar as obras que na verdade têm peso. Os preconceitos subsistem. A repartição equilibrada de uma informação recíproca continua a ser uma ficção.

O amor não pode ser em sentido único, diz a sabedoria popular.

Em matéria de curiosidade literária, tudo é infelizente mais ou menos de sentido único, tudo vai do pequeno para o grande. David admira Golias, compra as suas obras, estuda-as, passa-as para a sua língua, consagra-lhe longas críticas nos seus jornais — jornais esses que Golias nem sequer lê.

Golias, por seu lado, ignora quase todas as manifestações criadoras de David e, por gosto pelo cliché, persiste em sonhar com queijos, tulipas, champagne, «demi-mondaines», música de orfeão, touros de combate e todos os outros clichés em circulação nos «cafés comerciais» do folclore. ■

Willem Frederik Hermans

obstáculo suscita pensamentos dolorosos em todos os interessados, prefere-se geralmente subestimar-lhe o nível.

O retirar das barreiras linguísticas é uma tarefa difícil, e mesmo, nove vezes em dez, impossível. É, no entanto, de bom tom tratar essa dificuldade com desprezo e afirmar que a qualidade literária aparece sempre apesar de todas as fronteiras territoriais e linguísticas. Essa concepção tem muito chique, admito-o, mas nada tem a ver com a verdade.

Fazer a unidade cultural da Europa em literatura? Isso supõe, evidentemente, que todo o escritor, sem distinção de língua, tenha a possibilidade de chegar ao mesmo público europeu. Mas como dar aos escritores originários de pequenos domínios linguísticos, essa possibilidade que os seus confrades de língua inglesa, francesa e alemã, gozam com a maior naturalidade?

Os escritores europeus repar

que lêem francês, inglês e alemão. Assim, as literaturas dos grandes países invadem as culturas de menor prestígio. Mas em vão se procuraria uma corrente em sentido inverso.

Não só os habitantes das grandes nações ignoram as literaturas dos países mais modestos, como não parecem animados de um grande desejo de as conhecer. A produção dos seus próprios escritores é tão abundante que nem mesmo têm oportunidade de se interessar, por exemplo, pela literatura da Holanda. E, de resto, essa literatura deve, antes de mais, ser traduzida.

As traduções, boas e más...

Isso acontece às vezes. Em muitos casos as traduções não têm nenhum êxito. Porquê? Porque são más. E por que são más essas traduções? Porque é raro que um inglês, um francês



1928

«A única coisa certa em si
que seja uma sociedade»

Defesa e justificação da Dictadura Militar em Portugal

Fernando Pessoa

a monarchia dos Stuarts, conscientemente «de direito divino», e a opposição a ella, que assumiu episodicamente, e em contrario do sentimento da maioria, a forma republicana. Nasceu por fim, depois de pesados annos de perturbações, o chamado constitucionalismo, formula de equilibrio espontaneo, provinda de antigas tradições nacionaes em que o fermento de todas as doutrinas antimonarchicas diversamente se infiltrara. O principal theorista do systema, tal qual finalmente veio a parecer, foi Locke, em seu *Ensino sobre o Governo Civil*.

Ora o mesmo simplismo do espirito humano, que o leva a confundir o particular e o geral na theoria, o conduz a os não distinguir na pratica. Assim, sem considerar se a solução politica ingleza não seria particularmente ingleza, e portanto inapplicavel a outros povos, em outras circumstancias de passado e de presente, os pensadores politicos europeus erigiram em dogma a constituição de Inglaterra. A formula constitucional ingleza passou a ser, para elles, uma especie de descoberta scientifica, não só universalmente verdadeira, como o são os dados da sciencia, mas também absolutamente perfeita, como o são as expressões das leis naturaes. E, como o povo inglez rapidamente se distanciou, no goso, de verdadeira liberdade e de uma vida social superior, de todos os outros povos da Europa, viram, aparentemente, a practica a confirmar a theoria. De ahí a intoxicação constitucional que haveria de produzir, numa amplidão doctrinaria exaltada, a Revolução Franceza, pela qual as doutrinas, já metaphysicas, do constitucionalismo inglez se derramaram depois por todo o mundo. A ninguém occorreu, parece, que a liberdade, em qualquer povo, é a simples expressão da sua força espontaneamente cohesiva em resistir a qualquer tyrannia, nem que a liberdade e a sumula, que é uma abstracção, mas da saúde social, da forte opinião publica directa, que estavam por traz d'essa formula e lhe davam a vida real, como a haveriam dado, no mesmo sentido, a qualquer outra.

Assim, de uma intuição central justa, embrulhada em erros e por elles suffocada, nasceu em Europa, e alastrou a todo o mundo civilizado, a superstição constitucional. Consiste ella em crer que a formula constitucional ingleza é universal, sendo pois applicavel a qualquer povo civilizado, em quaesquer circumstancias; e que é perfeita, dando que seja a verdadeira formula de traduzir para uma norma politica aquillo a que se chama a opinião publica.

Ambas as theses são demonstravelmente erroneas. A primeira a todos o deve parecer, ainda que por simples intuição. É evidente, ou deveria sel-o, que o regimen que particularmente convém a um povo representa uma adaptação ás particularidades d'esse povo, e deve ser, portanto, inadaptable em principio ás particularidades, forçosamente differentes, de outro povo qualquer. À parte esta razão, porém, ha uma outra, de mais peso. Só pode ser universalmente applicavel o que é universalmente verdadeiro, isto é, um facto scientifico. Ora em materia social não há factos scientificos. A unica coisa certa em «sciencia social» é que não há sciencia social. Desconhecemos por completo o que seja uma sociedade;

não sabemos como as sociedades se formam, nem como se mantem, nem como declinam. Não ha uma unica lei social até hoje descoberta; ha só theorias e especulações, que, por definição, não são sciencia. E onde não ha sciencia, não ha universidade. O constitucionalismo inglez, ou outra theoria social qualquer, é portanto inapplicavel á generalidade dos povos, convindo só, porventura, ao povo onde appareceu e onde, portanto, é em certo modo natural. O que resta saber porém, é se, no proprio povo inglez, o constitucionalismo inglez, dá bom resultado. Se não der, as duas theses ruem junctas, pois o que é mau onde é natural — embora viavel por ser natural — será duas vezes mau onde fôr artificial, pois ahí nem viavel será. Leva-nos isto, pois, ao exame da segunda crença da superstição constitucional — a de que o constitucionalismo inglez realmente representa a projecção politica da opinião publica.

Essa crença, vae desmentir-se por nós, e melhor que o fariamos nós, um inglez moderno, homem culto e experimentado, politico por hereditariedade e por vocação. Diz assim Lord Hugh Cecil, filho do Marquez de Salisbury, a pag. 235 e seguintes do seu livro intitulado «Conservantismo»:

«Toma-se altamente interessante e importante inquirir onde está o centro do poder que domina, em ultima analyse, a Casa dos Communs e a auctoridade illimitada que, pela Constituição, essa Casa exerce. É interessante e importante, porém não é muito facil. Pode dizer-se que o poder está no Gabinete, isto é, nos quinze ou vinte homens predominantes do partido em maioria. Mas isso nem sempre será verdade. Pode ás vezes haver discordancias no Gabinete. Qual é a força que então determina que a decisão seja dada num sentido ou noutro? Ou, ainda, apparecerá ás vezes no Gabinete uma questão para decidir, e trará já uma solução tam fortemente apoiada pelo partido, que o Gabinete se veja constringido a adoptar essa solução. Onde está o poder a que até o Gabinete tem que obedecer? A melhor resposta é que a auctoridade suprema num partido é em geral exercitada pelos mais activos e energicos dos organizadores partidarios sob o commando de um ou mais dos principaes chefes do partido. Ás vezes o chefe nominal do partido está entre estes homens; outras vezes não está. Mas elles derivam a sua força, não só da sua situação pessoal, mas de que, de um modo ou de outro, influem no que se pode chamar a Guarda Pretoriana do partido, isto é, os seus elementos mais activos e ardentes. Se isto é assim, temos graves razões de receio. A Casa dos Communs nomeia o Executivo e tem dominio absoluto sobre a legislação. O partido em maioria na Casa dos Communs domina absolutamente a Casa dos Communs. Esse partido é, por sua vez, dominado pelos seus elementos mais ardentes e energicos, sob o commando dos politicos a quem esses são mais affectos. Quer isto dizer que a suprema auctoridade do Estado está nas mãos de partidarios extremos e nas mãos dos estadistas que mais admirados são por esses partidarios extremos. É quasi impossivel conceber uma forma menos satisfactoria de governo. Isto, contudo, é que é a realidade. A apparencia é que a Casa dos Communs representa o povo. Mas, de facto, o povo nem tem a voz dominante na escolha da Casa dos Communs, nem dominio real sobre ella, uma vez escolhida. O povo tem, na practica, só a liberdade de escolher entre os candidatos

ETADE do Paiz é monarchica, metade do Paiz é republicana. São estes os factos. Não fallamos do Paiz dividindo-o em Norte e Sul, ou em qualquer outra divisão de terras. Não fallamos do Paiz dividindo-o em classes cultas e incultas, ou em qualquer outra divisão de homens. Fallamos de Portugal na simples quantidade dos seus habitantes nacionaes. Dessas se pode dizer, com verdade pragmatica, que metade é monarchica, metade republicana; que são sensivelmente eguaes, que são eguaes para todos os effectos practicos, o numero dos monarchicos e o numero dos republicanos. São estes os factos; o resto é falla politica: fica para os maiorAes que d'ella usam e para as rezes que creem nella.

Da parte monarchica, uma pequena minoria é activa e forma os partidos monarchicos que se manifestam. Da parte republicana, uma minoria maior é activa e forma os partidos republicanos que se manifestam. O resto do Paiz, seja, virtualmente, monarchico ou republicano, é apathico e indifferente quanto á manifestação, ou até quanto á consciencia, das suas tendencias. Como a minoria republicana é maior, mais activa e mais cohesiva que a minoria monarchica, existe Republica, e não Monarchia, em Portugal. Não existe Republica por nenhuma outra razão.

Esta condição politica do Paiz tem paralelo em um phenomeno que, como procede da mesma causa, que é o estado mental portuguez, pode servir de symbolo d'essa condição politica. Somos o paiz das duas orthographias. Da gente que entre nós sabe escrever, parte escreve em orthographia latina, a outra parte na orthographia do Governo Provisorio. A maioria, porém, não sabe ler nem escrever. Assim as lettras são a sombra dos factos, e lemos Mais na leitura do que esperavamos.

O facto essencial é este: Portugal é metade monarchico, metade republicano. Em Portugal presente, pois, o problema institucional é inteiramente irresoluvel. De direito, de qualquer especie de direito, não pode haver Republica, não pode haver Monarchia, em Portugal. Ha Republica pela razão já dicta, e porque tem que haver qualquer coisa. Mas essa Republica não é, nem pode ser, Republica, como a Monarchia, que a precedeu, já não era, nem podia ser, Monarchia. Estando a Nação dividida contra si mesma, como pode ella ter um regimen que defina a união que ella não tem? Repita-se, pois, para que se oiça: o problema institucional é hoje irresoluvel em Portugal.

Porque razão, porém, está a Nação assim dividida contra si mesma? A razão é facil de ver, porque o caso é d'aquelles para que pode haver uma só razão. Estamos divididos porque não temos uma idéa portugueza, um ideal nacional, um conceito missional de nós mesmos. Tivemos — para bem ou para mal, porém com certeza não só para mal — um conceito de imperio, a que nos forçaram nossos Descobrimentos. Esse conceito cahiu em Alcacer-Kibir. Nem, no longo e triste curso das trez dynastias filippinas — a dos Filippes, a dos Braganças, e a Republica —, houve mais que a minguada e passiva estirpe dos Sebastianistas litteraes que em algum modo mantivesse viva e amada a memoria da alma de Portugal.

Ora todo ideal nacional, claramente concebido ou claramente sentido, forçosamente tende para certa formula politica, para certo regimen, que lhe seja adequado, e a través do qual se exprima. Por exemplo: um imperialismo como o inglez, de dominio e expansão ethnica, está necessariamente ligado, intrinseca e extrinsecamente, á idéa monarchica. Outros ideas nacionaes, nem altos como aquelle, nem sequer seus semelhantes, podem também exprimir-se na idéa monarchica. Ideaes de typo diverso, e entre si também diversos, projectam-se naturalmente, e por diversas razões, na formula republicana. Só a ausência de um ideal nacional, pela acção negativa da mesma causa, se exprime na divisão da nação, meçada entre um regimen em que não cre e uma opposição a elle em que não confia. É esta a condição sem

proveito em que emparceiramos com a França.

Mas quando um paiz está assim organicamente dividido, metade opposta a metade, está creado o estado de Guerra Civil — de guerra civil pelo menos latente. Ora num estado de guerra, civil ou outra, é a Força Armada que assume a expressão do Poder. Assume-a, ordinariamente, em subordinação a um poder politico constituido, a um regimen. No nosso caso, porém, precisamente o que falta é um regimen. Tem pois a Força Armada que ser ella mesma o Regimen; tem que assumir por si só todo o Poder.

É esta a primeira Doctrina do Interregno, a primeira justificação da Dictadura Militar.

A LÉM de não ter vida institucional legitima, não pode Portugal, também, ter vida constitucional alguma.

A palavra «constituição» pode receber dois sentidos: (1) simples forma constituida de governo, seja esse governo embora uma monarchia absoluta; (2) forma de governo em imitação de espirito da constituição ingleza. O primeiro é o sentido abstracto, o segundo o sentido histórico, da palavra. Portugal presente não pode ter constituição, no primeiro sentido da palavra, porque como já se disse, não pode ter regimen politico, e a constituição, neste sentido, é sómente, a definição do regimen. E Portugal presente não pode, nem deve, ter constituição, no segundo sentido da palavra, pela razão mais forte ainda, porém mais complexa, que se vae expor.

Como na Europa semi-barbara — á parte certas republicas, mais ou menos do genero, porém não da especie, das cidades-estados dos antigos — não havia outro systema geral de governo senão a monarchia absoluta, é claro que não podia haver despotismo ou tyrannia senão a través d'esse systema. Ora o espirito humano, como é essencialmente confuso e porisso simplista, não distingue habitualmente o particular do geral. Assim, mais ou menos claramente se formou a idéa de que despotismo e absolutismo eram a mesma coisa. Ainda hoje ha quem confunda a significação dos dois termos. Os factos, porém olham para outro lado. Todo homem, ou grupo de homens, que manda, tende, em virtude de egoismo natural da alma humana, a abusar d'esse mando. Só não abusa se, ou quando, sente que não pode abusar, ou que perderá mais abusando do que não abusando. Mas ha só uma coisa que faz sentir ao governante que não pode abusar: é a presença sensível, quasi corporea, de uma opinião publica directa, immediata, espontanea, cohesiva, organica, que todos os povos são possuem em virtude do instincto social que os torna povos, e cuja pressão occulta os seus governantes sentem sem que essa opinião publica tenha sequer que fallar, e muito menos que delegar ou eleger quem por ella abre ou falle. Por isso disse Hume, e disse bem, que não ha verdadeiro governo, ainda o mais autocratico, que se não apoie na opinião publica.

Ora, pensando, por uma parte e por erro, que monarchia absoluta era essencialmente má, e sentido, por outra parte e com metade de razão, que a opinião publica é a essencia de toda vida governativa, foi o espirito europeu levado inevitavelmente a buscar uma formula pela qual essa opinião publica se coordenasse estruturalmente, se constituísse um órgão limitador ou substituidor do poder regio. Confusamente, incoherentemente, se esboçaram, desde a mesma Edad Media, doutrinas norteadas por este fito: umas eram derivadas do exemplo, em geral treslido, das cidades-estados dos antigos, outras surgiram espontaneamente da especulação medieval, muito mais espaçosa do que se suppõe nesta materia; e a algumas delas encorajou a Igreja, a quem convinha disseminar doutrinas antimonarchicas nas universidades, para hostilizar o poder dos reis, frequentemente em conflicto com o d'ella.

Estes phantasmas de doctrina tomaram subitamente corpo, como seria de suppor, no primeiro verdadeiro embate entre a monarchia absoluta e qualquer força que incarnasse definidamente esse impulso adverso. Deu-se o caso em Inglaterra, no conflicto, em grande parte nacional especial, entre

ciencia social é que não há sciencia social. Desconhecemos por completo o

tidarios que são submettidos á sua escolha. Os partidarios ardentes — a Guarda Pretoriana — quem escolhe os candidatos; os eleitores — somente que determinar se querem ser representados pelo nomeado dos Pretorianos Conservadores ou pelo nomeado dos Pretorianos Liberais, em casos mais raros, podem escolher um Jato, não menos disciplinado, nomeado pelo Partido Laborista. Os independentes podem por-se, e algumas vezes se propõem, á eleição. Mas as eleições, nas condições modernas, a tal ponto materia de organização e mechanismo, que é com grande desigualdade que um independente se pode bater contra os candidatos nomeados pelos partidos. O triumpho de uma candidatura independente é a coisa mais rara neste mundo. A unica verdadeira influencia que em os independentes está no desejo dos chefes partidarios de lhes obter os votos. Mas até isto tem practica um alcance limitado. Há assumptos controversos sobre os quaes os partidarios ardentes de um lado e de outro, sentem tam fortemente quasi nada se importam da opinião do publico-partidario. E, quando a Casa está eleita, a influencia da opinião publica fica similhantemente limitada. Alguma coisa se fará para obter apoio na proxima eleição geral; mas, sempre que homens do partido do governo realmente se penhem num assumpto, correrão todos os riscos para fazer vingar a sua politica. Sobretudo o não quando o assumpto, de que se tracte, involva o credito pessoal de um dos chefes da sua ffronça. O facto formidavel é que a mais alta auctoridade do nosso Imperio immenso e unico se contra alternadamente nas mãos de dois grupos de homens vehementes, intolerantes e desequilibrados».

Estas palavras teem já quinze anos, porém tem hoje como então; nada, salvo o augmento do Partido Laborista, existe de novo na situação e ellas descrevem, e esse augmento não pesa não em converter em «trez» a palavra «dois» no do texto. E estas palavras são, não só do politico experiente, por herança e vocação, que seamos ser seu auctor, mas de um homem que é e mesmo politico partidario. É um dos casos em e, contra a norma juridica, a confissão do reo n valia.

O reo, porém, não confessou tudo. Uma polemica recente e episódica, entre chefes liberaes e lezes, trouxe á attenção publica um dos pontos da vida em que ordinariamente se não repava. É o de que os fundos partidarios são secretos, secretos os nomes dos individuos que frequentemente entram com grandes sommas para os fundos dos partidos. Isto complica o assumpto e a arda Pretoriana. Quem entra com grandes sommas para um cofre partidario raras vezes o

fará por theorismo. Fal-o, em geral, com outro fito. E, visto que deu, fará por que se faça aquilo para que deu. O partido, ou a sua Guarda Pretoriana, fará, visto que recebeu, por merecer o que recebeu. Assim, nesta noite moral, se podem subtilmente esboçar, e subtilmente se infiltrar na substancia da vida politica, orientações inteiramente antinacionaes; pois, como a este proposito se observou, não sabendo ninguem quem são os magnos financiadores dos partidos, ninguem tem a certeza que não estejam ligados a elementos estrangeiros, cuja politica secretamente imponham. Nem se allegue que este estado de coisas nada tem com o constitucionalismo, propriamente dicto. O constitucionalismo envolve e motiva a existencia de partidos; estes partidos fazem uns aos outros uma guerra politica; e a guerra politica, como toda guerra, assenta em duas bases — dinheiro e segredo.

É assim, pois, que opera o constitucionalismo inglez no paiz onde é natural, e, portanto, em certo modo organico; onde é antigo, e, portanto, ainda mais natural; onde mais tem sido aperfeiçoado, e, portanto, onde deve estar mais livre de erros. E, se assim é neste paiz, como o não será nos outros, onde não é natural, nem antigo, nem, por não ser antigo, poderia ter soffrido o que propriamente se chama um aperfeiçoamento?

Nos paizes onde, como em Inglaterra, existe um ideal nacional, e, em certo grau, uma opinião publica espontanea — aquella opinião publica natural, organica, não-eleitora, de que acima fallámos —, os maleficios essenciaes do constitucionalismo são diminuidos. São, porém, diminuidos por elementos externos, e não internos, a elle. A pressão de um ideal nacional, se é forte e constante, faz-se sentir no proprio Parlamento, nos proprios partidos, pois estes existem a dentro da nação; a pressão de uma opinião publica espontanea, se é forte, do mesmo modo que a sentiam os reis absolutos, assim a sentem tambem o Parlamento e os partidos, que recuam, com faziam os reis, ante os seus impulsos mais evidentes. Parece, por isto, que, se o Parlamento e os partidos podem ser, como o eram os reis, sensiveis ás manifestações directas da opinião publica, tanto faz que haja reis como Parlamento e partidos; parece que basta que haja ideal nacional, e que haja opinião publica verdadeira, pois estes se farão sentir ao Parlamento e aos partidos, e assim os compellirão ao recto caminho. Infelizmente, a analogia é erronea. O rei absoluto podia (com grave risco proprio) contrariar o ideal da Nação. O rei absoluto podia (com certo risco proprio) contrariar a opinião do seu povo. Mas o rei absoluto não podia sophismar ou perverter esse ideal ou essa opinião, pois não tinha contacto interno com a opinião publica, que não representava e de

quem não dependia; e o ideal nacional, emquanto activo, não se manifesta senão como uma parte da opinião publica. Os partidos, porém, como teem um ideal politico distincto do ideal nacional (sem o que não seriam partidos), ora sobrepoem aquelle a este, ora o infiltram neste, assim o pervertendo. Os partidos, ainda, como teem que ter a apparencia de se basear na opinião publica, buscam «oriental-a» no sentido que desejam, e assim a pervertem; e para sua propria segurança, buscam servir-se d'ella, em vez de a servir a ella, e assim a sophismam.

Em Portugal, porém, não ha (como se disse) ideal nacional, nem ha (como se dirá) opinião publica. Recebemos, assim, em sua plenitude os maleficios do constitucionalismo. Somos nós os perfeitos constitucionaes. Os problemas nacionaes suscitados pela presença do constitucionalismo, se são graves em qualquer outro paiz, são, pois, entre nós gravissimos. Temos que dar-lhes uma solução qualquer, peermanente ou provisoria, mas certamente immediata.

Ora como, segundo se viu na transcrição acima feita, o mal do constitucionalismo está na sua essencia, visto que é radicalmente nocivo até onde é natural, não ha outro remedio para elle, onde nem seja natural, senão a sua simples eliminação. Mas, se o eliminarmos, o que poremos em seu lugar? Por que norma governativa o substituiremos? Onde houvesse um regimen, ou a possibilidade immediata de um regimen, tentariamos extrair da substancia d'esse regimen uma norma governativa propria e especial. Mas onde como em Portugal presente, não ha regimen, nem possibilidade immediata de o haver, a unica solução é, eliminando o constitucionalismo, o não substituir por coisa nenhuma, parecida ou differente d'elle. Em outras palavras, ha que crear, que estabelecer como coisa definida, o Estado de Transição.

Sendo o Estado de Transição, em materia nacional, a condição de um paiz em que estão suspensas, por uma necessidade ou compulsão temporaria, todas as actividades superiores da Nação como conjuncto e elemento historico, o certo é que não está suspensa a propria Nação, que tem que continua a viver e, dentro dos limites que esse estado lhe impõem, a orientar-se o melhor que pode. Os governantes de um paiz, em um periodo d'estes teem pois que limitar a sua acção ao minimo, ao indispensavel. Ora o minimo, o indispensavel, social é a ordem publica, sem a qual as mais simples actividades sociaes, individuais ou collectivas, nem sequer podem existir. Os governantes naturalmente indicados para um Estado de Transição são, pois, aquellos cuja função social seja particularmente a mahutenção da ordem. Se uma nação fôsse uma aldeia, bastaria a policia; como é uma nação, tem que ser a Força Armada inteira.

É esta a segunda Doctrina do Interregno, a segunda justificação da Dictadura Militar.

A LÉM de Portugal presente não poder ter vida institucional, nem vida constitucional, não pode elle, ainda, ter vida de opinião publica. Assim lhe falta também o que é, não só o fundamento interno de todo governo, mas, por uma fatalidade historica, o fundamento externo de todo governo de hoje.

Ha só trez bases de governo — a força, a auctoridade, e a opinião. Qualquer forma de governo tem que participar, para ser governo, de todas ellas: sem força não se pode governar, sem opinião não se pode durar, sem auctoridade não se pode obter opinião. Embora, porém, qualquer governo de todas participe, uma d'ellas haverá em que mais particularmente, em que distinctivamente, se apoie.

O governo tipicamente de força existe só nas sociedades barbaras ou semi-barbaras; regressa atypicamente nos episódios dictatoriaes das sociedades civilizadas. E' o governo em que se exprimem aquellas civilizações em formação, em que ainda o estado de guerra é a condição normal e constante; por isso caracteriza tambem aquellos periodos das civilizações formadas, em que o estado de guerra, civil ou outra, resurge. Ao governo de força succede, na linha de passagem das coisas, o de auctoridade: a auctoridade é a força consolidada, translata, a força tornada abstracta, por assim dizer. A estabilização dos governos de força os converte, passado tempo em regimes de auctoridade.

Mas a auctoridade não dura sempre, porque nada dura sempre neste mundo. Sendo a auctoridade um prestigio illogico, tempo vem em que, degenerando ella como tudo, a inevitavel critica humana não vê nella mais do que o illgismo, visto que o prestigio se perdeu. Assim, no decurso das civilizações, se chega a uma ponto em que — à parte os recursos incharacteristicos á força — se tem que estabelecer, ou buscar estabelecer, um systema de governo fundado na opinião, pois não resta outro fundamento para a existencia de um governo.

Europa, e nós com ella, seguiu este curso fatal. A todos nos confronta um problema politico: extrahir da opinião um systema de governo. Não temos outro recurso. Não podemos recorrer á força, porque a força, numa sociedade formada, não é mais que um travão, applicavel só nos perigos e nas descidas; se a quizermos systematizr, pagaremos o preço por que são penhoradas as sociedades em que se pretende coordenar o occasional, isto é, realizar uma contradicção. Nem podemos recorrer á auctoridade, porque a auctoridade é increavel e indecretavel, e a tradição, que é a sua essencia, tem por substancia a continuidade, que, uma vez quebrada, se não reata mais. Temos pois que encarar, por necessidade historica, o problema de extrahir da opinião um sistema de governo. Se é este o problema, não cuidemos que é outro.

Para nos nortearmos neste fito, temos, primeiro, que ver em que consiste a opinião. É o que nunca fizeram nem os defensores nem os criticos dos systemas que assentam nella.

Qualquer opinião é de uma de trez especies, conforme assente no instincto (ou na intuição), no hábito, ou na intelligencia. Por instincto se entende aquelle phenomeno psychico, inegavel porém difficil de explicar, pelo qual, nos animaes chamados inferiores, a vida se conduz certa sem mostras de «intelligencia», ou, até, condições anatomo-physiologicas para a existencia d'ella. Nos animaes chamados superiores os instinctos subsistem, mas são nelles perturbados pelo habito e pela intelligencia, que a elles, instinctos, são diversamente antagonicos. Nestes animaes superiores, e notavelmente em o homem, apparece, ainda, uma forma superior do instincto, a que chamamos intuição; d'ella procedem os phenomenos, extranhos porém reaes, a que por commodidade se chamam supernormaes — os palpites, a inspiração, o espirito prophetic. A intuição, operando como o instincto, porque é instincto, usurpa, e muitas vezes supera, as operações da intelligencia. Os phenomenos do instincto e da intuição teem preocupado, mais que quaesquer outros, a sciencia psychologica moderna; assentou ella já na certeza de que o campo do que chamou subconsciente é vastamente maior que o da razão, e que o homem, verdadeiramente definido, é um animal irracional. Só por orgulho ou preconceito se pode não ver que a intelligencia é — como Huxley abusivamente supunha que a simples consciencia era — o que chamou um epiphenomeno. Isto é, a intelligencia não faz mais que espelhar, esclarecendo-os para nós e, pela palavra, para outrem, os instinctos obscuros, as sollicitações intuitivas, do nosso temperamento.

Por habito entende-se aquella disposição da indole que é, em sua origem, e em contrario do instincto, extranha ao individuo, sendo derivada de um ambiente qualquer. Os preconceitos, as crenças, as tradições — tudo quanto, não procedendo da intelligencia, também não procede do instincto — se derivam do habito. E muitas vezes difficil distinguir uma opinião vinda do instincto de uma opinião vinda do habito, porisso que o habito é um instincto imposto, ou artificial — uma «segunda natureza», como com razão se lhe chamou.

As manifestações d'estas quatro ordens de opinião differencam-se entre si da seguinte maneira. O instincto simples é instantaneo e synthetico, é individual, e tem por objecto só coisas concretas; é centripeto, ou egoista, pois o será forçosamente o que fôr ao mesmo tempo individual e concretizante. O instincto superior, ou intuição, differe do instincto simples em que pode ter por objecto o abstracto e o indefinido, e em que, na proporção em que o tiver, deixará



P A R A Í S O S

1928

«...É com grande desigualdade que um independente se pode bater contra os candidatos nomeados pelos partidos. O triunfo de uma candidatura independente é a coisa mais rara deste mundo...»

Conclusão da página 5

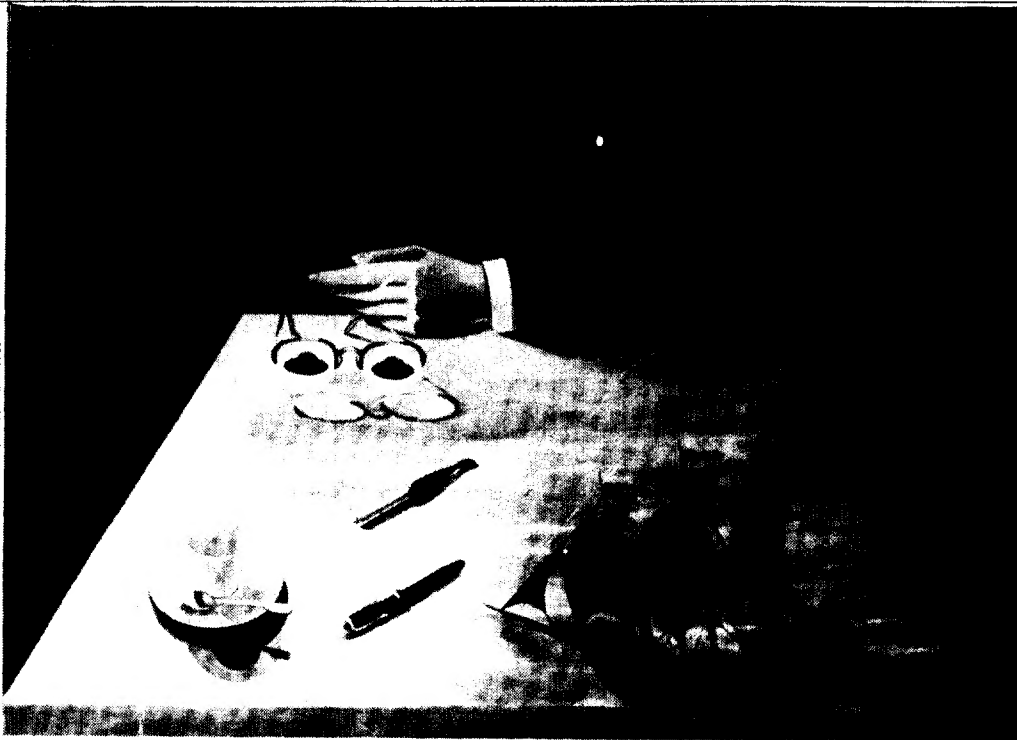
de ser centripeto ou egoísta. O hábito é igual ao instinto simples, salvo em não ser individual; como esse, porém, tem por objecto o concreto e o definido. A inteligência é analytica, é individual, e tem por objecto o abstracto. Em toda opinião entra uma parte de cada um d'estes elementos, pois na vida é tudo fluido, misturado, incerto, mau de analisar, summariamente e impossível de analisar até o fim.

Passando agora de considerar a simples opinião, para attender ao que nos interessa, que é a opinião collectiva ou «publica», desde logo vemos que ella tem que assentar ou no hábito ou na chamada intuição. No instinto simples não pode assentar, porque elle é só individual — da vida, que não da sociedade. Na intelligencia não pode tambm fundar-se, porque a intelligencia, por ser a expressão do temperamento, é por isso mesmo, a expressão de instinctos, de hábitos e de intuições, excusando nós pois de attender a ella, quando devemos ettender áquilo de que é espelho. O conceito vulgar de democracia, o que pretende basear a opinião publica na somma das opiniões individuais fornecidas pelas intelligencias; o que suppõe que uma sociedade numericamente mais culta (que não só mais culta em seus representantes superiores) se orienta e governa melhor que uma sociedade quantitativamente menos culta — este conceito é forçosamente erroneo. Acresce que, como não ha sciencia social, não pode haver cultura sociologica. Se a houvesse, como haveria, sobre os pontos mais simples e essenciaes da vida social, divergencia de opiniões entre homens da maior cultura. Em que é que a cultura em geral e a cultura sociologica em particular, orientam socialmente, se o prof. A., da Universidade de X, é conservador, o prof. B da Universidade de Y, é liberal, e o prof. C., da Universidade Z, é comunista? De que lhes serve a cultura se entre si divergem num congresso do mesmo modo que trez operarios numa taberna? Longe de, como se disse, a «democracia sem luzes» ser «um flagello», é a democracia com luzes que o é. Quanto maior é o grau de cultura geral de uma sociedade, menos ella se sabe orientar, pois a cultura necessariamente, se quer servir da intelligencia para fundar opiniões, e não ha «opinião que se finde na intelligencia. Assenta ou funda-se no instinto, no hábito na intuição, e a intromissão abusiva da intelligencia, não alterando isso, apenas o perturba. A democracia moderna é a systematização da anarquia.

Succede, ainda, quanto á intelligencia, que ella, como é analytica, é desintegrante; como é abstracta, e por isso fria, é incommunicativa; e como é a expressão de um temperamento, e o temperamento é individual, separa os homens em vez de os approximar. O hábito, ao contrario, «pega-se»; sobretudo se «pega» um hábito social. A intuição, também, transmite-se — transmite-se por uma emissão indefinível, um «fluido», como já se lhe chamou, havendo quem creia, talvez com razão, que esse fluido é não só real, mas material. É só no hábito, pois, ou na intuição, que a opinião publica se pode fundamentar. E é num e noutra que, e facto, se fundamenta.

No hábito se baseia aquella opinião publica a que, com razão no termo, chamamos conservadora. A razão de se ser conservador é a mesma de se não poder deixar de fumar. Ha, porém, uma differença, que em certo modo justifica o receio do novo que constitue a essencia do conservantismo. Quem deixa de fumar, e se dá mal com fazel-o, pode tornar a fumar. Mas um hábito social, isto é, uma tradição, uma vez quebrado, nunca mais se reata, porque é na continuidade que está a substancia da tradição. Além do que não sabendo ninguem o que é a sociedade, nem quaes são as leis naturaes por que se rege, ninguem sabe se qualquer mudança não irá infringir essas leis. Em equal receio se fundamentam as superstições, que só os tolos não tem — no receio de infringir leis que desconhecemos, e que, como as não conhecemos, não sabemos se não operarão por vias aparentemente absurdas. A tradição é uma superstição.

É a opinião de hábito que mantém e defende as sociedades; equivale á força que, no organismo physico, resiste á desintegração. A opinião de



«A mesa de café do poeta Fernando Pessoa (com alguns objectos seus e coisas da sua memória)». Costa Pinheiro, 1978/1979

hábito obra sempre d'este modo restrictivo; umas vezes é util porque entrava a decadencia, outras é nociva, porque entrava o progresso. Sem a opinião de hábito não existiriam nações; uma nação, aliás, não é senão um hábito. Mas só com a opinião de hábito não existiriam nações progressivas; nem, até, existiriam nações, pois se não teria progredido até a fundação d'ellas. A mais antiga tradição de qualquer paiz é elle não existir.

Na intuição — que, em contrario do simples instinto, vê, como a intelligencia, o futuro, que não só o passado — se funda aquella opinião com que se promove o progresso das sociedades, mas, se a do hábito a não equilibrar, tambem a desintegração d'ellas. Toda formula social nova é elaborada e imposta pela intuição, se bem que a sobreposição da intelligencia lhe perturbe e corrompa a expressão. Por exclusão de partes se vê que é elaborada e imposta pela intuição. O instinto nada tem com ella. O hábito oppõe-se-lhe. A intelligencia, por si só, nem tem sciencia social em que se funde para a suppôr boa ou viavel, nem experiencia social (visto que ella é nova) em que para tal se funde. Só a intuição — a fé, se se quizer — pode crer na virtude e na viabilidade do que ainda se não experimentou. Por isso, com razão se pode dizer que toda opinião anticonservadora é um phenomeno religioso; que todo partido anticonservador é uma aggregração mystica.

Toda vida consiste no equilibrio de duas forças, a de integração e a de desintegração — o anabolismo e o katabolismo dos physiologistas. A só integração não é vida, a só desintegração é morte. As duas forças assim oppositas vivem em perpetua lucta, e é essa perpetua lucta que produz o que chamamos vida. A guerra, disse Heraclito, é a mãe de todas as coisas. Mas, para que a vida subsista, é necessario que as duas forças oppositas sejam de intensidade practicamente equal; que se opponham, que se combatam, porém que nenhuma d'ellas sobreleve á outra. A vida é a unica batalha em que a victoria consiste em não haver nenhuma. É isso o equilibrio; e a vida é uma media entre a força que a não quer deixar viver e a força que a quer matar — a diagonal de um parallelogrammo de forças, differente das duas e por ellas composta. Se assim é na vida individual, assim será na vida social, que é tambem vida. Consiste a vida social no equilibrio de duas forças oppositas, que já vimos quaes eram. Tem as duas forças que existir, para que haja equilibrio, e, embora haja equilibrio, que ser oppositas. Um paiz unanime numa opinião de hábito não seria paiz — seria gado. Um paiz concorde numa opinião de intuição não seria paiz — seria sombras. O progresso consiste numa media entre o que a opinião de hábito deseja e o que a opinião de intuição sonha. Figurou Camões, nos *Lusíadas*, em o Velho do Restello a opinião de hábito, em o Gama a opinião de intuição. Mas o Imperio Portuguez nem foi a ausencia do imperio que o

primeiro desejara, nem a plenitude de imperio que o segundo sonharia. Porisso, por mal ou por bem, o Imperio Portuguez pôde ser.

O equilibrio das forças vitais não procede, porém, só da sua equal intensidade, senão tambem da sua equal direcção, em que, em certo modo, essa igual intensidade se unda. As duas forças tem de commum o serem a mesma força, que é o organismo em que vivem, e que diversamente servem de manter. Todo logico sabe que, para haver contraste entre duas idéas, tem que haver identidade no fundamento d'ellas. Em melhores palavras — para que duas especies entre si se opponham, tem que ser especies do mesmo genero. Pode oppor-se o preto ao branco, porque ambos são cores. Não pode oppor-se o preto a um triangulo, porque um é especie do genero cor, e o outro é especie do genero forma. Assim, para que nas forças vitais se possa dar opposição com equilibrio, é mister que, no fundo, pertençam ao mesmo genero, o que, em materia de forças, quer dizer que tendam para o mesmo fim. Esse fim, visto que existem no mesmo organismo, e tem, por assim dizer, uma identidade de localização, é a vida d'esse organismo. Se a força de integração, que é por natureza centripeta, se localizar em certos pontos ou órgãos, soffrerá o organismo dissolução ou desvitalização, pois os pontos livres ficarão entregues a uma desintegração completa. Se a força de desintegração, que por natureza é centrifuga, exceder o seu limite organico, ficará o organismo occupado pela força opposta, e do mesmo modo soffrerá a morte ou a desvitalização. Como no individual, assim no social. Se a opinião de hábito tiver, em vez de um fital nacional, um intuito menos que nacional — provincia, classe, familia, — involverá em ruina a sociedade, porque a deixará livre á opinião de intuição, que estabelecerá o chaos em todos os outros elementos sociaes. Se a opinião de intuição tiver um intuito mais que nacional — humanidade, civilização, progresso, — do mesmo modo arruinará a sociedade, pois a deixará livre á opinião de hábito, que se apoderará de todos os seus outros elementos.

No fundo, como se tracta de um systema de forças, a uma acção corresponde sempre uma equal reacção. A uma acção excessiva corresponderá pois uma reacção igualmente excessiva, e, como um pendulo que oscille demasiadamente, o systema acabará por parar. Temos exemplos dos dois casos nos estados, parallelos porém inversos, da vida portugueza sob os Braganças, e da vida presente da Russia. Nesse nosso periodo, vivemos concentrados na tradição em nossa vida familiar, provincial e religiosa; succedeu que nos desnacionalizámos completamente na nossa administração, na nossa politica e na nossa cultura. No periodo presente da Russia, tendo a opinião de intuição excedido por inteiro a nação em favor de uma entidade socialmente mythica chamada humanidade, a opinião de hábito estabeleceu

uma reacção igualmente forte, recuou para traz da familia, da provincia, da religião tradicional, fixou-se no ultimo elemento social, o individuo, que, como tal, é um animal sómente. Assim, em virtude da reacção excessiva que provoca, toda doutrina social extrema produz resultados diametralmente oppostos aos que pretende produzir. O tradicionalismo organico produz estrangeiros; o progressivismo organico produz, animaes. É na communidade do conceito de nação que está a base para a lucta proficua, porque para o intimo equilibrio, entre as forças sociaes oppositas. No caso notavel do inicio dos nossos Descobrimentos, a opinião de hábito se oppunha á novidade d'elles, a de intuição a promovia; porém uma e outra não pensavam fóra do ideal de grandeza patria, ou seja, no fundo, do ideal de imperio. Assim pôde o Imperio Portuguez, quando, por mal ou por bem, veio a ser; ser informado por toda a alma de Portugal.

Já acima esboçámos, em simples exemplo ocasional, qual seja a situação presente de Portugal quanto á sua opinião publica. Concentrados, dos Filippes ao liberalismo, numa estreita tradição familiar, provincial e religiosa; animalizados, nas classes medias, pela educação fradesca, e, nas classes baixas, bestializados pelo analfabetismo que distingue as nações catholicas, onde não é mister conhecer a Biblia para se ser christão; desinvolvementes, nas classes superiores, onde principalmente se forma a opinião de intuição, a violenta reacção correspondente a esta acção violenta. Desnacionalizámos a nossa politica, desnacionalizámos a nossa administração, desnacionalizámos a nossa cultura. A desnacionalização explodiu no constitucionalismo, dádica que, em reacção, recebemos da Igreja Catholica. Com o constitucionalismo deu-se a desnacionalização quasi total das esferas superiores da Nação. Produziu-se a reacção contraria, e, do mesmo modo que na Russia de hoje, se bem que em menor grau, a opinião de hábito recuou para além da provincia, para além da religião, em muitos casos para além da familia. surgiu a contra-reacção: veio a Republica e, com ella, o estrangeiramento completo. Tornou a haver o movimento contrario; estamos hoje sem vida provincial definida, com a religião convertida em superstição e em moda, com a familia em plena dissolução. Se dermos mais um passo neste jogo de acções e reacções, estaremos no communismo e em comer raizes — aliás o terminus natural d'esse systema humanitario. É este o estado presente dos dois elementos componentes da opinião publica portugueza.

Ora num paiz em que isto se dá, e em que todos sentem que se dá, num paiz onde, sobre não poder haver regimen legitimo, nem constituição de qualquer especie, não pode, ainda, haver opinião publica em que elles se fundem ou com que se regulem, nesse paiz todos os individuos, e todas as correntes de consenso, appellam instinctivamente ou para a fraude ou para a força, pois, onde não pode haver lei, tem a fraude, que é a substituição da lei, ou a força, que é a abolição d'ella, necessariamente que imperar. Nenhum partido assume o poder com o que se lhe reconheça como direito. Toda situação governante em Portugal, depois da queda da monarchia absoluta, é substancialmente uma fraude. A fraude, pune-a a lei; porém quando a fraude se apodera da lei, tem que punil-a a simples força, que é o fundamento da lei, porque é o fundamento do seu cumprimento. Nisto se funda o instinto que promove as nossas constantes revoluções. Tem-nos ellas tornado despreziveis perante a civilização, porque a civilização é uma besta. Nossas revoluções são, contudo, e em certo modo, um bom symptoma. São o symptoma de que temos consciencia da fraude como fraude; e o principio da verdade está no conhecimento do erro. Se, porém rejeitando a fraude como fundamento de qualquer coisa, temos que appellar para a força para governar o paiz, a solução está em appellar clara e definitivamente para a força, em appellar para aquella força que possa ser consentanea com a tradição e a consecução da vida social. Temos que appellar para uma força que possua um caracter social, tradicional, e que porisso não seja ocasional e desintegrante. Ha só uma força com esse caracter: é a Força Armada.

É esta a terceira Doctrina do Interregno, a terceira e ultima justificação da Dictadura Militar.

S O C I E D A D E

China das portas estreitas

A abertura ao turismo tem só dez anos de idade

Patrick Francès

ENTREABERTAS em 1964, entre outras coisas com o estabelecimento de relações diplomáticas com a França, as portas da China turística fecharam-se de novo brutalmente na altura da revolução cultural. A reabertura das fronteiras, em 1974, anunciava o reino dos pioneiros — tais como Daro, Kvoní, Wagons-Lits ou Jet Tours — que se baíam para obter vistos, e dos privilegiados que conseguiam obtê-los.

A tendência era, a pouco e pouco, para se inverter, e, em 1981, a China concedia quinze mil vistos à França, que não chegava a utilizar metade. A hora era de estagnação e até de regressão da procura. É certo que a China continuava a ser um dos produtos turísticos mais caros do Mundo, uma média de 15 000 francos por pessoa.

Tem de se reconhecer que, neste ponto, a situação não evoluiu, e que uma tal viagem custa entre 17 000 e 30 000 francos. Por um lado, porque o transporte aéreo representa uns 40% do preço da viagem; por outro porque os preços chineses não são negociáveis, o que não favorece, em França, o jogo que uma concorrência que se refere essencialmente às prestações pré e pós-China, a qualidade do acompanhante e da hospedagem (garantir, como Kuoni, hotéis de luxo em Pequim, Nanquim, Xangai e Cantão, é um aumento que se paga) e, claro está, a notoriedade da marca (um elemento não negligenciável, quando se vai a um país onde a deslocação de um rufo, um itinerário e o respeito por um programa, ainda são fontes de múltiplos quebra-cabeças. «Jogamos muitas vezes», confia-nos um especialista evocando os problemas com os quais são confrontados, principalmente na boa estação, os organizados

res de viagens na China.

Firmemente decididos a prosseguir a sua política de abertura para o exterior, os dirigentes chineses, que, em 1983 receberam 875 211 visitantes estrangeiros, isto é, um aumento de mais de 14% em relação a 1982, pretendem acelerar o desenvolvimento de um sector que, embora, é certo, contribua para o «reforço e a compreensão mútua e da amizade entre os povos», também lhes aparece hoje como «uma importante empresa económica»: 840 milhões de dólares de divisas em 1982, de fonte chinesa.

Daí uma série de iniciativas, tais como a adesão, em Outubro de 1983, à Organização Mundial do Turismo, a participação no recente Salão Mundial do Turismo de Paris, a abertura de cinco escritórios no estrangeiro (Paris, Francoforte, Londres, Nova Iorque e Tóquio) e a possibilidade de os visitantes estrangeiros visitarem cento e quarenta e seis cidades ou regiões do país, excepção do Tibete, ainda não aberto oficialmente, mas que o será decerto num futuro próximo.

Daí também a decisão de encorajar o turismo individual (mas sempre organizado), cujo objectivo era fazer com que no ano 2000 o seu número de visitantes fosse de 30 a 40% do total. Assim, a agência do turismo internacional da China (a Luxinghe) declara-se disposta a organizar viagens individuais ou familiares a nove cidades do país.

Daí, enfim, o desejo de desenvolver o turismo de congressos e, principalmente, os esforços feitos no domínio da hospedagem (15 novos hotéis em 1983, isto é, 12 300 camas suplementares o que leva o potencial actual a 318 hotéis e 123 890 camas), esforços que, segundo os especialistas deviam solucionar o caso em Pequim (onde também foi aberto



o hotel sino-americano da Grande Muralha com mil quartos), e também em Nanquim, Xangai e Cantão. Sem esquecer a possibilidade de reservar agora, directamente, quarto em oito hotéis do país.

Recém-chegados no mercado mundial do turismo, os chineses devem, é certo, aprender a aplicar um certo número de receitas, a «vender», enfim, o seu país. Uma atitude que, apesar de uma boa vontade tão evidente como tocante («queremos ser alunos aplicados») e num universo fechado, hierarquizado e pesadamente burocrático (para não dizer nada do sistema ideológico), não caminha por si só, mesmo que o exemplo da Índia e dos seus 60 000 visitantes franceses, constitui, para o gigante chinês, um forte desafio.

Convicta de que, para ela, a salvação passa pela abertura sob todas as formas, a China lança-se, com resolução, na formação de guias intérpretes, cria escolas de turismo de onde sairá o pessoal especializado exigido pelo sector hoteleiro, edita postais e desdobráveis em inglês, japonês (que, juntamente com os Estados Unidos é o seu melhor mercado), francês e alemão, e joga na carta da diversificação das

actividades propostas aos visitantes.

No plano da promoção, multiplica as manifestações destinadas a apresentar o seu potencial turístico, convida jornalistas estrangeiros, envia delegações aos quatro cantos do mundo, organiza exposições e convida mesmo para work shops agentes de viagem que têm agora reduções quando fazem viagens de estudo à China... na estação mais fraca.

«Mais um pequeno esforço», parecem dizer os técnicos de viagem franceses que consideram muito insuficientes as reduções actualmente concedidas aos grupos, justamente para tornar mais atractiva uma estação fraca (de Dezembro a Março) um pouco abandonada, quando, muitas vezes os hotéis estão cheios nos meses de Verão. Talvez resida aí a solução que permita oferecer à China a um maior número de pessoas graças a estadias mais curtas (uns dez dias), mas muito menos dispendiosas.

Entretanto, o desenvolvimento do turismo na China parece-se mais com uma longa marcha do que com um salto em frente.

Um país sempre mágico mas um turismo ainda limitado.

Mensagens pessoais

Dois carros

Austin 1100 e Citroën Ami Super 8, ambos c/ auto rádio em excelente estado geral, 100c e 180c respectivamente.

(Luís Garcez) Tel. 321154/5 — (depois das 20 h) 2113361

Troco selos

Lívio Prudêncio Jorge Chões — Alcanena

Discos LP

Vendo. Usados, em bom estado. De 250\$00 a 400\$00. Ramones, Classix Nouveaux, Martha and Muffins, Roxy Music, B 52's, Klaus Schulze, Joy Division, Heróis do Mar, Echo and Bunnymen, New Music, Dire Straits, Siouxsie and Banshees, The Beat, Plasmatics, Blondie, etc. António Rocha. Tel. 809797, Ext. 402. Horas de expediente.

«Língua chinesa»

A magia da escrita, as subtilidades da língua, o espírito, a matéria da mais antiga civilização do mundo. Por professora licenciada pela Universidade de Xangai. Informações pelo telefone 841447.

Coleccionadores

Vendo colecção de copos gravados — 250 diferentes; alguns raros e, nacionais e estrangeiros (marcas e estabelecimentos). Tel. 9240712 — A.M. Araújo R. Alexandre Herculano, 10 2735 Cacém.

Terreno — Barreiro

215 m2. Planta aprovada. T4. 700 contos. Urbanização Alto da Paiva. Informa-se no lote 54 T. 2072357.

Andar — 200 contos de entrada

3 assoalhadas — Vila Chã — Barreiro. Trata R. Afonso Albuquerque 91. Quinta da Lomba. Barreiro.

Barreiro

Andar, 2 assoalhadas, 1700 contos, 150 contos de entrada. T. 2070714.

Troco andar

Perito de S. João do Estoril c/ 4/5 assoalhadas, salão c/ 30 m2. 2 casas de banho com bancada em mármore, hall rebaixado a madeira, sem uso, por 2/3 assoalhadas, entre Carcavelos e S. João. Diferença de preço a combinar. Resposta ao tel. 2689649

Gravador de cassetes

Stereo cassette Deck Aurex (Toshiba) com as seguintes características: 2 motor IC Logic Control, Timer, Sistema Dolby NR, podendo tocar com cassetes de metal, dióxido de cromo, normal, tendo ainda ligações para microfone, headphones e remote control. Vendo por 18 000\$00 contactar: António telefone 701506 (depois das 20h00).

Montagem de antenas

TV cor — preto e branco VHF/UHF. Orçamentos acessíveis. Tel. 672192 (contactar de tarde).

Regulamento:

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o Diário de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA



Não é indiscreto perguntar quem são os leitores do Sete Ponto Sete

Pelo contrário, é natural que você procure saber quem eles são. Pois bem: os leitores do Sete Ponto Sete têm entre 15 e 24 anos, mas sobretudo têm entre 25 e 34 anos. São sobretudo universitários, jovens quadros e, de uma forma geral, têm da cultura a ideia de que ela não se destina unicamente a preencher tempos livres — embora habitualmente preencham os seus tempos livres com actividades cultu-

rais. Muitos deles têm uma posição política, mas ela não os obriga a uma «regra de vida», a um modelo de consumo ou a uma «visão do Mundo» determinada. Para eles, o Sete Ponto Sete tornou-se a leitura habitual das segundas-feiras. Quem escreve no Sete Ponto Sete sabe que se dirige a um público com estas características. Se você pensa anunciar no Sete Ponto Sete, mais lhe vale saber quem o lê.

doces crónicas

"SOBE TUDO! SOBE TUDO! QUE RAIO DE CUSTO DE VIDA!"



QUEIXAVA-SE O MARQUES PARA OS COLEGAS DO LADO, LÁ NA MERCEARIA DA ESQUINA!



"SÃO AS BATATAS, A CARNE, O PEIXE E POR AÍ FORA!" - CONTINUAVA PRAQUEJANDO!



O PIRES QUE ANDAVA SEMPRE POR AÍ!



DESDE QUE FICARA DEFICIENTE DA PERNA ESQUERDA!



LEVANTOU A BENGALA E DISSE: "ISTO ESTÁ CADA VEZ MAIS NA MESMA!"



EXPRESSÃO SÁBIA COM QUE PRETENDIA EXPLICAR TUDO!

O ANSELMO SEMPRE OPORTUNO, CONCLUÍA: "MAS OS GOVERNANTES ATÉ SÃO Nossos AMIGOS" - E CONTINUAVA COM VOZ EMPOLGADA!



"QUE QUEREM MAIS? É QUE ELES OLHAM PARA NÓS, O ZÉ POVINHO, E COMO FICAM CHEIOS DE PENA DAS NOSSAS CONDIÇÕES DE VIDA, PENSAM; ESPEREM AÍ QUE A GENTE FA VOS DÁ O ARROZ!"



"Greenpeace" quer a Antártida sob controlo

A Organização Internacional de Defesa Ecológica «Greenpeace» propôs em Hamburgo a instituição de um «Dia Mundial da Antártida».

Durante um colóquio sobre o continente gelado, no qual participaram também destacados cientistas, os representantes de «Greenpeace» defenderam a conservação da Antártida como zona de paz.

Segundo «Greenpeace», é hora de colocar esse continente, nacional para impedir a sua militarização e a destruição do seu sistema ecológico.

A Organização Internacional teme que o eco-sistema antártico, integrado por algumas espécies animais e vegetais altamente sensíveis, seja destruído pela exploração sistemática das riquezas do subsolo: petróleo, carvão e minérios de ferro e cobre e níquel, entre outras.

No colóquio de Hamburgo, a «Greenpeace» exigiu a suspensão de todas as actividades destinadas à exploração das matérias-primas do continente e da pesca do «Krill» (pequenos

crustáceos que abundam naquelas águas) e a proibição de caçar focas e baleias.

Ao mesmo tempo, pediu que seja dado carácter definitivo ao tratado antártico, vigente de 1961 e que tem uma validade de 30 anos.

O tratado antártico foi assinado em Washington, em Dezembro de 1959, por 12 países: Argentina, Austrália, Bélgica, Chile, França, Grã-Bretanha, Japão, Noruega, Nova Zelândia, África do Sul, União Soviética e Estados Unidos e a ele aderiram, posteriormente, a Dinamarca, Alemanha Federal e Polónia.

No colóquio participaram também cientistas, entre eles representantes do Instituto Alfredo Wegener, de Bremerhaven, Centro das Investigações Polares da Alemanha Federal.

Os investigadores, face à tese dos ecologistas, defenderam a exploração «cuidadosa» dos recursos tanto vivos como minerais do continente, em benefício das gerações futuras e em previsão da escassez mundial de certas matérias-primas.

SITU:

muito arrojado

A quarta edição da Semana Internacional de Teatro Universitário (SITU) é a «mais arrojada de todas devido às grandes dificuldades financeiras» — revelou em Coimbra a organização.

Em conferência de Imprensa, Augusto Barros afirmou que os subsídios escassos e outros prometidos mas que não chegaram a tempo têm criado problemas à organização do festival, o qual correu sérios riscos de não se realizar.

A organização, da responsabilidade do Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, (TEUC), para fazer face aos encargos com as cerca de 250 pessoas e grupos estrangeiros, recorreu — segundo revelou — a empréstimos de particulares que, no entanto, «não resolvem tudo».

Augusto Barros, do TEUC, afirmou que «as entidades responsáveis pela cultura nesta cidade e no País não merecem o festival de Teatro, considerado o mais importante da Europa no âmbito do Teatro Universitário».

Acrescentou que o quarto SITU vai custar cerca de cinco mil contos e, neste momento, a organização luta com problemas para arranjar cerca de mil contos necessários para cobrir algumas despesas pendentes.

No plano cultural, este certame, que vai reunir em Coimbra de 3 a 13 de Maio 250 pessoas repartidas por 17 grupos de teatro nacionais e internacionais, vai proporcionar um confronto entre as escolas superiores de Teatro e os grupos autónomos, salientou Augusto Barros.

«Vamos ter oportunidade de voltar a apreciar o teatro alemão e polaco, que são dos mais fortes do mundo» — acrescentou.

O Teatro Universitário português «está representado como nunca», participando sete grupos, designadamente o TEUC, o Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra (CI-TAC), o Teatro Universitário do Porto (TUC), o Grupo de Teatro da ESBAL, o Cénico de Direito, o Grupo Experimental da Universidade de Aveiro e o Grupo de Teatro do Instituto Superior de Contabilidade, Trabalho e Empresa.

«A estreia de quatro peças assegura também uma participação nacional como nunca tinha acontecido até aqui», considerou Augusto Barros.

Quanto aos grupos estrangeiros, ressaltou a quarta presença consecutiva do grupo checoslovaco da Academia de Artes Dramáticas de Praga (DISK) e do Scena Plastyczna, da Polónia, um grupo muito conceituado no Teatro Universitário.

O quinteto de Maria João assinalará a abertura da quarta SITU e o violinista Carlos Zíngaro o encerramento.